

**HILDA HILST**

OBRA POÉTICA REUNIDA (1950 - 1996)

**Organização: Edson Costa Duarte**

Hilda Hilst

OBRA POÉTICA REUNIDA (1950-1996)

Casa do Sol

A ilustração da capa.....

FICHA CATALORÁFICA ELABORADA POR  
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Hilst, Hilda

H00x Poesia reunida / Hilda Hilst-- CIDADE, ESTADO: Editora da  
Universidade XXXXX, 1998.

1. Hilst, Hilda, 1930 - /// - Literatura Brasileira séc. XX
2. Ficção Brasileira. I. Universidade XXXXXXXXXXXXXXX  
II. Título.

00.XXX - B869.000  
B 869.00

ISBN 00-000-000-0 (Editora XXXXXXXXXXX)

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritor Brasileiro - Obra Reunida B869.000
2. Ficção Brasileira B869.00

Copyright © 1998 Hilda Hilst

Editora XXXXXXXXX

Endereço XXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Tel: (000) 0000000000 / Fax (000) 00000000

## Sumário

Cantares do Sem Nome e de Partidas (1995).....	5
Do desejo (1992).....	14
Do desejo (1992).....	15
Da noite (1992).....	20
Amavisse (1989).....	24
Via Espessa.....	35
Via Vazia.....	42
Alcoólicas (1989).....	46
Sobre a Tua Grande Face (1986).....	51
Poemas malditos gozosos e devotos (1984).....	
Cantares da perda e predileção (1983).....	74
Da morte. Odes mínimas (1979).....	
- Tempo Morte.....	
- À Tua Frente. Em vaidade.....	
Júbilo Memória Noviciado da Paixão (1974).....	
- Dez chamamentos ao amigo.....	
- O poeta inventa viagem, retorno e morre de saudade.....	
- Moderato cantabile.....	
- Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio.....	

- Prelúdios-Intensos para os desmemoriados do amor.....
- Árias pequenas. Para bandolim.....
- Ária única, turbulenta.....
- Poemas aos Homens do nosso tempo.....
- Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria  
de Araújo (1967).....
- Corpo de Terra.....
- Corpo de luz.....
- Exercícios para uma idéia (1967).....
- Trajectoria poética do ser (1963-1966).....
- Passeio.....
- Memória.....
- Odes maiores ao pai.....
- Iniciação do poeta.....
- Sete cantos do poeta para o anjo (1962).....
- Ode fragmentária (1961).....
- Bucólicas.....
- Testamento lírico.....
- 
- Heróicas.....
- Trovas de muito amor para um amado senhor (1960).....
- Roteiro do Silêncio (1959).....
- Cinco elegias.....
- Sonetos que não são.....
- Do amor contente e muito descontente.....
- Balada do festival (1955).....
- Balada de Alzira (1951).....
- Presságio (1950).....

**CANTARES DO SEM-NOME E DE PARTIDAS**

(1995)



A André Pinotti  
e à memória de  
Mirella Pinotti

*Ó tirânico Amor, ó caso vário  
Que obrigas um querer que sempre seja  
De si contínuo e áspero adversário...*

Luiz Vaz de Camões

*Cubram-lhe o rosto, meus olhos ofuscam-se;  
ela morreu jovem.*

John Webster

I

Que este amor não me cegue nem me siga.  
E de mim mesma nunca se aperceba.  
Que me exclua do estar sendo perseguida  
E do tormento  
De só por ele me saber estar sendo.  
Que o olhar não se perca nas tulipas  
Pois formas tão perfeitas de beleza  
Vêm do fulgor das trevas.  
E o meu Senhor habita o rutilante escuro  
De um suposto de heras em alto muro.

Que este amor só me faça descontente  
E farta de fadigas. E de fragilidades tantas  
Eu me faça pequena. E diminuta e tenra  
Como só soem ser aranhas e formigas.

Que este amor só me veja de partida.

II

E só me veja

No não merecimento das conquistas.  
De pé. Nas plataformas, nas escadas  
Ou através de umas janelas baças:  
Uma mulher no trem: perfil desabitado de carícias.  
E só me veja no não merecimento e interdita:  
Papéis, valises, tomos, sobretudos

Eu-alguém travestida de luto. (E um olhar  
de púrpura e desgosto, vendo através de mim  
navios e dorsos).

Dorsos de luz de águas mais profundas. Peixes.  
Mas sobre mim, intensas,ilhargas juvenis  
Machucadas de gozo.

E que jamais perceba *o rocío* da chama:  
Este molhado fulgor sobre o meu rosto.

### III

Isso de mim que anseia desepedida  
(Para perpetuar o que está sendo)  
Não tem nome de amor. Nem é celeste  
Ou terreno. Isso de mim é marulhoso  
E tenro. Dançarino também. Isso de mim  
É novo: Como quem come o que nada contém.  
A impossível oquidão de um ovo.

Como se um tigre  
Reversivo,  
Veemente de seu avesso  
Cantasse mansamente.

Não tem nome de amor. Nem se parece a mim.  
Como pode ser isto? Ser tenro, marulhoso  
Dançarino e novo, ter nome de ninguém  
E preferir ausência e desconforto  
Para guardar no eterno o coração do outro.

#### IV

E por que, também não doloso e penitente?  
Dolo pode ser punhal. E astúcia, logro.  
E isso sem nome, o despedir-se sempre  
Tem muito de sedução, armadilhas, minúcias  
Isso sem nome fere e faz feridas.  
Penitente e algoz:  
Como se só na morte abraçasses a vida.

É pomposo e pungente. Com ares de santidade  
Odores de cortesã, pode ser carmelita  
Ou Catarina, ser menina ou malsã.

Penitente e doloso  
Pode ser o sumo de um instante.  
Pode ser tu-outro pretendido, teu adeus, tua sorte.  
Fêmea-rapaz, ISSO sem nome pode ser um todo

Que só se ajusta ao Nunca. Ao Nunca Mais.

V

O Nunca Mais não é verdade.  
Há ilusões e assomos, há repentos  
De perpetuar a Duração.  
O Nunca Mais é só meia-verdade:  
Como se visses a ave entre a folhagem  
E ao mesmo tempo não  
(E antevisses  
Contentamento e morte na paisagem).

O Nunca Mais é de planícies e fendas.  
É de abismos e arroyos.  
É de perpetuidade no que pensas efêmero  
E breve e pequenino  
No que sentes eterno.

Nem é corvo ou poema o Nunca Mais.

VI

Tem nome veemente. O Nunca Mais tem fome.  
De formosura, desgosto, ri  
E chora. Um tigre passeia o Nunca Mais  
Sobre as paredes do gozo. Um tigre te persegue.

E perseguido és novo, devastado e outro.  
Pensas comicidade no que é breve: paixão?  
Há de se diluir. Molhaduras, lençóis  
E de fartar-se,  
O nojo. Mas não. Atado à tua própria envoltura  
Manchado de quimeras, passeias teu costado.

O Nunca Mais é a fera.

## VII

Rios de rumor: meu peito te dizendo adeus.  
Aldeia é o que sou. Aldeã de conceitos  
Porque me fiz tanto de ressentimentos  
Que o melhor é partir. E te mandar escritos.  
Rios de rumor no peito: que te viram subir  
A colina de alfafas, sem éguas e sem cabras  
Mas com a mulher, aquela,  
Que sempre diante dela me soube tão pequena.  
Sabenças? Esqueci-as. Livros? Perdi-os.  
Perdi-me tanto em ti  
Que quando estou contigo não sou vista  
E quando estás comigo vêem aquela.

## VIII

Aquela que não te pertence por mais queira  
(Porque ser pertencente)

É entregar a alma a uma Cara, a de áspide  
Escura e clara, negra e transparente), Ai!  
Saber-se pertencente é ter mais nada.  
É ter tudo também.  
É como ter o rio, aquele que deságua  
Nas infinitas águas de um sem-fim de ninguéns.  
Aquele que não te pertence não tem corpo.  
Porque corpo é um conceito suposto de matéria  
E finito. E aquela é luz. E etérea.

Pertencente é não ter rosto. É ser amante  
De um Outro que nem nome tem. Não é Deus nem Satã.  
Não temilharga ou osso. Fende sem ofender.  
É vida e ferida ao mesmo tempo, “ESSE”  
Que bem me sabe inteira pertencida.

## IX

Ilharga, osso, algumas vezes é tudo o que se tem.  
Pensas de carne a ilha, e majestoso o osso.  
E pensas maravilha quando pensas anca  
Quando pensas virilha pensas gozo.  
Mas tudo mais falece quando pensas tardança  
E te despedes.  
E quando pensas breve  
Teu balbucio trêmulo, teu texto-desengano  
Que te espia, e espia o pouco tempo te rondando a ilha.  
E quando pensas VIDA QUE ESMORECE. E retomas  
Luta, ascese, e as mós do tempo vão triturando

Tua esmaltada garganta... Mas assim mesmo  
Canta! Ainda que se desfaçam ilhargas, trilhas...  
Canta o começo e o fim. Como se fosse verdade  
A esperança.

X

Como se fosse verdade encantações, poemas  
Como se Aquele ouvisse arrebatado  
Teus cantares de louca, as cantigas da pena.  
Como se a cada noite de ti se despedisses  
Com colibris na boca.  
E candeias e frutos, como se fosses amante  
E estivesses de luto, e Ele, o Pai  
Te fizesse porisso adormecer...  
(Como se se apiedasse porque humana  
És apenas poeira,  
E Ele o grande Tecelão da tua morte: a teia).

Como se fosse vão te amar e por isso perfeito.  
Amar o perecível, o nada, o pó, é sempre despedir-se.  
E não é Ele, o Fazedor, o Artífice, o Cego  
O Seguidor disso sem nome? ISSO...

O amor e sua fome.



**Do Desejo** (1992)

À memória de  
Apolonio de Almeida Prado Hilst  
meu pai

## Do Desejo

Quem és? Perguntei ao desejo.  
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

## I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.  
Antes, o cotidiano era um pensar alturas  
Buscando Aquele Outro decantado  
Surdo à minha humana ladradura.  
Visgo e suor, pois nunca se faziam.  
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo  
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás  
Depois das lidas. Sonhei penhascos  
Quando havia o jardim aqui ao lado.  
Pensei subidas onde não havia rastros.  
Extasiada, fodo contigo  
Ao invés de ganhar diante do Nada.

## II

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.  
Que desenhos e rictus na tua cara  
Como os frisos veementes dos tapetes antigos.  
Que sombrio te tornas se repito  
O sinuoso caminho que persigo: um desejo  
Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.  
E que escura me faço se abocanhas de mim  
Palavras e resíduos. Me vêm fomes  
Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas  
Facas, tempestade. Ver-te. Tocar-te.  
Cordura.  
Crueldade.

III

Colada à tua boca a minha desordem.  
O meu vasto querer.  
O impossível se fazendo ordem.  
Colada à tua boca, mas descomedida  
Árdua  
Construtor de ilusões examino-te sôfrega  
Como se fosses morrer colado à minha boca.  
Como se fosse nascer  
E tu fosses o dia magnânimo  
Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.

IV

Se eu disser que vi um pássaro  
Sobre o teu sexo, deverias crer?  
E se não for verdade, em nada mudará o Universo.  
Se eu disser que o desejo é Eternidade  
Porque o instante arde interminável  
Deverias crer? E se não for verdade  
Tantos o disseram que talvez possa ser.  
No desejo nos vêm sofomanias, adornos  
Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro  
Voando sobre o Tejo. Por que não posso  
Pontilhar de inocência e poesia

Ossos, sangue, carne, o agora  
E tudo isso em nós que se fará disforme?

V

Existe a noite, e existe o breu.  
Noite é o velado coração de Deus  
Esse que por pudor não mais procuro.  
Breu é quando tu te afastas ou dizes  
Que viajas, e um sol de gelo  
Petrifica-me a cara e desobriga-me  
De fidelidade e de conjura. O desejo  
Esse da carne, a mim não me faz medo.  
Assim como me veio, também não me avassala.  
Sabes por quê? Lutei com Aquele.  
E dele também não fui lacaia.

VI

Aquele Outro não via minha muita amplidão.  
Nada LHE bastava. Nem ígneas cantigas.  
E agora vã, te pareço soberba, magnífica  
E fodes como quem morre a última conquista  
E ardes como desejei arder de santidade.  
(E há luz na tua carne e tu palpitas.)

Ah, porque me vejo vasta e inflexível  
Desejando um desejo vizinhante  
De uma Fome irada e obsessiva?

## VII

Lembra-te que há um querer doloroso  
E de fastio a que chamam de amor.  
E outro de tulipas e de espelhos  
Licencioso, indigno, a que chamam desejo.  
Há o caminhar um descaminho, um arrastar-se  
Em direção aos ventos, aos açoites  
E um único extraordinário turbilhão.  
Porque me queres sempre nos espelhos  
Naquele descaminhar, no pó dos impossíveis  
Se só me quero viva nas tuas veias?

## VIII

Se te ausentas há paredes em mim.  
Friez de ruas duras  
E um desvanecimento trêmulo de avencas.  
Então me amas? te pões a perguntar.  
E eu repito que há paredes, friez  
Há ,olimentos, e nem por isso há chama.  
DESEJO é um Todo lustroso de carícias  
Uma boca sem forma, em Caracol de Fogo.  
DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue

E outra com a ferocidade de Um só Amante.  
DESEJO é Outro. Voragem que me habita.

IX

E por que haverias de querer minha alma  
Na tua cama?  
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas  
Obscenas, porque era assim que gostávamos.  
Mas não menti gozo prazer lascívia  
Nem omiti que a alma está além, buscando  
Aquele Outro. E te repito: por que haverias  
De querer minha alma na tua cama?  
Jubila-te da memória de coitos e acertos.  
Ou tenta-me de novo. Obriga-me.

X

Pulsas como se fossem de carne as borboletas.  
E o que vem a ser isso? perguntas.  
Digo que assim há de começar o meu poema.  
Então te queixas que nunca estou contigo  
Que de improviso lanço versos ao ar  
Ou falo de pinheiros escoceses, aqueles  
Que apetecia a Talleyrand cuidar.  
Ou ainda quando grito ou desfaleço  
Advinhas sorrisos, códigos, conluios  
Dizes que os devo ter nos meus avessos.

Pois pode ser.

Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo.

Pensá-LO é gozo. Então não sabes? INCORPÓREO É O DESEJO.



DA NOITE

I

Vi as éguas da noite galopando entre as vinhas  
E buscando meus sonhos. Eram soberbas, altas.  
Algumas tinham manchas azuladas  
E o dorso reluzia igual à noite  
E as manhas morriam  
Debaixo de suas patas encarnadas.

Vi-as sorvendo as uvas que pendiam  
E os beiços eram negros e orvalhados.  
Uníssonas, resfolegavam.

Vi as éguas da noite entre os escombros  
Da paisagem que fui. Vi sombras, elfos e ciladas.  
Laços de pedra e palha entre as alfombras  
E vasto, um poço engolindo meu nome e meu retrato.

Vi-as tumultuadas. Intensas.  
E numa delas, insone, me vi.

II

Que canto há de cantar o que perdura?  
A sombra, o sonho, o labirinto, o caos  
A vertigem de ser, a asa, o grito.  
Que mitos, meu amor, entre os lençóis:  
O que tu pensas gozo é tão finito  
E o que pensas amor é muito mais.

Como cobrir-te de pássaros e plumas  
E ao mesmo tempo te dizer adeus  
Porque imperfeito és carne e perecível

E o que eu desejo é luz e imaterial.

Que canto há de cantar o indefinível?  
O toque sem tocar, o olhar sem ver  
A alma, amor, entrelaçada dos indescritíveis.  
Como te amar, sem nunca merecer?

### III

Vem dos vales a voz. Do poço.  
Dos penhascos. Vem funda e fria  
Amolecida e terna, anêmonas que vi:  
Corfu. No mar Egeu. Em Creta.  
Vem revestida às vezes de aspereza  
Vem com brilhos de dor e madrepérola  
Mas ressoa cruel e abjeta  
Se me proponho ouvir. Vem do Nada.  
Dos vínculos desfeitos. Vem do Nada.  
Dos vínculos desfeitos. Vem dos ressentimentos.  
E sibilante e lisa  
Se faz paixão, serpente, e nos habita.

### IV

Dirás que sonho o dementado sonho de um poeta  
Se digo que me vi em outras vidas  
Entre claustros, pássaros, de marfim uns barcos?  
Dirás que sonho uma rainha persa  
Se digo que me vi dolente e inaudita  
Entre amoras negras, nêsperas, sempre-vivas?  
Mas não. Alguém gritava: acorda, acorda Vida.  
E se te digo que estavas a meu lado  
E eloqüente e amante e de palavras ávido  
Dirás que menti? Mas não. Alguém gritava:  
Palavras... apenas sons e areia. Acorda.  
Acorda Vida.

## V

Águas. Onde só os tigres mitigam a sua sede.  
Também eu em ti, feroz, encantoada  
Atravessei as cercaduras raras  
E me fiz máscara, mulher e conjetura.  
Águas que não bebi. Crespusculares. Cavas.  
Códigos que decifrei e onde me vi mil vezes  
Inconexa, parca. Ah, toma-me de novo  
Antiquíssima, nova. Como se fosses o tigre  
A beber daquelas águas.

## VI

O que é a carne? O que é esse Isso  
Que recobre o osso  
Este novelo liso e convulso  
Esta desordem de prazer e atrito  
Este caos de dor dobre o pastoso.  
A carne. Não sei este Isso.

O que é o osso? Este viço luzente  
Desejoso de envoltório e terra.  
Luzidio rosto.  
Ossos. Carne. Dois Issos sem nome.

## VII

Dunas e cabras. E minha alma voltada  
Para o fosco profundo da Tua Cara.  
Passeio meu caminho de pedra, leite e pêlo.  
Sou isto: um alguém-nada que te busca.  
Um casco. Um cheiro. Esvazia-me de perguntas.  
De roteiro. Que eu apenas suba.

## VIII

Costuro o infinito sobre o peito.  
E no entanto sou água fugidia e amarga.  
e sou crível e antiga como aquilo que vês:

Pedras, frontões no Todo inamovível.  
Terrena, me adivinho montanha algumas vezes.  
Recente, inumana, inexprimível  
Costuro o infinito sobre o peito  
Como aqueles que amam.

IX

Penso linhos e unguentos  
Para o coração machucado de Tempo.  
Penso bilhas e pátios  
Pela comoção de contemplá-los.  
(E de te ver ali  
À luz da geometria de teus atos)  
Penso-te  
Pensando-me em agonia. E não estou.  
Estou apenas densa  
Recolhendo aroma, passo  
O refulgente de ti que me restou.

X

Que te demores, que me persigas  
Como alguns perseguem as tulipas  
Para prover o esquecimento de si.  
Que te demores  
Cobrindo-me de sumos e de tintas  
Na minha noite de fomes.

Reflete-me. Sou teu destino e poente.  
Dorme.

**AMAVISSE**

À memória de Ernest Becker  
À memória de Vladimir Jankelevitch

...ter um dia amado (*amavisse*)

Vladimir Jankelevitch



Porco-poeta que me sei, na cegueira, no charco  
À espera da Tua Fome, permita-me a pergunta  
Senhor dos porcos e de homens:  
Ouviste acaso, ou te foi familiar  
Um verbo que nos baixios daqui muito se ouve  
O verbo amar?

Porque na cegueira, no charco  
Na trama dos vocábulos  
Na decantada lâmina enterrada  
Na minha axila de pêlos e de carne  
Na esteira de palha que me envolve a alma

Do verbo apenas entrevi o contorno breve:  
É coisa de morrer e de matar mas tem som de sorriso.  
Sangra, estilhaça, devora, e por isso  
De entender-lhe o cerne não me foi dada a hora.

É verbo?  
Ou sobrenome de um deus prenhe de humor?

Na périplo aventura da conquista?

I

Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia  
Quando cruzares o Amanhã, a luz, o impossível  
Porque de barro e palha tem sido esta viagem  
Que faço a sós comigo. Isenta de traçado  
Ou de complicada geografia, sem nenhuma bagagem  
Hei de levar apenas a vertigem e a fé:  
Para teu corpo de luz, dois fardos breves.  
Deixarei palavras e cantigas. E movediças  
Embaçadas vias de Ilusão.  
Não cantei cotidianos. Só cantei a ti  
Pássaro-Poesia  
E a paisagem-limite: o fosso, o extremo  
A convulsão do Homem.

Carrega-me contigo.  
No Amanhã.

## II

Como se perdesse, assim te quero.  
Como se não te visse (favas douradas  
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco  
Inamovível, e te respiro inteiro

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Como se fosse tudo o mais me permitisses,  
A mim me fotografo nuns portões de ferro  
Ocres, altos, e eu mesma diluída e mínima  
No dissoluto de toda despedida.

Como se te perdesse nos trens, nas estações  
Ou contornando um círculo de águas  
Removente ave, assim te somo a mim:  
De redes e de anseios inundada.

## III

De uma fome de afagos, tigres baços  
Vêm se juntar a mim na noite oca.  
E eu mesma estilhaçada, prenhe de solidões  
Tento voltar à luz que me foi dada  
E sobreponho as mãos nas veludas patas.

De uma fome de sonhos  
Tento voltar àquelas geografias

De um Fazedor de versos e sua estada.  
Memorizo este ser que me sou

E sobre os fulcros dentes, ali  
É que passeio e deslizo a minha fome.

Então se aquietam de pura madrugada  
Meus tigres de ferrugem. As garras recolhidas  
Como se mesmo amorte os excluísse.

#### IV

Se chegarem as gentes, diga que vivo o meu avesso.  
Que há um vivaz escarlata  
Sobre o peito de antes palidez, e linhos faiscantes  
Sobre as magras ancas, e inquietantes cardumes  
Sobre os pés. Que a boca não se vê, nem se ouve a palavra

Mas há fonemas sílabas sufixos diagramas  
Contornando o meu quarto de fundo sem começo.  
Que a mulher parecia adequada numa noite de antes  
E amanheceu como se vivesse sob as águas. Crispada.  
Flutissonante.

Diga-lhes principalmente  
Que há um oco fulgente num todo escancarado.  
E um negrume de traço nas paredes de cal  
Onde a mulher-avesso se meteu.  
Que ela não está neste domingo à tarde, apropriada.

E que tomou algália  
E gritou às galinhas que falou com Deus.

V

As maçãs ao relento. Duas. E o viscoso  
Do Tempo sobre a boca e a hora. As maçãs  
Deixa-as para quem devora esta agonia crua:  
Meu instante de penumbra salivosa.

As maçãs comi-as como quem namora. Tocando  
Longamente a pele nua. Depois mordi a carne  
De maçãs e sonhos: sua alvura porosa.

E deitei-me como quem sabe o Tempo e o vermelho:  
Brevidade de um passo no passeio.

VI

Que as barcaças do Tempo me devolvam  
A primitiva urna de palavras.  
Que me devolvam a ti e o teu rosto  
Como desde sempre o conheci: pungente  
Mas cintilando de vida, renovado  
Como se o sol e o rosto caminhassem  
Porque vinha de um a luz do outro.

Que me devolvam a noite, o espaço

De me sentir tão vasta e pertencida  
Como se as águas e madeiras de todas as barcaças  
Se fizessem matéria rediviva, adolescência e mito.

Que eu te devolva a fome do meu primeiro grito.

## VII

Aquele fino traço de colina  
Quero trancar na cancela  
Da alma. Alimento e medida  
Para as muitas vidas do depois.

Curva de um devaneio inantigido  
Um todo estendido adolescente  
Aquele fino traço da colina  
Há de viver na paisagem da mente

Como a distância habita em certos pássaros  
Como o poeta habita nas ardências.

## VIII

Guardo-vos manhãs de terracota e azul  
Quando o meu peito tingido de vermelho

Vivia a dissolvência da paixão.  
O capim calcinado das queimadas  
Tinha o cheiro da vida, e os atalhos  
Estreitos tinham tudo a ver com o desmedido  
E as águas do universo se faziam parcas  
Para afogar meu verso. Guardo-vos, iluminadas  
Recedentes manhãs tão irreais no hoje  
Como fazer nascer girassóis no topázio  
E dos rubis, romãs.

## IX

Amor chagado, de púrpura, de desejo  
Pontilhado. Volto à seiva de cordas  
Da guitarra, e recheio de sons o teu jazigo.  
Volto empoeirada de vestígios, arvoredos de ouro  
Do que fomos, gotas de sal na planície do olvido  
Para recender a tua fome.  
Amor de sombras de ocasos e de ovelhas.  
Volto como quem soma a vida inteira  
A todos os outonos. Volto novíssima, incoerente  
Cógnita  
Como quem vê e escuta o cerne da semente  
E da altura de dentro já lhe sabe o nome.

E reverdeço  
No rosa de umas tangerinas  
E nos azuis de todos os começos.

X

Há um incêndio de angústia e de sons  
Sobre os instantos. E no corpo da tarde  
Se fez uma ferida. A mulher emergiu  
Descompassada no de dentro da outra:  
Uma mulher de mim nos incêndios do Nada.  
Tinha o dorso de uns rios: quebradiço  
E terroso. O peito carregado de ametistas.  
Uma mulher me viu no roxo das ciladas:  
Esculpindo de novo teu rosto no vazio.

XI

Os ponteiros de anil no esguio das águas.  
Tua sombra azulada repensando os rios  
E agudíssimas horas atravessando o leito  
Das barcaças.  
Tem sido noite extrema. Finos fios  
Sulcando de sangue as esperanças.

Os ponteiros de anil. Nossas duas vidas  
Devastadas, num lago de janeiros.



## XII

Se tivesse madeira e ilusões  
Faria um barco e pensaria o arco-íris.  
Se te pensasse, amigo, a Terra toda  
Seria de saliva e de chegada.  
Te moldaria numa carne de antes  
Sem nome ou Paraíso.

Se me pensasses, Vida, que matéria  
Que cores para minha possível sobrevida?

## XIII

Extrema, toco-te o rosto. De ti me vem  
À ponta dos meus dedos o ouro da volúpia  
E o encantado glabro das avencas. De ti me vem  
A noite tingida de matizes, flutuante  
De mitos e de águas. Inaudita.  
Extrema, toco-te a boca como quem precisa  
Sustentar o fogo para a própria vida.  
E úmido de cio, de inocência,  
É à saudade de mim que me condenas.

Extrema, inomeada, toco-me a mim.  
Antes, tão memória. E tão jovem agora.

## XIV

*um fado para guitarra*

Outeiros, átrios, pombas e vindimas.  
Em algum tempo  
Vivi a eternidade dessas rimas.  
Pastora, entre os animais é que cresci. E lhes pensava  
O pêlo e a formosura. Senhora, tive a casa  
Daqueles da minha raça. Agrandados vestíbulos  
E aves e pomares, e por fidelidade pereci.  
De humildes aldeias e de casas grandes  
Translitei entre as vidas. Depois amei  
Extremante e soturna. A quem me amava matei.  
Porisso nesta vida temo o amor e facas.  
Porisso nesta vida

Canto canções assim tão compassivas  
Na língua esquecida.

XV

Paliçadas e juncos  
E agudos gritos de um pássaro nos alagadiços.  
Tem sido este o tempo de prenúncios.

Tecida de carmim no traçado das horas  
A vida se refaz:  
Um risco de sorriso nos olhos luminosos  
Um ter visto

O traçado do extenso no inatingível Paraíso.

e de novo, no instante  
Paliçadas e juncos.  
E agudos gritos de um pássaro nos alagadiços.

## XVI

Devo viver entre os homens  
Se sou mais pêlo, mais dor  
Menos garra e menos carne humana?  
e não tendo armadura  
E tendo quase muito de cordeiro  
E quase nada de mão que empunha a faca  
Devo continuar a caminhada?

Devo continuar a te dizer palavras  
Se a poesia apodrece  
Entre as ruínas da Casa que é a tua alma?  
Ai, Luz que permanece no meu corpo e cara:  
Como foi que desaprendi de ser humana?

## XVII

As barcas afundadas. Cintilantes  
Sob o rio. E é assim o poema. Cintilante  
E obscura barca ardendo sob as águas.  
Palavras eu as fiz nascer

Dentro da tua garganta.  
Úmidas algumas, de transparente raiz:  
Um molhado de línguas e de dentes.  
Outras de geometria. Finas, angulosas  
Como são as tuas  
Quando falam de poetas, de poesia.

As barcas afundadas. Minhas palavras.  
Mas poderão arder luas de eternidade.  
E douradas, de ironia as tuas  
Só através da minha vida vão viver.

### XVIII

Será que apreendo a morte  
Perdendo-me a cada dia  
No patamar sem fim do sentimento?  
Ou quem sabe apreendo a vida  
Escurecendo anárquica na tarde  
Ou se pudesse  
Tomar para o meu peito a vastidão  
O caminho dos ventos  
O descomedimento da contiga.

Será que apreendo a sorte  
Entrelaçando a cinza do morrer  
Ao sêmen da tua vida?

## XIX

Empoçada de instantes, cresce a noite  
Descosendo as falas. Um poema entre-muros  
Quer nascer, de carne jubilosa  
E longo corpo escuro. Pergunro-me  
Se a perfeição não seria o não dizer  
E deixar aquietadas as palavras  
Nos noturnos desvãos. Um poema pulsante

Ainda que imperfeito quer nascer.

Estando sobre a mesa o grande corpo  
Envolto na sua bruma. Expiro amor e ar  
Sobre as suas ventas. Nasce intensa  
E luzente a minha cria  
No azulecer da tinta e à luz do dia.

## XX

De grossos muros, de folhas machucadas  
É que caminham as gentes pelas ruas.  
De dolorido sumo e de duras frentes  
É que são feitas as caras. Ai, Tempo

Entardecido de sons que não compreendo  
Olhares que se fazem bofetadas, passos  
Cavados, fundos, vindos de um alto poço  
De um sinistro Nada. E bocas tortuosas

Sem palavras.

E o que há de ser da minha boca de inventos  
Neste entender. E o do ouro que sai  
Da garganta dos loucos, o que há de ser?

VIA ESPESSA

I

De cigarras e pedras, querem nascer palavras.  
Mas o poeta mora  
A sós num corredor de luas, uma casa de águas.  
De mapas-múndi, de atalhos, querem nascer viagens.  
Mas o poeta habita  
O campo de estalagens de loucura.

Da carne de mulheres, querem nascer os homens.  
E o poeta preexiste, entre a luz e o sem-nome.

II

Se te pertenço, separo-me de mim.  
Perco meu passo nos caminhos de terra  
E de Dionísio sigo a carne, a ebriedade.  
Se te pertenço perco a luz e o nome  
E a nitidez do olhar de todos os começos:  
O que me parecia um desenho no eterno  
Se te pertenço é um acorde ilusório no silêncio.

E por isso, por perder o mundo  
Separo-me de mim. Pelo Absurdo.

III

Olhando o meu passeio



Há um louco sobre o muro  
Balançando os pés.  
Mostra-me o peito estufado de pêlos  
E tem entre as coxas um lixo de papéis:  
- Procura Deus, senhora? Procura Deus?

E simétrico de zelos, balouçante  
Dobra-te num salto desnuda o traseiro.

#### IV

O louco estendeu-se sobre a ponte  
E atravessou o instante.  
Estendi-me ao lado da loucura  
Porque quis ouvir o vermelho do bronze

E passar a língua sobre a tintura espessa  
De um açoite.

Um louco permitiu que eu juntasse a sua luz  
À minha dura noite.

#### V

O louco (a minha sombra) escancarou a boca:  
\_ O que restou de nós decifrado nos sonhos  
Os arrozais, teu nome, tardes, juncos  
Tuas ruas que no meu caminho percorri  
Ai, sim, me lembro de um sentir de adornos

Mas há uma luz sem nome que me queima  
E das coisas criadas me esqueci.

VI

O louco saltimbanco  
Atravessa a estrada de terra  
Da minha rua, e grita à minha porta:  
- Ó senhora Samsara, ó senhora -  
Pergunto-lhe por que me faz a mim tão perseguida  
Se essa de nome esdrúxulo aqui não mora.

- Pois aquilo que caminha em círculos  
É Samsara, senhora -  
E recheado de risos, murmura uns indizíveis  
Colado ao meu ouvido.

VII

Devo voltar à luz que me pensou  
De poeira e começos?  
Devo voltar ao barro e às mãos de vidro  
Que fragilizadas me pensaram?  
Devo pensar o louco (a minha sombra)  
À luz das emboscadas?  
Ai girassóis sobre a mesa de águas.

- Estetizante - disse-me o louco  
Grudado à minha poética omoplata.

- Os girassóis? Ah, Samsara, teu esquecido sol.  
Uma mesa de águas? Que volúpia, que máscara  
E que ambíguo deleite  
Para a voracidade de tua alma.

### VIII

Eram águas castanhas as que eu via.  
Caras de palha e cprda nas barcaças brancas.  
Velas de linhos novos, luzidios  
Mas resíduos. Sobras.

Colou-se minha sombra às minhas costas:

- Que bagagem, senhora.  
O Nada navegando à tua porta.

### IX

O louco se fechou ao riso  
Se torceu convulso de fingida agonia  
E como se lançasse flores à cova de um morto  
Atirou-me os guizos.  
Por quê? perguntei adusta e ressentida.

- Ó senhora, porque mora na morte  
Aquele que procura Deus na austeridade.

### X

- É o olho copioso de Deus. É o olho cego

De quem quer ver. Vês? De tão aberto  
Queimado de amarelo -  
Assim me disse o louco (esguio e loiro)  
Olhando o girassol que nasceu no meu teto.

XI

De canoas verdes de amargas oliveiras  
De rios pastosos de cascalho e poeira  
De tudo isso meu cantochão e ervas negras.  
Grita-me o louco:  
- De amoras. De tintas rubras do instante  
É que se tinga a vida. De embriaguez, Samsara.

E atravessou no riso a tarde fulva.

XII

Temendo desde agosto o fogo e o vento  
Caminho junto às cercas, cuidadosa  
Na tarde de queimadas, tarde cega.  
Há um velho mourão enegrecido de queimadas antigas.  
E ali reencontro o louco:  
- Temendo os teus limites, Samsara esvaecida?  
Por que não deixas o fogo onividente  
Lamber o corpo e a escrita? E por que não arder  
Casando o Onisciente à tua vida?

### XIII

- Querer voar, Samsara? Queres trocar o moroso das pernas  
Pela magia das penas. e planar coruscante  
Acima da demência? Porque te vejo às tardes desejosa  
De ser uma das aves retardatárias do pomar.  
Aquele ali talvez, rumo ao poente.

Pois pode ser, lhe disse. Santos e lobos  
Devem ter tido o meu mesmo pensar. Olhos no céu  
Orando, uivando aos corvos.

Então aproximou-se rente ao meu pescoço:  
- Esquece texto e sabença: as cadeias do gozo.  
E labaredas do intenso te farão o vôo.

### XIV

Telhas, calhas  
Cordas de luz que se fizeram palavra  
Alguém sonha a carne da minha alma.

Ecos, poço  
O esquecimento perseguindo um corpo  
Aqui me tens entre a vigília e o encanto

Cativa da loucura  
Perseguido o louco.

XV

Eram azuis as paredes do prostíbulo  
Ela estendeu-se nua entre os arcos da sala  
E matou-se devassada de ternura.  
“Que azul insuportável”, antes gritou.  
“Como se adulta um berço me habitasse”

Foi esta a canção de Natal cantada pelo louco  
Quando me deu a Hilde: a porca que levava sobre o dorso.

XVI

- Não percebes, Samsara, que Aquele que se esconde  
E que tu sonhas homem, quer ouvir teu grito?  
Que há uma luz que nasce da blasfêmia  
E amortece na pena? Que é o cinza a cor do teu queixume  
E o grito tem a cor do sangue Daquele que se esconde?

Vive o carmim, Samsara. A ferida.  
E terás um vestígio do Homem na tua estrada.

XVII

Minha sombra à minha frente desdobrada

Sombra de sua própria sombra? Sim. Em sonhos via.  
Prateado de guizos  
O louco sussurava um refrão erudito:  
- Ipseidade, Samsara. Ipseidade, senhora. -

E enfeixando energia, cintilando  
Fez de nós dois um único indivíduo.

VIA VAZIA



I

Eu sou Medo. Estertor.  
Tu, meu Deus, uma cavalo de ferro  
Colado à futilidade das alturas.

II

Movo-me no charco. Entre o junco e o lagarto.  
E Tu, como Petrarca, deves cantar tua Laura:

“Le Stelle, il cielo, caldi sospiri”  
E nem há lua esta noite. Nascidas deste canto  
Das palavras, só há borbulhas n’água.

III

Rato d’água, círculo no remoinho da busca.  
Que sou teu filho, Pai, me dizem. Farejo.  
Com a focinhez que me foi dada  
encontro alguns dejetos. Depois, estendido  
Na pedra (que dizem ser teu peito) , busco um sinal.  
E de novo farejo. Há quanto tempo. Há quanto tempo.

IV

À carne aos pêlos, à garganta, à língua

A tudo isso te assemelhas?  
Mas e o depois da morte, Pai?  
As centelhas que nascem da carne sob a terra  
O estar ali cintilando de treva.  
À treva te assemelhas?

V

Dá-me a via do excesso. O estupor.  
Amputado de gestos, dá-me a eloquência do Nada  
Os ossos cintilando  
Na orvalhada friez do teu deserto.

VI

Que vertigem, Pai.  
Pueril e devasso  
No furor da tua víscera  
Trituras a cada dia  
Meu exíguo espaço.

VII

Tu sabes que serram cavalos vivos  
Para que fiquem macias

As sacolas dos ricos?  
Tu gozas ou defecas  
Diante do ato sem nome  
O rubro dessa orgia?

VIII

Descansa.  
O Homem já se fez  
O escuro cego raivoso animal  
Que pretendias.

IX

Uma mulher suspensa entre as linhas e os dentes.  
Antiquíssima ave, marionete de penas  
As asas que pensou lhe foram arrancadas.  
Lavado de luzes, um deus me movimenta.  
Indiferente. Bufo.

X

PEDRA D'ÁGUA, ABISMO, PEDRA-FERRO  
Como te chamas? Para que eu possa ao menos  
Soletrar teu nome, grudada à tua fundura.

XI

Nos paus, no pau-de-lacre,  
Aquele de nervuras e de folhas brilhantes, transitas.  
No pau-de-virar-tripa, só neste último, Pai  
Eu sei que te demoras, meditando minha víscera.

XII

Águas de grande sombra, água de espinhos:  
O Tempo não roerá o verso da minha boca.  
Águas manchadas de um torpor de vinhos:  
Hei de tragá-las todas. E lúbrico, descontínuo  
O TEMPO NÃO VIVERÁ SE TOCAR A MINHA BOCA.

**ALCOÓLICAS** (1989)

a

Goffredo da Silva Telles Júnior  
Ignacio da Silva Telles  
José Aristodemo Pinotti

pelas águas intensas da amizade

*Drink we till we prove more, not lesse, then men,*

*And turn not beasts, but Angels.  
... and forget to dy.*

Richard Crashaw (poet e saint)

I

a Jamil Snege

É crua a vida. Alça de tripa e metal.  
Nela despenco: pedra mórula ferida.  
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.  
Como-a no livro da língua  
Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me  
No estreito-pouco  
Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida  
Tua unha púmblea, me casaco *rosso*  
E perambulamos de coturno pela rua  
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.  
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.  
E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima  
Olho d'água, bebida. A vida é líquida.

## II

Também são cruas e duras as palavras e as caras  
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida  
Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos  
Vão se fazendo remansos, lentilhas d'água, diamantes  
Sobre os insultos do passado e do agora. Aos poucos  
Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas  
De um amora, um que entrevi no teu hálito, amigo  
Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas  
Vai se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte  
É um rei que nos visita e nos cobre de mirra.  
Sussuras: ah, a vida é líquida.

## III

Alturas, tiras, subo-as, recorto-as  
E pairamos as duas, eu e a Vida  
No carmim da borrasca. Embriagadas  
Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.  
Que estiola galhofa. Que desempenados  
Serafins. Nós duas nos vapores  
Lobotômicas líricas, e a gaicagem  
Se transforma em galarim, e é translúcida  
A lama e é extremoso o Nada.  
Descasco o dementado cotidiano  
E seu rito pastoso de parábolas.  
Pacientes, canonisas, muito bem-educadas

Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.

Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida.

#### IV

E bebendo, Vida, recusamos o sólido  
O nodoso, a friez-armadilha  
De algum rosto sóbrio, certa voz  
Que se amplia, certo olhar que condena  
O nosso olhar gasoso: então, bebendo?  
E respondemos lassas lérias letícias  
O lusco das lagartixas, o lustrino  
Das quilhas, barcas, gaivotas, drenos  
E afasta-se de nós o sólido de fechado cenho.  
Rejubilam-se nossas coronárias. Rejubilo-me  
Na noite navegada, e rio, rio, e remendo  
Meu casaco *rosso* tecido de acuçena.  
Se dedutiva e líquida, a Vida é plena.

#### V

Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito  
Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado  
Salpicado de negro, de doçuras e iras.  
Te amo, Líquida, descendo escorrida  
Pela víscera, e assim esquecendo



Fomes  
País  
O riso solto  
A dentadura etérea  
Bola

Miséria.  
Bebendo, Vida, invento casa, comida  
E um Mais que se agiganta, um Mais  
Conquistando um fulcro potente na garganta  
Um látego, uma chama, um canto. Ama-me.  
Embragada. Intedita. Ama-me. Sou menos  
Quando não sou líquida.

## VI

Vem, senhora, estou só, me diz a Vida.  
Enquanto te demoras nos textos eloqüentes  
Aqueles onde meditas a carne, essa coisa  
Que geme sofre e morre, ficam vazios os copos  
Fica em repouso a bebida, e tu sabes que ela é mais viva  
Enquanto escorre. Se te demoras, começa a pensar  
Em tudo que se evola, e cantarás: como é triste  
O poente. E a casa como é antiga. Já vê  
Que te fazes banal na rima e na medida.

Corre. O casaco e o coturno estão em seus lugares.  
Carminadas e altas, vamos rever as ruas

E como dizia o Rosa: os olhos nas nonadas.  
Como tu dizes sempre: os olhos no absurdo.

Vem. Liquidifica o mundo.

## VII

Mandíbulas. Espáduas. Frente e avesso.  
A Vida ressoa o coturno na calçada.  
Estou mais do que viva: embriagada.  
Bêbados e loucos é que repensam a carne o corpo  
Vastidão e cinzas. Conceitos e palavras.  
Como convém a bêbados grito o inarticulado  
A garganta candente, devassada.  
Alguns se ofendem. As caras são paredes. Deitam-me.  
A noite é um infinito que se afasta. Funil. Galáxia.  
Líquida e bemaventurada, sobrevôo. Eu, e o casaco *rosso*  
Que não tenho, mas que a cada noite recrio  
Sobre a espádua.

## VIII

O casaco *rosso* me espia. A lã  
Desfazida por maus tratos  
É gasta e rugosa nas axilas.  
A frente revela nódoas vivas  
Irregulares, distintas  
Porque quando arranco os coturnos

Na alvorada, ou quando os coloco rápida  
Ao crepúsculo, caio sempre de bruços.  
A Vida é que me põe em pé. E a sede.  
E a saliva. A língua procura aquele gosto  
Aquele seco dourado, e acaricia os lábios  
Babando impudente no casaco.

É bom e manso o meu casaco *rosso*.  
Às vezes grita: ah, se te lembrasses de mim  
Quando prolixa. Lava-me, hilda.

## IX

Se um dia te afastares de mim, Vida - o que não creio  
Porque algumas intensidades têm a aparência da bebida -  
Bebe por mim paixão e turbulência, caminha  
Onde houver uvas e papoulas negras (inventas-as)  
Recorda-me, Vida: passeia meu casaco, deita-te  
Com aquele que sem mim há de sentir um prolongado vazio.  
Empresta-lhe meu coturno e meu casaco *rosso* : compreenderá  
O porquê de buscar conhecimento na embriaguês da via manifesta.  
Pervaga. Deita-te comigo. Apreende a experiência lésbica:  
Estilhaça a tua própria medida.

**SOBRE A TUA GRANDE FACE (1986)**

À memória de Ernest Becker

A Ricardo Guilherme Dicke,  
por identificação no exercício  
da procura

Honra-me com teus nadas.  
Traduz me passo  
De maneira que eu nunca me perceba.  
Confunde estas linhas que te escrevo  
Como se um brejeiro escoliasta  
Resolvesse  
Brincar a morte de seu próprio texto.  
Dá-me pobreza e fealdade e medo.  
E desterro de todas as respostas  
Que dariam luz  
A meu eterno entendimento cego.  
Dá-me tristes joelhos.  
Para que eu possa fincá-los num mínimo de terra  
E ali permanecer o teu mais esquecido prisioneiro.  
Dá-me nudez. E andar desordenado. Nenhum cão.  
Tu sabes que amo os animais  
Por isso me sentiria aliviado. E de ti, Sem Nome  
Não desejo alívio. Apenas estreitez e fardo.  
Talvez assim te encantes de tão farta nudez.  
Talvez assim me ames: desnudo até o osso  
Igual a um morto.

O que me vem, devo dizer-te DESEJADO,  
Sem recuo, pejo ou timidez. Porque é mais certo mostrar  
Insolência no verso, do que mentir decerto. Então direi  
O que se coleia a mim, na intimidade, e atravessa os vaus

Da fantasia. Deito-me pensada de bromélias vivas  
E me recrio corpórea e incandescente.  
Tu sabes como nasceu a idéia das pontiagudas catedrais?  
De um louco incendiando um pinheiro de espinhos.  
Arquiteta de mim, me construo à imagem das tuas Casas  
E te adentras em carne e moradia. Queixumosa vou indo  
E queixoso te mostras, depois de te fartares  
Do meu jogo de engodos. E a cada noite voltas  
Numa simulação de dor. Paraíso do gozo.

De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a Ilusão.  
A mesma ilusão

Da água que sorve a água pensando sorver a lua.  
De te pensar me deito nas aguadas  
E acredito luzir e estar atada  
Ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas.  
De te sonhar, Sem Nome, tenho nada  
Mas acredito em mim o ouro e o mundo.  
De te amar, possuída de ossos e de abismos  
Acredito ter carne e vadiar  
Ao redor dos teus cimos. De nunca te tocar  
Tocando os outros  
Acredito ter mãos, acredito ter boca  
Quando só tenho patas e focinho.  
Do muito desejar altura e eternidade

Me vem a fantasia de que Existo e Sou.  
Quando sou nada: água fantasmagórica  
Sorvendo a lua n'água.

Vem apenas de mim, ó Cara Escura  
Este desejo de te tocar o espírito

Ou és tu, precisante de mim e de minha carne  
Que incendeias o espaço e vens muleiro  
Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões  
Rebenque caricioso  
Sobre a minha anca viva?  
Ou há de ser a fome dos teus brilhos  
Que torna vadeante o meu espírito  
E me faz esquecer que sou apenas vício  
escuridade de terra, latejante.

Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura  
Com a qual me disfarço. As facas  
Que a cada dia preparo, no seduzir  
Tua fina simetria. E vem de ti, Obscuro,  
Toda cintilância que jamais me busca.

Quisera dar nomes, muitos, a isso de mim  
Chagoso, triste, informe. Uns resíduos da tarde  
Algumas aves, e asas buscando tua cara de fuligem.  
De áspide.  
Quisera dar o nome de Roxura, porque a ânsia  
Tem parecimento com esse desmesurado de mim

Que te procura. Mas também não é isso  
Este meu neblinar contínuo que te busca.  
Ando em grandes vagezas, açoitando os ares  
Relinchando sombras, carreando o nada.  
Os que me vêem me gritam: como tem passado  
A aldeã de sua alteza? E há chacotas e risos.  
Mas vem vindo de ti um entremuro de sons e de cicios  
Um labiar de sabores, um sem nome de passos  
Como se águas pequenas desaguassem  
Num pomar de abios. Como se eu mesma  
Flutuasse, cativa, ofélica, sobre a tua Grande Face.

Hoje te canto e depois no pó que hei de ser  
Te cantarei de novo. E tantas vidas terei  
Quantas me darás para o meu outra vez amanhecer  
Tentando te buscar. Porque vives de mim, Sem Nome,  
Sutilíssimo amado, relincho do infinito, e vivo  
Porque sei de ti a tua fome, tua noite de ferrugem  
Teu pasto que é o meu verso orvalhado de tintas  
E de um verde negro teu casco e os areais  
Onde me pisas fundo. Hoje te canto  
E depois emudeço se te alcanço. E juntos  
Vamos tingir o espaço. De luzes. De sangue.  
De escarlate.

Desejei te mostrar minha forma humana  
Afastada de todo da velhice. Por isso



É que te chamo a ti desde criança  
E adolescente e mulher, também contigo  
Em chamamento convivi. E tive corpo e cara preciosos  
E brisas crespas numa voz tão rara  
Que se tivesses vindo àquele tempo  
Me verias a mim num corrido de horas  
Um demoroso estar de muitos noivos.  
E de todos, Soturno, nenhum foi tão coalescente

Tão colado à minha carne, como tu foste, ausente.  
Dirás demasiado. Mas fosca e acanhada, hoje,  
Peço-te com o luzir dos ossos  
Com a fragilidade de uma espuma n'água  
Que me visites antes do adeus da minha palavra.

Lavores, cordas e batalhas  
O que me vem da alma. Labor  
Porque trabalho sobre o teu rosto  
De palha: construo o impossível  
Meu senhor. Cordas, porque te amarro  
Com as turquesas informes do desejo.  
E um sem fim de batalhas  
Porque prender a ti num coraçõa de fêmea  
É querer lavores: o quebradiço constante  
Porque tento com a palha  
A finura perfeita de um semblante.  
E o que deve fazer  
Quem não se lembra mais do mais perfeito

E de si mesma só tem o humano gesto?

De montanhas e barcas nada sei.  
Mas sei a trajetória de uma altura  
E certa fundura de águas  
E há de me levar a ti uma das duas.  
De ares e asas não percebo nada.  
Mas atravesso abismos e um vazio de avessos  
Para tocar a luz do teu começo.  
Das pedras só conheço as ágatas.  
Ams arranco do xisto as esmeraldas  
Se me disseres que é o verde a dádiva  
Que responde as perguntas da Ilusão.  
E posso me ferir no gelo das espadas  
Se me quiseres banhada de vermelho.

Em minhas muitas vidas hei de te perseguir.  
Em sucessivas mortes hei de chamar este teu ser sem nome  
Ainda que por fadiga ou plenitude, destruas o poeta  
Destruindo o Homem.

Escaldante, Obscuro. Escaldante teu sopro  
Sobre o fosco fechado da garganta.  
Palavras que pensei acantonadas  
Ressurgem diante do toque novo:  
Carrascais. Gárgulas. Emergindo do luto

Vem vindo um lago de surpreendimento  
Recriando musgo. Voltam as seduções.  
Volta a minha própria cara seduzida  
Pelo teu duplo rosto: metade raízes  
Oquidões e poço, metade o que não sei:  
Eternidade. E volta o fervente langor  
Os sais, o mal que tem sido esta luta  
Na tua arena crispada de punhais.

E destes versos, e da minha própria exuberância  
E excesso, há de ficar em ti o mais sombroso.  
Dirás: que instante de dor e intelecto  
Quando sonhei os poetas na Terra. Carne e poeira  
O perecível, exsudando centelha.

*Casa do Sol, 1985/1986*

## **Poemas Malditos Gozosos e Devotos**

(1994)

À memória de

Ernest Becker

Otto Rank

Simone Weil

*Pensar deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo.*

Simone Weil

I

Pés burilados  
Luz alabastro  
Mandou seu filho  
Ser trespassado

Nós pés de carne  
Nas mãos de carne  
No peito vivo. De carne.

Pés burilados  
Fino formão  
Dedo alongado agarrando homens  
Galáxias. Corpo de homem?  
Não sei. Cuidado.

Vive do grito  
De seus animais feridos  
Vive do sangue de poetas, de crianças

E do martírio de homens  
Mulheres santas.

Temo que se aperceba  
De umas misérias de mim.  
Ou de veladas grandezas

Soberbas

De alguns neurônios que tenho  
Tão ricos, tão carmesins  
Tem esfaimada fome  
Do teu todo que lateja.

Se tenho a pedir, não peço.  
Contente, eu mais lhe agradeço  
Quanto maior a distância.  
E só porisso uma dança, vezenquando  
Se faz nos meus ossos velhos.

Cantando e dançando, digo:  
Meu Deus, por tamanho esquecimento  
Desta que sou, fiapo, da terra um cisco  
Beijo-te pés e artelhos.

Pés burilados  
Luz-alabastro  
Mandou seu filho  
Ser trespassado

Nos pés de carne  
Nas mãos de carne  
No peito vivo. De carne.

Cuidado.

II

Rasteja e espreita  
Levita e deleita  
É negro. Com luz de ouro.

É branco e escuro.  
Tem muito de foice  
E furo.

Se tu és vidro  
É punho. Estilhaça.  
É murro.

Se tu és água  
É tocha. É máquina  
Poderosa se tu és rocha.

Um olfato que aspira  
Teu rastro. Um construtor  
De finitutes gastas.

É Deus.  
Um sedutor nato.

III

Caio sobre teu colo.  
Me retalhas.  
Quem sou?  
Tralhas, do teu divino humor.

Corronhadas exatas  
De tuas mãos sagradas.  
Me queres esbatida, gasta

E antegozas o gosto  
De um trêmulo Nada.

Me devoras  
Com teus dentes ocos.  
A ti me incorporo  
A contra-gosto.

Sou agora fúria  
E descontrole.  
Agito-me desordenado  
Nos teus moles.

Sou façanha  
Escuro pulsante  
Fera doente.

À tua semelhança:  
Homem.



IV

Doem-te as veias?  
Pulsaram porque fizeste  
Do barro dos homens.  
E agora dói-te a Razão?  
Se me visses fazer  
Panelas, cuias

E depois de prontas  
Me visses  
Aquecê-las a um ponto  
A um grande fogo  
Até fazê-las desaparecer

Dirias que sou demente  
Louca?  
Assim fizeste aos homens.

Me deste vida e morte.  
Não te dói o peito?  
Eu preferia  
A grande noite negra  
A esta luz irracional da Vida.

V

Para um Deus, que singular prazer.  
Ser o dono de ossos, ser o dono de carnes  
Ser o enhor de um breve Nada: o homem:  
Equação sinistra  
Tentando parecença contigo, Executor.

O Senhor do meu canto, dizem? sim.  
Mas apenas enquanto dormes.  
Enquanto dormes, eu tento meu destino.  
Do teu sono  
Depende meu verso minha vida minha cabeça.

Dorme, inventado imprudente menino.  
Dorme. Para que o poema aconteça.

## VI

Se mil anos vivesse  
Mil anos te tomaria.  
Tu.  
e tua cara fria.

Teu recesso.  
Teu encostar-se  
Às duras paredes  
De tua sede.

Teu vício de palavras.  
Teu silêncio de facas.  
As nuas molduras  
De tua alma.

Teu magro corpo  
De pensadas asas.  
Meu verso cobrindo  
Inocências passadas.  
Tuas.

Imagina-te a mim  
A teu lado inocente  
A mim, e a essa mistura  
De piedosa, erudita, vadia  
E tão indiferente.

Tu sabes.  
Poeta buscando altura  
Nas tuas coxas frias.

Se eu vivesse mil anos  
Suportaria  
Teu a ti procurar-se.  
Te tomaria, Meu Deus,  
Tuas luzes. Teu contraste.

É rígido e mata  
Com seu corpo-estaca.  
Ama mas crucifica.

O texto é sangue  
E hidromel.  
É sedoso e tem garra  
E lambe teu esforço

Mastiga teu gozo  
Se tens sede, é fel.

Tem tríplexes caninos.  
Te trespassa o rosto  
E chora menino  
Enquanto agonizas.

É pai filho e passarinho.

Ama. Pode ser fino  
Como um inglês.  
É genuíno. Piedoso.

Quase sempre assassino.  
É Deus.

VIII

é neste mundo que te quero sentir.  
É o único que sei. O que me resta.  
Dizer que vou te conhecer a fundo  
Sem as bênçãos da crne, no depois,  
Me parece a mim magra promessa.  
Sentires da alma? Sim. Podem ser prodigiosos.  
Mas tu sabes da delícia da carne  
Dos encaixes que inventaste. De toques.  
Do formoso das hastes. Da corolas.  
Vês como fico pequena e tão pouco inventiva?  
Haste. Corola. São palavras róseas. Mas sangram

Se feitas de carne.

Dirás que o humano desejo  
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,  
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto  
Como os enlevos  
De uma mulher que só sabe o homem.

## IX

Poderia ao menos tocar  
As ataduras da tua boca?  
Panos de linho luminescentes  
com que magoas  
Os que te pedem palavras?

Poderia através  
Sentir teus dentes?  
Tocar-lhes o marfim  
E o liso da saliva

O molhado que mata e ressuscita?

Me permitirias te sentir a língua  
Essa peça que alisa nossas nuças  
E fere rubra  
Nossas delicadas espessuras?

Poderia, ao menos tocar  
Uma fibra desses linhos  
Com repetidos cuidados  
Abrir  
Apenas um espaço, um grão de milho  
Para te aspirar?

Poderia, meu deus, me aproximar?  
Tu, na montanha.  
Eu no meu sonho de estar  
No resíduo dos teus sonhos.

X

Atada a múltiplas cordas

Vou caminhando tuas costas.  
Palmas feridas, vou contornando  
Pontas de gelo, luzes de espinho  
E degredo, tuas omoplatas.

Busco tua boca de veios  
Adentro-me nas emboscadas  
Vazia te busco os meios.  
Te fechas, teia de sombras  
Meu Deus, te guardas.

A quem te procura, calas.  
A mim que pergunto, escondes  
Tua casa e tuas estradas.  
Depois trituras. Corpo de amantes  
E amadas.

E buscas  
A quem nunca te procura.

## XI

Sobem-me as águas. Sobem-te as fúrias.  
Fartas me sobem dor e palavras.  
De vidro, nozes, de vinhas, me sobem dores  
Tão tardas, tão carecentes.

Por que te fazes antigo, se nunca te demoraste

Na terra que preparei, nem nas calçadas  
Da casa? Me vês e me pensas caça?  
Ai, não. Não me pensas. Eu sim, nas noites

Que caminhadas! Que sangramento de passos!  
Que cegueira pretendendo  
Seguir teu próprio cansaço. Olha-me a mim.  
Antes que eu morra de águas., aguada do que inventei.

## XII

Estou sozinha se penso que tu existes.  
Não tenho dados de ti, nem tenho tua vizinhança.  
E igualmente sozinha se tu não existes.  
De que me adiantam  
Poemas ou narrativas buscando

Aquilo, que se não é, não existe  
Ou se existe, então se esconde  
Em sumidouros e cimos, nomenclaturas

Naquelas não evidências  
Da matemática pura? É preciso conhecer  
Com precisão para amar? Não te conheço.

Só sei que desmereço se não sangro.  
Só sei que fico afastada  
De uns fios de conhecimento, se não tento.



Estou sozinha, meu Deus, se te penso.

### XIII

Vou pelos atalhos te sentindo à frente.  
Volto porque penso que voltaste.  
Alguns me disseram que passaste  
Rente a alguém que gritava:

Tateia-me, Senhor,  
Estás tão perto  
E só percebo ocos  
Moitas estufadas de serpentes.  
Alguém me diz que esse alguém  
Que gritava, a mim se parecia.  
Mas era mais menina, percebes?  
De certo modo mais velha

Como alguém voltando de guerrilhas  
Mulher das matas, filha das Idéias.

Não eras tu, vadia. Porque o Senhor  
Lhe disse: Poeira: estou dentro de ti.  
Sou tudo isso, oco moita  
E a serpente de versos da tua boca.

XIV

Se te ganhasse, meu Deus, minh'alma se esvaziaria?  
Se a mim me aconteceu com os homens, por que não com  
Deus?  
De início as lavas do desejo, e rouxinóis no peito.  
E aos poucos lassidão, um desgosto de beijos, um esfriar-se

Um pedir que se fosse, fartada de carícias.  
Se te ganhasse, que coisas ainda desejaria minh'alma  
Se ficasses? que luz seria em mim mais luminosa?  
Que negrume mais negro?

Não haveria mais nem sedução, nem ânsias.  
E partirias. Eu vazia de ti porque tão cheia.  
Tu, em abastanças do sentir humano, de novo dormirias.

XV

Desenho um touro de seda.  
Olhos de um ocre espelhado  
O pêlo negro, faustoso  
seduzo meu Deus montado  
Sobre este touro.

Desenhas Deus? Desenho o Nada  
Sobre este grande costado.

Um rio de cobre deságua  
Sobre essas patas.  
Uma mulher tem nas mãos  
Uma bacia de águas

Buscando matar a sede  
Daquele divino Nada.

O touro e a mulher sou eu.  
Tu és, meu deus,  
A Vida não desenhada  
Da minha sede de céus.

## XVI

Se já soubesse quem sou  
Te saberia. Como não sei  
Planto couves e cravos  
E espero ver uma cara  
Em tudo que semeiei.

Pois não dizem que te mostras  
Por vias tortas, nos mínimos?  
Te mostrarás na minha horta  
Talvez mudando o destino  
Dessa de mim que só vive

Tentando semeadura

Dessa de mim que envelhece  
Buscando sua própria cara  
E muito através, a tua  
Que a mim me apeteceria  
Ver frente a frente.

Há luas luzindo o verde  
E luas luzindo os cravos.  
Couves de tal estatura  
E carmesins dilatados

Que os que passam perguntam:  
São os canteiros de Deus?  
Digo que sim por vaidade  
Sabendo dos infinitos  
De uma infinita procura  
De *tu e eu*.

## XVII

Penso que tu mesmo cresces  
Quando te penso. E digo sem cerimônias  
Que vives porque te penso.  
Se acaso não te pensasse  
Que fogo se avivaria não havendo lenha?  
E se não houvesse boca  
Porque o trigo cresceria?

Penso que o coração  
Tem alimento na Idéia.  
teu alimento é uma serva  
Que bem te serve à mão cheia.  
Se tu dormes ela escreve  
Acordes que te nomeiam.  
Abre teus olhos, meu Deus,  
Come de mim tua fome.

Abre tua boca. E grita este nome meu.

### XVIII

Se some, tem cuidado.  
Se não some é fardo.  
Cuida que ele não suma

Pois ficará mais pesado  
Se sumir de tua alma.

É de uma Idéia de Deus que te falo.  
Pesa mais se ausente  
Pesa menos se te toma

Ainda que descontente  
Te vejas pensando sempre  
Num alguém que está aí dentro

De quem não conheces rosto  
Nem gosto nem pensamento.

Cuida que tal Idéia  
Te tome. Melhor um cheiro de dentro  
Que não conheces, um fartar-se  
De um nada conhecimento

Do que um vazio de luto  
Um casca sem os frutos  
Pele sem corpo, ou ossos  
Sem matéria que os sustente.

Toma contente  
Se te sabes pesado  
Dessa idéia de Nada.  
É um pensar para sempre.

E não sentes verdade  
Que a vida vale um extenso  
Altura e profundidade  
Se vives do pensamento?

## XIX

Teus passos somem  
Onde começam as armadilhas.  
Curvo-me sobre a treva que me espia.

Ninguém ali. Nem humanos, nem feras.  
De escuro e terra tua moradia?

Pegadas finas  
Feitas a fogo e espinho.  
teu passo queima se me aproximo.

Então me deito sobre as roseiras.  
Hei de saber o amor à tua maneira.

Me queimo em sonhos, tocando estrelas.

## XX

Move-te. Desperta.  
Há homens à tua procura.  
Há uma mulher, que sou eu.  
A Terra mora na Via-Láctea  
Eu moro à beira de estradas  
Não sou pequena nem alta

Sou muito pálida  
Porque muito caminhei  
Nas escurezas, no vício  
De perseguir uns falares  
teus indícios.

Move-te. Tua aliança com os homens  
Teu atar-se comigo  
Tem muito de quebra e dessemelhança.  
Muitos de nós agonizam.  
A Terra toda. Há de ser quase  
Brinquedo adivinhares  
Onde reside o pó, onde reside o medo.

Não te demores.  
Eu tenho nome: Poeira.

Move-te se te queres vivo.

Não te machuque a minha ausência, meu Deus,  
Quando eu não mais estiver na Terra  
Onde agora canto amor e heresia.  
Outros hão de ferir e amar  
Teu coração e corpo. Tuas bifrontes  
Valias, mandarim e ovelha, soberba e timidez

Não temas.  
Meu pares e outros homens  
Te farão viver destas duas voragens:  
Matança e amanhecer, sangue e poesia.

Chora por mim. Pela poeira que fui  
Serei, e sou agora. Pelo esquecimento  
Que virá de ti e dos amigos.



Pelas palavras que te deram vida  
E hoje me dão morte. Punhal, cegueira,

Sorri, meu Deus, por mim. De cedri  
De mil abelhas tu és. Cavalo d'água  
Roandando o ego. Sorri. Te amei sonâmbula  
Escrúxula, mas te amei inteira.

## **Cantares de perda e predileção**

(1983)

à memória de Ernest Becker

I

Vida da minha alma:  
Recaminhei casas e paisagens  
Buscando-me a mim, minha tua cara.  
Recaminhei os escombros da tarde  
Folhas enegrecidas, gomos, cascas  
Papéis de terra e tinta sob as árvores  
Nichos onde nos confessamos, praças

Revi os cães. Não os mesmos. Outros  
De igual destino, loucos, tristes,  
Nós dois, meu ódio-amor, atravessando  
Cinzas e paredões, o percurso da vida.

Busquei a luz e o amor. Humana, atenta  
Como quem busca a boca nos confins da sede.  
Recaminhei as nossas construções, tijolos  
Pás, a areia dos dias

E tudo que encontrei te digo agora:  
Um outro alguém sem cara. Tosco. Cego.  
O arquiteto dessas armadilhas.

II

Que dor desses calendários  
Sumidiços, fatos, datas  
O tempo envolto em visgo

Minha cara buscando  
Teu rosto reversivo.

Que dor no branco e negro  
Desses negativos  
Lisura congelada do papel  
Fatos roídos  
E teus dedos buscando  
A carnação da vida.

Que dor de abraços  
Que dor de transparência  
E gestos nulos  
Derretidos retratos  
Fotos fitas

Que rolo sinistro  
Nas gavetas.

Que gosto esse do Tempo  
De estancar o jorro de umas vidas.

### III

Se a tua vida se estender  
Mais do que a minha  
Lembra-te, meu ódio-amor,  
Das cores que vivíamos  
Quando o tempo do amor nos envolvia.

Do ouro. Do vermelho das carícias.  
Das tintas de um ciúme antigo  
Derramado  
Sobre o meu corpo suspeito de conquistas.  
Do castanho de luz do teu olhar  
Sobre o dorso das aves. daquelas árvores:  
Estrias de um verde-cinza que tocávamos.

E folhas da cor das tempestades  
contornando o espaço  
De dor e afastamento.

Tempo turquesa e prata  
Meu ódio-amor, senhor da minha vida.  
Lembra-te de nós. Em azul. Na luz da caridade.

#### IV

Lobos  
Lerdos leopardos  
Cadelas

Ternuras velhas

Nós, lado a lado  
Num sumidouro de linhas

E ponteiros de pedra.

Enrodilhados  
Escuros  
Famintos de nossas sombras  
Nas aldeias antigas.

Lobo  
Leopardo-cadela

Ternuras velhas

Tu e eu desenhados  
Trelças e telas  
Nas tintas das conquistas.

V

Me vias  
Partida ao meio  
A cara das emboscadas

Dizias

Essa era a cara do meu desejo.

E possuías  
O inteiriço, o Narciso  
Tu mesmo e tua fantasia.

Um fronteiroço de linhas  
Que se pensavam contíguas.

Me vias dura, vestida  
De lãs e de campainhas.  
Sobre o teu vale eu passava  
Em chagas, sem parceria.

Passava, sim.  
Mas nua, queimada  
Do amor que tu me tiravas.

## VI

Eu não te vejo  
Quando teu ódio aflora.  
Como poderia  
Ver teu ódio e a ti

Iludida  
Por uma só labareda da memória?

Cegos, não somos dois.  
Apenas pretendemos.  
Devorados e vastos  
Temos um nome: EFÊMERO.

VII

E se leopardos e tigres  
Convivessem

E se no mundo houvesse  
Lonjura de cordas  
Para amarrar torres vastas  
(as incansáveis crias do desejo)

E se águas não fossem molhadas  
E o que fosse montanha  
Ao invés de altura  
Se fizesse rasa

Se o fogo não tragasse  
Sua própria espessura  
E a lucidez perfeita  
Não fosse embriaguez

Do teu excesso  
E da minha loucura  
Um caminho adequado  
Em direção a Deus.

VIII

Me vinha:  
Que se tecesse



Hastes de compaixão  
Corolas de caridade

Sopro e saudade tecidos  
Na rede do coração

Eu nunca mais sentiria  
Teu nome de hostilidade.

Me vinha:  
Se desfizesse  
O que já trançado tinha

Meu nome é que ficaria  
Amor na tua eternidade.

Então teci  
Sóis e vinhas:  
Ouro-escarlate-paixão

E consumida de linhas  
Enovelada de ardência  
Te aguardo às portas da minha cidade.

IX

E atravessamos portas trancadas.  
Esteiras pedras cestos  
Espreitam

Nossas passadas.  
E amamos como quem sonha  
Cancelas de sal e palha  
Prendendo o sono.

Assim te amo. Sabendo.  
Degelo prendendo as águas.

X

E a língua lambe  
A cria que se feriu  
De puro arrojo  
E altaneria.  
De gozo, sabor e nojo  
Desta conquista de mim.  
De tua companhia.

Cadentes teu passo e o meu  
Temos a marcha de dois caminhos  
De pêlo e breu.  
Lentos, tenazes  
Em nós demora-se  
O amor e a cólera.

A crueldade.  
Que é o som de Deus.

XI

Faremos deste modo  
Para que as mãos não cometam  
Os atos derradeiros:

Envolveremos as facas e os espelhos  
Nas lãs dobradas, grossas.  
E de alongadas nódoas, o ressentimento.

Pintadas as caras num nariz de gesso  
Recobriremos corpo, carne  
Na tentativa cálida, multiforme  
Na rubra pastosidade

De um toque sem sofrimento.

E afinal  
Cara a cara (espelho e faca)  
De nossas duplas fomes  
Não diremos.

XII

Um cemitério de pombas  
Sob as águas  
E águas-vivas na cinza

Ósseas e lassas sobras  
Sa minha e da tua vida.

Um pedaço de muro  
Na enxurrada  
Prumos soterrados, nascituros  
No céu

Indecifráveis sobras  
Da minha e da tua vida.

Um círculo sangrento  
Uma lua ferida de umas garras  
Assim de nós dois o escuro centro.

E no abismo de nós  
Havia sol e mel.

### XIII

E batalhamos.  
Dois tigres  
Colados de um só deleite  
Estilhaçando suas armaduras  
Amor e fúria  
Carícia, garra

Tua luz

E a centelha rara  
De um corpo e duas batalhas.

XIV

Como se desenhados  
Tu  
E o de dentro da casa.  
Entro  
Como se entrasse  
No papel adentro

E sem ser vista  
Rasgo  
Alguns véus e fibras

Sem ser amada  
Pertença.

Que sobreviva  
O fino traço de tua presença.  
Aroma. Altura.  
E lacerada eu mesma

Que jamais se perceba  
Umas gotas de sangue na gravura.

XV

Para poder morrer  
Guardo insultos e agulhas  
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer  
Desarmo as armadilhas  
Me estendo entre as paredes  
Derruídas.

Para poder morrer  
Visto as cambraias  
E apascento os olhos  
Para novas vidas.

Para poder morrer apetecida  
Me cubro de promessas  
Da memória.

Porque assim é preciso  
Para que tu vivas.

XVI

Só o mel escorresse  
Da boca do tigre  
Transmutando listras

Talho  
Num largar de meiguice

O incisivo em nós  
As sinistras punturas

Os alanhados, meu ódio-amor,  
Um clarão de carícias  
Entre as partituras.

Se o rugido em nós  
Se somasse à névoa  
À calmaria da velhice

Nos outeiros do espaço  
O rugido da vida.  
Um barco. E o número par.

## XVII

Os juncos afogados  
Um cão ferido  
As altas paliçadas  
Devo achar a palavra  
Companheira do grito.

Um risco n'água  
Um pássaro aturdido  
Entre o capim e a estrada

Um grande girassol  
Explodindo entre as rodas

Imagens de mim  
Na caminhada.

### XVIII

Para tua fome

Eu teria colocado meu coração  
Entre os ciprestes e o cedro

E tu o encontrarias  
Na tua ronda de luta e incoesão:  
A ronda que persegues.

Para a tua sede  
As nascentes da infância:  
Um molhado de fadas e sorvetes.

E abriria em mim mesma  
Uma nova ferida

Para tua vida.

### XIX



Corpo de carne  
Sobre um corpo de água.  
Sonha-me a mim  
Contigo debruçada  
Sobre este corpo de rio.  
Guarda-me  
Solidão e nome

E vive o percurso  
Do que corre  
Jamais chegando ao fim.

Guarda esta tarde  
E repõe sobre as águas  
Teus navios. Pensa-me  
Imensa, iluminada  
Grande corpo de água  
Grande rio  
Esquecido de chagas e afogados.

Pensa-me rio.  
Lavado e aquecido da tua carne.

XX

Soberbo  
Libertas sobre o meu peito  
Teu cavalo cego.

E pontas e patas  
Tentam enlaçadas  
Furtar-se às águas  
Do sentimento.

Suja de espadas  
Golpeada em negro

Sou tua cara e medo

Teu cavaleiro  
Teu corpo  
Tua cruzada.

XXI

De ossos  
De altos pomos  
De ódio e ouro

Doloso

Teu rosto  
Sobre a minha cara  
Crepuscular.

Gozoso  
Sobre o meu corpo

Criando magia e ponta

Para morrer  
E fazer matar.

XXII

Toma para teu gozo  
Este rio de saudade.  
Nenhum recobrirá teu corpo  
Com tamanha leveza  
E com tal gosto

Ainda que sejam muitos  
Os largos rios da Terra.

Toma para teu gozo  
Minha dor e insanidade  
De nunca voltar a ver  
Meu próprio rosto.  
E aguarda uma tarde sem tempo  
Quando serei apenas retalhada

Um espelho molado de umas águas.

XXIII

Eu amo Aquele que caminha  
Antes do meu passo.  
É Deus e resiste.

Eu amo a minha morada  
A Terra triste.  
É sofrida e finita  
E sobrevive.

Eu amo o Homem-luz  
Que há em mim.  
É poeira e paixão  
E acredita.

Amo-te, meu ódio-amor  
Anima-Vida.  
És caça e perseguidor  
E recriaste a Poesia  
Na minha Casa.

## XXIV

Cavalos negros  
Entre lençóis e abetos  
E machetadas as cartas

Repulsa e gosma  
Entre as palavras.

E listras  
Desejo  
Pás

E leopardos de gelo  
Entre a mó e o pelo.

E ainda assim  
Altura, forquilha, tranco

Teu ódio-amor  
Procura minha pegada.

XXV

Insensatez e sombra.  
Foi o que se apossou de mim  
Quando sonâmbula

Amoldei meus pés ao teu caminho.  
Um distorcido de luzes e de lírios  
Lagunas ruivas, vozes  
Vindas de um não sei onde, vivas

Me fizeram supor que o teu caminho  
Era a luz do meu passo, merecida  
Porque de luta e a sós  
Toda minha vida.

E agora sei que as palmas do martírio  
é que brilhavam

E ruivos  
Eram os lagos de nudez e sangue  
E viva era minha própria voz  
Maldizendo meu nome.

XXVI

De sacrifício  
De conhecimento  
Da carne machucada

Os joelhos dobrados  
Frente ao Cristo  
Meu canto compassado  
De mulher-trovador.

Ai. Descuidado  
Que palavras altas  
Que montanha de mágoas  
Que águas  
De um venenoso lago  
Tu derramaste  
Nos meus ferimentos.

Que simetria, justeza  
Para ferir-me a mim  
Como se a cruz quisesse  
De mim ser a moradia.

E eu canto  
Porque é esse o destino  
Da minha garganta.  
E canto

Porque criança aprendi  
Nas feiras: ave e mulher  
Cantam melhor na cegueira.

## XXVII

Amor agora  
Meu inimigo.  
Barco do olvido  
Entre o teu ódio  
E o meu navegar  
Fico comigo.

Sopro, cadência  
Meu hausto e mar  
Navego a rocha  
Somo o castigo  
Desliso, meu ódio-amigo,

Graça e alívio  
De te alcançar.

XXVIII

Ronda tua crueldade.  
Esconde, avança

Até que descubras  
Fissura rigorosa  
Na tua garra  
Ajustado tensor  
Para tua lança.

Ronda meu abandono  
Persegue  
Trança meu desamparo  
Sono e tua iniquidade.  
Ritualiza a matança  
De quem só te deu vida.

A me deixa viver  
Nessa que morre.

XXIX

Faz de mim tua presa:  
Raiz para o teu ódio



Amor para o meu navegar  
E abrandado cessa  
De lançar tua rede  
Tua armadila.

Faz de mim tua sombra  
E injúria, sangra  
Essa que te descansa  
Na tua soberba escalada ao meio-dia.  
Golpeia  
Para amansar tua fina presa.

Faz de mim tua boca  
E cobre de saliva  
Tua cria de carne e solidão.  
E abrandado cessa  
Teu exercício de virtude e treva.

XXX

O Tempo e sua fome.  
Volúpia e Esquecimento  
Sobre os arcos da vida.  
Rigor sobre o nosso momento.

O Tempo e sua mandíbula.  
Musgo e furor  
Sobre os nossos altares.  
Um dia, geometrias de luz.

Mais dia nada somos.

Tempo e humildade.  
Nossos nomes. Carne.  
Devora-me, meu ódio-amor,  
Sob o clarão cruel das despedidas.

XXXI

Barcas  
Carregando a vida  
Descendo as águas.  
Passam pesadas  
Distantes do poeta e de sua caminhada.

Barcas  
Inundadas de afago  
Nas águas da meiguice.  
O fulgor dos cascos  
Ilumina o dorso dos afogados:  
Eu soterrada  
Em aguaduras escuras da velhice.

Barca é o teu nome.  
E passas.  
Candente, clara  
Navegas tua última viagem  
Sobre o meu corpo molhado de palavras.

XXXII

Um coro de despedidas.  
A apenas duas as vozes.  
Um discursivo de muros  
E algoz-olhares

Fundas aguadas  
Subindo à tona  
Das desmedidas.

E açoite  
Sobre as lembranças.  
e musgo, vísceras  
Cobrindo o vínculo

Rútilo brilho das alianças.

E facas tão alongadas  
Trilhas, estradas  
Frias escarpas  
AINDA para a tua volta.

XXXIII

Se te pronuncio  
Retomo um Paraíso  
Onde a luz se faz dor

E gelo a claridade.  
Se te pronuncio  
É esplendor a treva  
E as sombras ao redor  
São turquesas e sóis  
Depois de um mar de pedras.  
Vigio  
Esta sonoridade dos avessos.  
Que se desfaça o fascínio do poema  
que eu seja Esquecimento  
E emudeça.

## XXXIV

As águas, meu ódio-amor.  
Uma boca de seixos  
Um oco de palavras  
Um sumidouro de fomes  
E de asas  
Teu ódio-escama  
Sobre o meu desejo.

As águas, meu ódio-amor.  
Mulheres afogadas  
Eu-muitas  
De litígio, escuriza  
E a sedução de me pensares  
Presa  
Me sabendo invasão.

E unguento sobre a tua mágoa.  
Flores, graças  
Para que os nossos corpos  
Se lavem dessas águas

Caridosos com a carne e as ilusões.

XXXV

Desgarrada de ti  
Sou a sombra da Amada.  
Das madeiras da casa  
Farei barcas côncavas

E tingirei de negri  
Os lençóis de fogo  
Onde nos deitávamos

Velas  
Bandeira para minhas barcas.

E de dureza e arrojo  
Hei de chegar a um porto  
De pedras frias.

Memória e fidelidade  
Meu corpo-barca  
Esmago contra as escarpas.

De luto e choros um dia  
Verei tua boca beijando as águas  
Teu corpo-barca. Minha trilha.

XXXVI

Pedras dentro das barcas  
Favos trincados  
Embaçando as águas

Ai que cuidados  
Que fulgor de dentes  
Para criar um espaço  
De ausências no meu presente.

E envoltório de malhas  
E escuros rosários  
Feitos de sal e aço

Ai que cuidados  
Para prender quem vive  
Dessas cadeias

E morre  
Só de pensar em não tê-las.

XXXVII

Quem é que ousa cantar, senhor,  
Um ódio dito formoso?

Que raro fosso há de ser  
O escuro melodioso

Esse tão meu, de sementes  
De verdes dentro de um poço?

Que largueza incongruente  
Nos versos, sem parecer

Que quem trova  
Se fez demente.

Que altas novas  
Este cantar de mulher:

Um ódio de esclarecer  
Desejo que não se mostra.

Um ódio-fêmea, senhor,  
É bem o fosso onde cresce a rosa:  
A rara. De ódio formoso.

XXXVIII

Toma-me ao menos

Na tua vigília.  
Nos entressonhos.  
Que eu faça parte  
Das dores empoçadas  
De um estendido de outono

Do estar ali e largar-se  
Da tua vida.

Toma-me  
Porque me agrada  
Meu ser cativo do teu sono.  
Corporifica  
Boca e malícia.  
Tatos.  
Mas importa mais  
O que a ausência traz  
E a boca não explica.

Toma-me anônima  
Se quiseres. Eu outra  
Ou fictícia. Até rapaz.  
É sempre a mim que tomas.  
Tanto faz.

XXXIX

Escreveste meu nome



Sobre a água?  
A fogo, na alma  
Desenhei o teu

Grafismo iluminado  
Imantado e novo

Teu nome e o meu.

Novo  
Porque no nunca se viu  
Nome tão pertencido.  
Antigo porque há milênios  
Se entrelaçaram justos  
No infinito.

E raro  
Porque tingido de um mosaico vivo  
De danação e amor.

Teu nome.  
Irmão do meu.

XL

De rispidez e altivo

Passeias teu passo predador  
Sobre o meu peito

E sobre o meu deserto.  
Minha alma a teu redor  
Na muralha dos séculos.

De amplitude e fervor  
A casa e sua candeia  
Te aguardam.  
Famintas dessa caça  
E desse caçador.

Se há volúpia no mal  
Trago as mãos cheias.  
Um sol que se dissolve  
E me incendeia.  
E é sempre o mesmo fogo  
A lenha, o mesmo mal.

## XLI

Ouvia  
Que não podia te odiar  
E nem te temer  
Porque eras eu.  
E como seria  
Odiar a mim mesma

E a mim mesma temer

Se eu caminhava, vivia

Colada a quem sou  
E ao mesmo tempo ser  
Dessa de mim, inimiga?

Que não podia te amar  
Tão mais do que pretendia.  
Pois como seria ser

Pessoa além do que me cabia?

Que pretensões de um sentir  
Tão excedente, tão novo  
São questões para o divino

E ao mesmo tempo um estorvo  
Pra quem nasceu pequenino.  
Tu e eu. Humanos. Limite mínimo.

## XLII

Atados os ramos  
Os fios de linho  
As fitas  
Teci para nós  
A coroa da vida.  
Depois fiz a canção:  
Gracejos, lascívia  
E leveza  
Foram primos irmãos

E noivos da conquista.  
E de granito e sol  
Me parecia o tempo  
Dessas vidas.

Milênios no depois  
Me soube iluminura  
Entre os dedos dos mortos.  
Poeira e entendimento  
Sob a luz dos ossos.

### XLIII

Ai que distância  
Meu ódio-amor  
Que dores  
Que cintilâncias  
De pena.  
Tão ao meu lado  
Te penso  
No entanto  
Tão afastado

Como se a água ficasse  
A um dedo da minha boca  
E todo o deserto à volta  
Me segurasse.

Tão triste e tão à vontade

Neste meu sol de martírios

Como se o corpo soubesse  
Desses caminhos da sede  
Porque nasceu conhecendo  
Da paixão seu descaminho.

E brilhos no teu sadismo  
E perdição na minha cara.  
Que coloridos espinhos  
Terás

Para a tua dura saudade.  
Que tempestade de sede  
Nos areais da procura  
Quando saíres à caça  
De quem te amou. De mim.

À caça do NUNCA MAIS.

XLIV

Lembra-te que morreremos  
Meu ódio-amor.  
De carne e de miséria  
Esta casa breve de matéria  
Corpo-campo de luta e suor.

Lembra-te do anônimo da Terra

Que meditando a sós com seus botões  
Gravou no relógio das quimeras:  
“É mais tarde do que supões”.

Porisso  
Mata-me apenas em sonhos.  
Podes dormir em fúria pela eternidade  
Mas acordado, ama. Porque a meu lado  
Tudo se faz tarde: amor, gozo, ventura.

XLV

Que no poema ao menos  
Viscosidade e luz  
De nós dois, criaturas,  
Recriem seu momento.

Que da desordem  
De dois encantamentos  
Do visgo, do vidro  
De palavras duras

Coabitem  
O tosco e o transparente.

E desconforto e gosto  
Disciplina e paixão  
Discursivo e ciência

Construam pelo menos no poema  
A vizinhança dessas aparências.

XLVI

Talvez eu seja  
O sonho de mim mesma.  
Criatura-ninguém  
Espelhismo de outra  
Tão em sigilo e extrema  
Tão sem medida  
Densa e clandestina

Que a bem da vida  
A carne se fez sombra.

Talvez eu seja tu mesmo  
Tua soberba e afronta.  
E o retrato  
De muitas inalcançáveis  
Coisas mortas.

Talvez não seja.  
E ínfima, tangente  
Aspire indefinida  
Um infinito de sonhos  
E de vidas.

XLII

Dorme o tormento  
O Eterno dorme suspenso  
Sobre as idéias e inventos

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

Dormem perjuros  
E vanidade e urnas  
Dormem os medos  
E califados e ventres  
Dormem ardentes  
OS loucos, pátios adentro

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

Dormem ativas  
AS dobradiças  
De mil bordéis e conventos

E pêndulos dormindo ao tempo

Só eu não durmo  
Pra te pensar.

A gora escura  
Do jugo dos sentimentos



Irreversiva, suicida  
Tateio aquele rochedo  
Do ódio de desamar.

XLVIII

Teu livre-arbítrio, meu ódio-amor?  
O distendido flanco do tigre  
Sobre teu peito vivo.

Esculpida alvorada.  
Tua pretensa caça  
Na cara de granito.  
Não é a mim que persegues  
Nem és tu aquele que persigo.  
Os amantes se entregam  
Àquele corpo cruel mas perseguido

Armadura de garra e de delícias  
Corpo listrado de mel.

Meu livre-arbítrio, meu ódio-amor?  
Júbilo imerecido:  
O distendido flanco do tigre  
Sobre meu peito vivo.

XLIX

Se me viessem à boca  
As palavras foscas  
Para te abrandar.  
Se levez e sopro  
Habitassem a casa  
Do meu corpo  
Não seria eu aquela do teu gosto  
E amarias lírios  
Ao invés de ostras.  
Se comedimento  
Mornidão, prudência  
Me dourassem a carne  
E o coração  
Tu me dirias rouco  
Que a bem do Desejo  
Desfez-se o Paraíso  
E inventou-se a Paixão.

Bem porisso preserva  
Quem te sabe inteiro.  
E cala teu instante  
De um ciúme que repete  
Que devo ser repouso  
E contenção.

L

Um percurso de noites e vazantes  
Dunas escuras e casas vazias

De mim mesma fui cruz e viajante.  
As costas do meu Deus era o que eu via.  
E ainda assim tão curvas

Arco que à minha frente se movia  
Também como quem busca.  
Um percurso a sós, meu ódio -amor,  
E um poderoso à frente viajante.  
Gritei nomes e sons, reinventei  
E às vezes via o ombro flamejante

Mover-se

Mas nunca como aquele que pretende  
Salvar alguém sem luz atrás de si.

E pranteei meu nome e minha vida.  
Ma laboriosa  
Hei de plantar redondas redivivas  
Para prender meu Deus à tua volta.

LI

Cálida alquimia:  
Ouro e compaixão  
Sofrida pena  
Aquecendo a mão fria.  
Toma-me cara e mãos  
E a morosa tenta

Revestir de ventura  
Palavra e teia.  
Ilumina o roteiro do poeta  
Reabrindo as ramas da ilusão.  
Que a caridade  
Te faça mais sábia  
Diante da fêmea frágil.  
Que a mentira apascente  
O fogo da verdade.

E entre as escarpas  
As minhas, do coração  
Esperança e vivez  
Novamente se façam  
Sobre a minha cara e mãos.

## LII

Eu era parte da noite e caminhava  
Adulta e austera  
Sem luz e aventura.  
Tu eras praia e dia  
Um fogo branco  
O rosto da montanha sobre a terra.

E juntamos a treva  
Ao mar do meio-dia.  
Cristas aguadas, pontas  
Trilhas fosforescentes

Na vastidão das sombras

Mas um instante apenas.

Porisso é que caminho como antes  
Adulta e austera.  
Acrescida de véus me mostro aos viajantes:  
Vês a mulher, aquela?  
Dizem que a cara é de caliça e pedra.  
Que a luz das ilusões passou por ela.

### LIII

Cadenciadas  
Vão morrendo as palavras  
Na minha boca.  
Um sudário de asas  
Há de ser agasalho  
E pátria para o corpo.  
Anônimo, calado  
O poeta contempla  
Espelho e mágoa

Fragmentos de um veio  
Berçário de palavras.

Um as lendas volteiam  
O poeta vazio de seus meios:  
Escambros, escadas

Amou de amor escuro  
A fugiu de si mesmo  
De sua própria cilada.

O poeta. Mudo.  
Aceitável agora para o mundo  
No seu sudário de asas.

LIV

Na moldura, no esquadro  
Inalteráveis  
Passado e sentimento.

Dos dois contemplo  
Rigor e fixidez.  
Passado e sentimento  
Me contemplam

Arduidade nas caras  
Rigor no teorema.

Tento apagar  
Atos, postura. Revivem.  
Irremovíveis, vítreos

Incorporam-se para sempre  
À eternidade do meu espírito.

LV

Um tempo-luz  
Sobre o tempo do adeus  
Porque ainda é vivaz  
O sentimento.  
Porque ainda me vejo  
Como se tocasse  
Uns mosaicos azuis

Lisura de surpresa  
Na caligem de quadros  
E de quartos

No areal das mesas.

Ronda pela casa a maciez  
Se me repenso mansa  
E com cuidado.  
E ao meu redor  
Um gosto perolado  
Degusta o próprio fio  
De cordame e pobreza.

Rondas a casa.

Ah, foi apenas teu passo

A pretendida luz deste poema.

LVI

Areia, vou sorvendo  
A água do teu rio.  
E sendo rio  
Tu podes me tomar  
Minúscula, extensa  
Ampulheta guardada  
Esteira, desafio.

Areia, encharcada  
Recebo tuas palavras d'água  
Sumidouro, aguaça  
Em água-mel te prendo.  
Areia, vou te tomando vasta  
Ou milimétrica, lenta

Um rio de areia e caça  
Luminescente, tua,  
Uma presa de água.

LVII

Há este céu duro  
Empedrado de ventos.  
Eternidade és tu, meu ódio-amor



Senhor do meu sentimento.

Há este Nunca-Mais  
Ancorado no Tempo.  
E uma só tarde num aroma de ruas  
De mogorim, de aves.

E há refrões e ágatas  
Nas praças  
Daquele paraíso de ilusões.  
E barcas, pedras roladas

Extensos esgarçados  
Eternidade de nós, meu ódio-amor  
No SEMPRE-NUNCA MAIS.

LVIII

O bisturi e o verso.  
Dois instrumentos  
Entre as minhas mãos.  
Um deles rasga o Tempo  
O outro eterniza  
Aquele tempo-ouro sem medida.

Rompems-e sílabas e fonemas.  
Estanco meus projetos.  
E o que se vê  
É um só comum-complexo

Coração aberto.

E nunca mais  
Na dimensão da Terra  
Hei de rever as moradas, os tetos  
Os paraísos soberbos da paixão.

LIX

Sonha-me, meu ódio-amor,  
Através do teu sonho, volto à vida.  
Passeia minha sombra e ilusões  
Pelos mesmos caminhos, os antigos,  
E sonha-me como se tomasses  
No fulgor da carne  
Tua primeira amante proibida.

Sonha-me um novo-sempre  
Um rosto  
Isento de crueldades e partidas.  
Sonha-me tua.  
Criança e esquecida da experiência humana  
Hei de voltar à vida.

LX

Teu rosto se faz tarde  
Sob a minha mão.

E envelheço terna  
Dividida e austera  
Um mergulho de luz  
Metade treva.

Pincéis de fino pêlo  
Desenhando emoções.  
Teu rosto se faz noite  
Niquelado traço  
Anil e ouro baço  
Sob a minha mão.

E jardins de gelo  
E muralhas-espelho  
E papéis guardados  
Castos de desejo.

Teu rosto.  
Uma tintura de fogo  
Na planície dos dedos.

LXI

Um verso único  
Oco de fundos  
Extenso, vermelho-vivo  
No túnel dos meus ouvidos:  
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso escuro  
De folhas-pontas  
De nichos  
De negras grutas  
A língua excede seu exercício:  
Sempre comigo Sempre comigo.

Um verso-vício  
Constância e nojo  
Vindo de uns lagos  
De malefício.

Amor partido  
Torres  
Poço-edifício  
Um verso único num golpe nítido:  
Sempre comigo Sempre comigo.

## LXII

Garças e fardos  
O voo e o pesado  
No meu coração.

E lebres álbidas  
E cães.  
Correirice e caça  
No meu coração.

Torres, escadas e águas  
Nem barcos, nem cordas  
No meu coração.

E lutos e garras  
Tua cara  
No meu coração.

LXIII

Tens a medida do imenso?  
Contas o infinito?  
E quantas gotas de sangue  
Pretendes  
Desta amorosa ferida  
De tão dilatada fome.

Tens a medida do sonho?  
Tens o número do Tempo?  
Como hei de saber do extenso  
De um ódio-amor que percorre  
Furioso  
Passadas dentro do vento?

Sabes ainda meu nome?  
Fome. De mim na tua vida.

LXIV

De sol e lua  
De fogo e ventre  
Te enlaço.  
Ainda que a boca  
A tua  
(Sem se mover  
Não dizendo)

Me diga palavras cruas:  
Máscara fria  
Lua-serpente  
Viva inimiga.

De sol e lua  
Me faço.  
Sabendo que a alma  
A tua  
(Sem se mostrar,  
Escondendo)

Me sabe irmã de tua eternidade.

LXV

Meu ódio-amor:  
Tudo se esvai.  
A hora se faz imóvel  
Escorrida

Sobre o corpo da vida.  
Vou-me  
Pedra lisa e mar  
Fixa-informe  
Tento te segurar  
Tu que és minha vida.  
Morre  
O mesmismo de mim  
Se não me colo a ti.  
Vagueio.  
Alguém me vê  
E aponta:  
Dentro da flor aberta  
Uma abelha morta.

LXVI

Nuns atalhos da tarde  
Vivendo imensidão  
Minha alma disse a mim  
Rica de sombras:  
Não pertencida.  
Exilada dos sóis  
Das outras vidas.

LXVII

Vida da minha alma:

Um dia nossas sombras  
Serão lagos, águas  
Beirando antiquíssimos telhados.  
De argila e luz  
Fosforescentes, magos,  
Um tempo no depois  
Seremos um só corpo adolescente.  
Eu estarei em ti  
Transfixiada. Em mim  
Teu corpo. Duas almas  
Nômades, perenes  
Texturadas de mútua sedução.

## LXVIII

Te penso.  
E já não és o pensado.  
És tu e mais alguém  
No informe, nos guardados  
Alguém  
E tu mesmo sem nome, imaginado.

Te penso  
Como quem quer pintar o pensamento  
Colorir os muros do passado  
De umas ramas finas, mergulhadas  
Num luxo de tinturas.  
Te penso novo e vasto.  
E velho  
Igual à fome que tenho das funduras.



LXIX

Resolvi me seguir  
Seguindo-te.  
A dois passos de mim  
Me vi:  
Molhada cara, matando-se.

Cravado de flechas claras  
Ramo de luzes, de punhaladas  
Te vi. Sangrando de morte rara:  
A minha. Morrendo em ti.

LXX

Poeira, cinzas  
Ainda assim  
Amorosa de ti  
Hei de seu eu inteira.

Vazio o espaço  
Que me contornava  
Hei de Estar ali.  
Como se um rio corresse  
Seu corpo de corredor  
E só tu o visses.  
Corpo de rio? Sou esse.

Fiandeira de versos  
Te legarei um tecido  
De poemas, um rútilo amarelo  
Te aquecendo.

Amorosa de ti  
VIDA é o meu nome. E poeta.  
Sem morte no sobrenome.

*Casa do Sol*  
*12/12/1981 a 5/11/1982*

**Da Morte. Odes Mínimas**

(1979)

À memória de Ernest Becker



I

Te batizar de novo.  
Te nomear num trançado de teias  
E ao invés de Morte  
Te chamar Insana  
    Fulva  
    Feixe de flautas  
    Calha  
    Candeia  
Palma, por que não?  
Te recriar nuns arcoíris  
Da alma, nuns possíveis  
Construir teu nome  
E cantar teus nomes perecíveis  
    Palha  
    Corça  
    Nula  
    Praia  
Por que não?

II

Demora-te sobre a minha hora.  
Antes de me tomar, demora.  
Que tu me percorras cuidadosa, etérea  
Que eu te conheça lícita, terrena

Duas fortes mulheres  
Na sua dura hora.

Que me tomes sem pena  
Mas voluptuosa, eterna  
Como as fêmeas da Terra.

E a ti, te conhecendo  
Que eu me faça carne  
E posse  
Como fazem os homens.

III

Pertencente te carrego:  
Dorso mutante, morte.  
Há milênios te sei  
E nunca te conheço.  
Nós, consortes do tempo  
Amada morte  
Beijo-te o flanco  
Os dentes  
Caminho candente a tua sorte  
A minha. Te cavalgo. Tento.

IV

Vinda do fundo, luzindo  
Ou atadura, escondendo,  
Vindo escura  
Ou pegajosa lambendo  
Vinda do alto

Ou das ferraduras  
Memoriosa se dizendo  
Calada ou nova  
Vinda da coitadez  
Ou régia numas escadas  
Subindo

Amada  
Torpe  
Esquiva

Benvinda.

V

Túrgida-mínima  
Como virás, morte minha?

Intrincada. Nos nós.  
Num passadiço de linhas.  
Como virás?

Nos caracóis, na semente  
Em sépia, em rosa mordente  
Como te emoldurar?

Afilada  
Ferindo como as estacas  
Ou dulcíssima lambendo

Como me tomarás?

VI

Ferrugem esboçada

Perfil sem dracma

Crista pontuda  
No timbre liso

Um oco insuspeitado  
Na planície

Um cisco, um nada  
À tona das águas

Brevíssima contração  
Te reconheço, amada.

VII

Perderás de mim  
Todas as horas

Porque só me tomarás  
A uma determinada hora.



E talvez venhas  
Num instante de vazio  
E insipidez.  
Imagina-te o que perderás  
Eu que vivi no vermelho  
Porque poeta, e caminhei  
A chama dos caminhos

Atravessei o sol  
Toquei o muro de dentro  
Dos amigos

A boca nos sentimentos

E fui tomada, ferida  
De malassombros, de gozo

Morte, imagina-te.

## VIII

Lenho, olaria, constróis  
Tua casa no meu quintal.  
E desde sempre te espio

Linhos e cal tua cara  
Lenta tua casa

Nova crescendo agora

Nos meus cinquenta.  
E madeirames e telhas  
E escadas, tuas rijezas

Tuas costas altas

Vezenquando te volteias  
Para que eu não me esqueça

Do instante cego

Quando me pedirás companhia.  
Eu não me esqueço.  
Te espio de hora em hora

Casa e começo, tua cara,  
A qualquer tempo te reconheço.

## IX

Os cascos enfeixados  
Para que eu não ouça  
Teu duro trote.  
É assim, cavalinha,  
Que me virás buscar?  
Ou porque te pensei  
Severa e silenciosa  
Virás criança  
Num estilhaço de louças?

Amante  
Porque te deprezei?  
Ou com ares de rei  
Porque te fiz rainha?

X

De sandálias de palha  
Pães pretos e esteira

Um dia, para recebê-la.

De sutis seduções  
A palavra de ouro, de cereja

Me calo para recebê-la.

Depois me deito  
Entre cordas e estanhos  
E sonho pátios, guetos

Ínfimos sapatos  
Sobre as ilusões.

E então te abraço.  
Ombro, cancela  
Me fecho para recebê-la.

XI

Levarás contigo  
Meus olhos tão velhos  
Ah, deixa-os comigo  
De que te servirão?

Levarás contigo  
Minha boca e ouvidos?  
Ah, deixa-os comigo  
Degustei, ouvi  
Tudo o que conheces  
Coisas tão antigas.

Levarás contigo  
Meu exato nariz?  
Ah, deixa-o comigo  
Aspirou, torceu-se  
Insignificante, mas meu.

E minha voz e cantiga?  
Meu verso, meu dom  
De poesia, sortilégio, vida?

Ah, leva-os contigo.  
Por mim.

XII

Por que não me esqueces  
Velhíssima-Pequenina?  
Nas escadas, nas quinas  
Trancada nos lacres  
No ocre das urnas  
Por que não me esqueces  
Menina-Morte?

Sempre à minha procura.  
Tua rede de avencas  
Teu crivo, coágulo  
Tuas tranças negras

Por que não viajas  
No líquido cobre  
Da tua espessura?

E por que soberba  
Se te procuro  
Te fechas?

### XIII

Funda, no mais profundo do osso.  
Fina, na tua medula  
No teu centro-ovo. Rasa, poça d'água  
Tina. Longa, pela de cobra, casca.  
Clara numas verticais, num vazado sol  
Da tua pupila. Paciente, colada às pontes

Onde devo passar atada aos pertences da vida.  
Em tudo és e estás.

XIV

Porque é feita de pergunta  
De poeira

Articulada, coesa  
Persigo tua cara e carne  
Imatéria.  
Porque é disjunta  
Rompida  
Geometral se faz dupla  
Persigo tua cara e carne  
Resoluta.

Porque finge que franqueia  
Vestíbulo, espaço e casa  
Se sobrepondo de cascas  
Gaiolas, grades

Máscara tripla  
Persigo tua cara e carne.

Comigo serrote e faca.

XV

Cavalo, búfalo, cavalinha  
Te amo, amiga, morte minha,  
Te amo, amiga, morte minha,  
Se te aproximas, salto  
Como quem quer e não quer  
Ver a colina, o prado, o outeiro  
Do outro lado, como quem quer  
E não ousa  
Tocar teu pêlo, o ouro

O coruscante vermelho do teu couro  
Como quem não quer.  
XVI

Como se tuoubesses  
Na crista  
No topo  
No anverso do osso

Tento prender teu corpo  
Tua montanha, teu reverso.

Como se a boca buscasse  
Seus avessos  
Assim te busco  
Torsão de todas as funduras.  
Persecutória te sigo  
Amarras, músculo.  
E sempre te assemelhas  
A tudo que desliza, tempo,

Correnteza.

Na minha boca. Nos ocos.  
No chanfrado nariz.  
Rio abaixo deslizas, limo  
Toco, em direção a mim.

XVII

Rasteja, voa, passeia  
Com toda lenteza  
Sobre a minha Idéia.

Em espiral  
Oblonga, retilínia  
Te recrio terra  
Sobre a minha Idéia.

(Caracol de sumos,  
Andorinha  
Crina)

Vagueia sobre a minha Idéia  
E não sei se flue

Poreja

Única, primeira  
Num mosaico de teias.



Se infinita sobre a minha Idéia  
Se assemelha à Vida.

XVIII

Se eu soubesse  
Teu nome verdadeiro

Te tomaria

Úmida, tênue  
E então descansarias.

Se sussurrares  
Teu nome secreto  
Nos meus caminhos  
Entre a vida e o sono

Te prometo, morte,  
A vida de um poeta. A minha:  
Palavras vivas, fogo, fonte.

Se me tocares,  
Amantíssima, branda  
Como fui tocada pelos homens

Ao invés de Morte  
Te chamo  
Poesia

Fogo, fonte, Palavra viva  
Sorte.

XIX

Te vi  
Atravessando as muradas  
Montada no teu cavalo  
Acróbata de guarda-sóis.  
(Eu era noite e não via)  
Te vi levíssima  
Descendo numas aguadas  
Lenta descendo como os anzóis.  
(Eu era peixe e sabia)  
Te vi serpente de som  
E te tomei. Patas, farpas  
Jato de sol, açoite  
Borbulho nas águas frias.  
Tu eras morte.

XX

Teu nome é Nada.  
Um sonhar o Universo  
No pensamento do homem:  
Diante do eterno, nada.

Morte, teu nome.

Um quase chegar perto.  
Um pouco mais (me dizem)  
E terias o Todo no teu gesto.  
Um pouco mais, tu O terias visto.

Teu nome é Nada.  
Haste, pata. Sem ponta, sem ronda.  
Um pensar duas palavras diante da Graça:  
Terias tido.

XXI

Por que vens ao meiodia  
De cornadura, galopando conchas  
De cornetim à frente da minha casa  
Cota-capim, corta-águas?  
Descansa. Faz entrepausa.  
Colhe matiz, faz nuança.  
Porque até no que não vejo  
Te vejo. Corpo de ar e marfim  
Boca, palato

Sempre colada, sempre colada.

XXII

Não me procures ali  
Onde os vivos visitam  
Os chamados mortos.  
Procura-me

Dentro das grandes águas  
Nas praças  
Num fogo coração  
Entre cavalos, cães,  
Nos arrozais, no arroio  
Ou junto aos pássaros  
Ou espelhada  
Num outro alguém,  
Subindo um duro caminho

Pedra, semente, sal  
Passos da vida. Procura-me ali.  
Viva.

### XXIII

Porque conheço dos humanos  
Cara, Cruenza,  
Te batizo Ventura  
Rosto de ninguém  
Morte-Ventura  
Quando é que vem?

Porque viver na Terra  
É sangrar sem conhecer  
Te batizo Prisma, Púrpura  
Rosto de ninguém  
Unguento  
Duna  
Quando é que vem?

Porque o corpo  
É tão mais vivo quando morto  
Te batizo Riso  
Rosto de ninguém  
Sonido  
Altura  
Quando é que vem?

XXIV

Na melodia te penso.  
Íntima te pretendo.  
Incendiada de mim  
Contigo morrendo  
Te sei lustro marfim e sopro.  
E te aspiro, te cubro de sussurros  
Me colo extensa sobre tua cabeça  
Morte, te tomo.

E num segundo  
Ouvindo novamente os sons da vida  
Nomes, latidos, passos  
Morte, te esqueço.  
E intensa me retomo sob o sol.

XXV

Onde nasceste, morte?

Que cores, ocaso e monte?  
E os pulsos que te arrancaram  
Do mais escuro. De carne?  
Te alimentavas

De anêmonas negras? Havia águas?  
Vagidos, choros,  
Empelicada como nasce a vida?  
Se querias, tocavas?  
E sendo criança  
Não tocavas em tudo  
E o instante se fazia  
Insipidez e nada?

E velhíssima agora  
Conhecendo todos os tatos  
Agonia, terror e pasmo

Saciada

Por que não partes?

XXVI

Durante o dia constrói  
Seu muro de girassóis.  
(Sei que pretende disfarce  
E fantasia).  
Durante a noite,  
Fria de águas

Molhada de rosas negras  
Me espia.  
Que queres, morte,  
Vestida de flor e fonte?

- Olhar a vida.  
XXVII

Me cobrirão de estopa  
Junco, palha,  
Farão de minhas canções  
Um oco, anônima mortalha  
E eu continuarei buscando

O frêmito da palavra.  
E continuarei  
Ainda que os teus passos  
De cobalto  
Estrôncio  
Patas hirtas  
Devam me preceder.

Em alguma parte  
Monte, serrado, vastidão  
E Nada.  
Eu estarei ali  
Com a minha canção de sal.

XXVIII

Ah, negra cavalinha  
Flanco de acácias  
Dobra-te para a montaria  
Porque me sei pesada  
De perguntas, negras favas  
Entupindo-me a boca  
E no bojo um todo averso  
Uns adversos de nojo:  
Que rumos? Que calmarias?  
Me levas pra qual desgosto?  
Há luz? Há um deus que me espia?  
Vou vê-lo agora montada alma  
Sobre as tuas patas? Tem rosto?

Dobra-te mansa  
Porque me sei pesada. De vida.  
De fundura de poço. E porque  
Um poeta não sabe montar a morte  
Ainda que seja a minha:  
Flanco de acácias.  
Negra cavalinha.

## XXIX

Te sei. Em vida  
Provei teu gosto.  
Perdas, partidas  
Memória, pó.



Com a boca viva provei  
Teu gosto, teu sumo grosso.  
Em vida, morte, te sei.

XXX

Juntas. Tu e eu.  
Duas adagas  
Cortando o mesmo céu.  
Dois cascos  
Sofrendo as águas.

E as mesmas perguntas.

Juntas. Duas naves  
Números  
Dois rumos  
À procura de um deus.

E as mesmas perguntas  
No sempre pasmoso instante.

Ah, duas gargantas  
Dois gritos  
O mesmo urro  
De vida, morte.

Dois cortes.

Duas façanhas.  
E uma só pessoa.

XXXI

Nos veremos de frente:  
As gargantas vítreas

Plexo e ventre  
De todos os lados:  
Dorso de nós duas  
Flanco e braços.

As grandes palavras  
Trancadas e vivas  
No meu peito baço.

XXXII

Porque me fiz poeta?  
Porque tu, morte, minha irmã,  
No instante, no centro  
De tudo o que vejo.

No mais que perfeito  
No veio, no gozo  
Colada entre eu e o outro.  
No fosso

No nó de um íntimo laço  
No hausto  
No fogo, na minha hora fria.

Me fiz poeta  
Porque à minha volta  
Na humana idéia de um deus que não conheço  
A ti, morte, minha irmã,  
Te vejo.

XXXIII

Esboçava-se.  
Escorria líquido.  
Era vidro.  
Amava torpe.  
Mesquinho te amava.  
Era um vivo.

Luzente ofuscava  
De vermes e asas  
Vivo, silente,  
Alquimia de fogo:  
De pedra fria  
A gozo.

Dirias morto?

XXXIV

Tão escuramente caminha  
À beira-lágrima  
Dentro do meu ser

Que já não sei  
De onde me veio ou vinha  
Vontade minha de te conhecer.

Hoje tão escuramente  
Passeias, tardas, te arrastas  
Num vasto alheamento  
Dentro do meu ser

Que já não sei  
Se te pensar foi gesto  
Para inda mais ferir  
Minha própria mágoa.

Por que, pergunto, estando viva  
Devo eu morrer?  
Por que, se és morte,  
Deves me perseguir?

Aquieta-te, afunda-te  
Morre, pequenina,  
Escuramente  
Dentro do meu sofrer.

XXXV

Ah, se eu soubesse de nuvens  
Como te sei no hoje, morte minha,  
Diria que me perseguem  
Para escurecer  
Essas caras de neve.  
Diria que se detêm  
Sobre a minha casa  
Para ensombrar a alma. A minha.  
E espalhadas  
Diria que se avizinha  
O cerco. A paliçada.  
Que estou muda no além  
N sofrido perfil.  
Nítida sozinha.  
Se eu soubesse de nuvens  
Como te sei

Não diria o que disse  
Nem faria o poema. Olhava apenas.

XXXVI

Um peixe lilás e malva  
Num claro cubo  
De sons e água.

Assim te mostrarás.

Um perfil curvo.

Soma de asas.  
Um quasi escuro  
Sobre as vidraças.

E fios e linhas  
Trançando máscaras  
Para a minha cara:  
Rubro mandala  
Para um perfil.

Então ajusto  
Para o mergulho  
Cores e máscara.  
Sou eu. Um peixe rubro

E um outro lilás e malva.

### XXXVII

Não compreendo. Apenas  
Tento  
Somar meu corpo  
A teu corpo negro  
Minhas águas  
A teu remo  
E cascos, os meus,  
E luzes de um dia  
E ânus, regaço  
Somar

A teu matiz cobreado  
Tua garra fria.

Não compreendo. Apenas  
Tento  
(Suor, subida, cascalho  
Seca???)  
Somar teu corpo  
A meu pensamento.

XXXVIII

No coração, no olhar

Quando te tocarem  
Pela primeira vez  
Aqueles que se amam

Eu estarei.

Nas grandes luas.  
Nas tardes.  
Nas pequeninas canções  
Nos livros

Eu e minha viva morte  
Estaremos ali  
Pela primeira vez.

Dirão:

Um poeta e sua morte  
Estão vivos e unidos  
No mundo dos homens.

Nas madrugadas  
Pela primeira vez

Em amor  
Tocada.  
XXXIX

Uns barcos bordados  
No último vestido  
Para que venham comigo  
As confissões, o riso  
Quietude e paixão  
De meus amigos.

Porque guardei palavras  
Numa grande arca  
E as levarei comigo

Peço uns barcos bordados  
No último vestido  
E vagas  
Finas, desenhadas  
Manso friso

Como as crianças desenhavam  
Em azul as águas.



Uns barcos  
Para a minha volta à Terra:  
Este duro exercício  
Para o meu espírito.

XL

Lego-te os dentes.  
Em ouro, esmalte e marfim.

Entre sarrafos e palha  
O baço dos meus ossos.

Procura na tua balança  
Minha couraça. Meu bandolim.  
Escrita e torso.  
Pesa-me a mim. Minha funduras  
E o gume do meu desgosto.

Procura, na minha hora,  
Entre farrapos e palha

O que restou de mim  
À tua procura.

## **TEMPO-MORTE**

### **I**

Corroendo  
As grandes escadas  
Da minha alma.  
Água. Como te chamas?  
    Tempo.

Vívida antes  
Revestida de laca  
Minha alma tosca  
Se desfazendo.  
Como te chamas?  
    Tempo.

Águas corroendo  
Caras, coração  
Todas as cordas do sentimento  
Como te chamas?  
    Tempo.

Irreconhecível  
Me procuro lenta  
Nos teus escuros.  
Como te chamas, breu?  
    Tempo.

II

Passará  
Tem passado  
Passa com a sua fina faca.

Tem nome de ninguém.  
Não faz ruído. Não fala.  
Mas passa com a sua fina faca.  
Fecha feridas. É unguento.  
Mas pode abrir a tua mágoa

Com a sua fina faca.

Estanca ventura e voz  
Silêncio e desventura.  
Imóvil  
Garrote  
Algoz

No corpo da tua água passará  
Tem passado  
Passa com a sua fina faca.

III

Calomoso, longal e rês  
Tu não o sentes

Nem vês.

Atravessa lerdo  
O adro do teu desgosto.

Na jubilância escorrega  
Mas depois passa  
Furioso. Passou. Assovio? Seta?

Teus dentes. Teu sapato novo.  
O branco da tua casa.  
Tua voz adolescente.  
Ele carrega memória e concretude.

Vasto atravessa.

#### IV

Desde que nasci, comigo:  
Tempo-Morte.  
Procurar-te  
É estar montado sobre um leopardo  
E tentar caçá-lo.

Minha tua garra.  
Teu matiz de dentro.  
Tua lanhada.  
Nossa companhia.

Passo de luz e negro.  
Dentes. Arcada.

Dois nítidos  
À caça de um Nada.

V

Fatia, tonsura, pinça  
Nunca te sei inteiro  
Tempo-Morte.  
Jamais teu todo, teu pêlo  
A intrincada cabeça do teu nojo.  
Sempre a rasura no texto seco

Ou gorda eloquência  
Sobre a tua figura.

Opaca detenho-me  
No vazio do cesto.  
Tateio debruçada  
Fiapos de palha, sobras  
Coagulada retorno  
Aos arrozais da página.

Ponta dos dedos, pulsão  
Até quando teu capuz  
Diante de um cego?



**À TUA FRENTE. EM VAIDADE.**

I

E se eu ficasse eterna?  
Demonstrável  
Axioma de pedra.

II

Se me alongasse  
Como as palmeiras  
  
E em leque te fechasse?

III

E crivada de hera?  
Mas só pensada  
Em matemática pura.

IV

E lívida  
Em organdi  
Entre os escombros?

Indefinível como criatura.

Eternamente viva.

V

E te abrindo ao meio  
Como as carrancas  
Na proa das barcas?

Pesada como a anta  
Te espremendo.  
Guano sobre a tua cara.



## JÚBILO MEMÓRIA NOVICIADO DA PAIXÃO

(1974)

A M.N.  
porque ele existe.

*Deliberei amar. Corto em pedaços  
o músculo sangrento, alheio e triste  
a quem por isso culpo. Irmão, um dia  
aprenderemos a entender a entrada.*

*E nunca mais seremos diferentes.*

Renata Pallottini

DEZ CHAMAMENTOS AO AMIGO

*Love, love, my season.*

Sylvia Plath

I

Se te pareço noturna e imperfeita  
Olha-me de novo.  
Porque esta noite  
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.  
E era como se a água  
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio  
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há um tempo  
Entendo que sou terra. Há tanto tempo  
Espero  
Que o teu corpo de água mais fraterno  
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.  
E mais atento.

II

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.  
E eu te direi que o nosso tempo é agora.  
Esplêndida altivez, vasta ventura  
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.  
Ama-me. Embora eu te pareça  
Demasiado intensa. E de aspereza.  
E transitória se tu me repensas.

III

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado  
Faria do meu rosto de parábola  
Rede de mel, ofício de magia

E naquela encantada livraria  
Onde os raros amigos me sorriam  
Onde a meus olhos eras torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia  
Te tomava. Aventura, amigo,  
Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

IV

Minha medida? Amor.  
E tua boca na minha  
Imerecida.

Minha vergonha? O verso  
Ardente. E o meu rosto  
Reverso de quem sonha.

Meu chamamento? Sagitário  
Ao meu lado  
Enlaçado ao Touro.

Minha riqueza? Procura  
Obstinada, tua presença  
Em tudo: julho, agosto  
Zodíaco antevisto, página

Ilustrada de revista  
Editoria; de jornal  
Teia cindida.

Em cada canto da Casa  
Evidência veemente  
Do teu rosto.

V

Nós dois passamos. E os amigos  
E toda minha seiva, meu suplício  
De jamais te ver, teu desamor também  
Há de passar. Sou apenas poeta

E tu, lúcido, fazedor da palavra,  
Inconsentido, nítido

Nós dois passamos porque assim é sempre.  
E singular e raro este tempo inventivo  
Circundando a palavra. Trevo escuro

Desmemoriado, coincido e ardente  
No meu tempo de vida tão maduro.

## VI

Foi Julho sim. E nunca mais esqueço.  
O ouro em mim, a palavra  
Irisada na minha boca  
A urgência de me dizer em amor  
Tatuada de memória e confiança.  
Setembro em enorme silêncio  
Distancia meu rosto. Te pergunto:  
De Julho em mim ainda te lembrás?  
Disseram-me os amigos que Saturno  
Se refaz este ano. E é tigre  
E é verdugo. E que os amantes

Pensativos, glaciais  
Ficarão surdos ao canto comovido.  
E em sendo assim, amor,  
De que me adianta a mim, te dizer mais?

VII

Sorrio quando penso  
Em que lugar da sala  
Guardarás o meu verso.  
Distanciado  
Dos teus livros políticos?  
Na primeira gaveta  
Mais próxima à janela?  
Tu sorris quando lê  
Ou te cansas de ver  
Tamanha perdição  
Amorável centelha  
No meu rosto maduro?  
E te pareço bela  
Ou apenas te pareço  
Mais poeta talvez  
E menos séria?  
O que pensa o homem  
Do poeta? Que não há verdade  
NA minha embriaguez  
E que me preferes  
Amiga mais pacífica

E menos aventura?

Que é de todo impossível  
Guardar na tua sala  
Vestígio passional  
Da minha linguagem?  
Eu te pareço louca?  
Eu te pareço pura?  
Eu te pareço moça?

Ou é mesmo verdade  
Que nunca me soubeste?

### VIII

De luas, desatino e aguaceiro  
Todas as noites que não foram tuas.  
Amigos e meninos de ternura

Intocado meu rosto-pensamento  
Intocado meu corpo e tão mais triste  
Sempre à procura do teu corpo exato.

Livra-me de ti. Que eu reconstrua  
Meus pequenos amores. A ciência  
De me dixer amar  
Sem amargura. E que me dêem

Enorme incoerência



De desamar, amando. E te lembrando

- Fazedor de desgosto -  
Que eu te esqueça.

## IX

Esse poeta em mim sempre morrendo  
Se tenta repetir salmodiado:  
Como te conhecer, arquiteto do tempo  
Como saber de mim, sem te saber?  
Algidez do teu gesto, minha cegueira  
E o casto incendiado momento  
Se ao teu lado me vejo. As tardes  
Fiandeiras, as tardes que eu amava,  
Matéria de solidão, íntimas, claras  
Sofrem a sonolência de umas águas  
Como se um barco recusasse sempre  
A liquidez. Minhas tardes dilatadas

Sobreexistindo apenas  
Porque à noite retomo minha verdade:  
teu contorno, teu rosto álgido sim

E porisso, quem sabe, tão amado.

## X

Não é apenas um vago, modulado sentimento  
O que me faz cantar enormemente  
A memória de nós. É mais. É como um sopro  
De fogo, é fraterno e leal, é ardoroso  
É como se a despedida se fizesse o gozo  
De saber  
Que há no teu todo e no meu, um espaço  
Oloroso, onde não vive o adeus.

Não é apenas vaidade de querer  
Que aos cinquenta  
Tua alma e teu corpo se enternçam  
Da graça, da justeza do poema. É mais.  
E porisso perdoa todo esse amor de mim

E me perdoa de ti a indiferença.

## **O POETA INVENTA VIAGEM, RETORNO E MORRE DE SAUDADE**

### **I**

Se for possível, manda-me dizer:  
- É lua cheia. A casa está vazia -  
Manda-me dizer, e o paraíso  
Há de ficar mais perto, e mais recente  
Me há de parecer teu rosto incerto.  
Manda-me buscar se tens o dia  
Tão longo como a noite. Se é verdade  
Que sem mim só vês monotonia.  
E se te lembras do brilho das marés  
De alguns peixes rosados  
Numas águas  
E dos meus pés molhados, manda-me dizer:  
- É lua nova -  
E revestida de luz te volto a ver.

### **II**

Meu medo, meu temor, é se disseres:  
Teu verso é raro, mas inoportuno.  
Como se um punhado de cerejas  
A ti te fosse dado  
Logo depois de haveres engolido  
Um punhado maior de framboesas.

E dirias que sim, que tu me lembras.  
Mas que a lembrança das coisas, das amigas  
É cotidiana em ti. Que não te enganas,  
Que o amor do poeta é coisa vã.

Continuarias: há o trabalho, a casa  
E fidalguias  
Que serão para sempre preservadas.  
Se és poeta, entendes. Casa é ilha.  
E o teu amor é sempre travessia.  
Meu medo, meu terror, será maior  
Se eu a mim mesma me disser:  
Preparo-me em silêncio. Em desamor.  
E hoje mesmo começo a envelhecer.

### III

Se uma ave rubra e suspensa, ficará  
Na nitidez do meu verso? Há de ficar.  
Também eu

Intensa e febril sobre o teu plexo.

Se cantarão Catulo, e depois dele  
Meu canto vigoroso de mulher?  
Hão de cantar.  
Mais do que pensas o meu verso puro.

Entrelaçados o meu nome e o teu

Depois da morte? A desventura.  
E as ambigüidades.

Distraído de mim, em desapego,  
Eternamente cego? Claro que sim  
Amado, eterno, corajoso amigo.

#### IV

Tenho pedido a Deus, e à lua, ontem  
Hoje, a cada noite, PERPETUIDADE  
Desde o instante em que me soube tua.  
E que o luar e o divino perdoassem  
O meu rosto anterior, rosto-menino  
Travestido de aroma, despudor contente  
De sua brevidade em tudo, nos afetos  
No fingido amor  
Porque fui tudo isso, bruxa, duende  
Desengano e desgosto quase sempre.  
Mais nada pedi a Deus. Mas pedi mais  
À lua: que tu sofresses tanto quanto eu.

#### V

Ah, se eu soubesse quem sou.  
Se outro fosse o meu rosto.  
Se minha vida-magia  
Fosse a vida que seria

Vida melhor noutro rosto.

Ah, como eu queria cantar  
De novo, como se nunca tivesse  
De parar. Como se o sopro  
Só soubesse de si mesmo  
Através da tua boca

Como se a vida só entendesse  
O viver  
Morando no teu corpo, e a morte  
Só em mim se fizesse morrer.

VI

Como quem semeia, rigoroso, os cardos  
Sobre a areia, sem ver a mulher à beira-mar  
Tu, meu amigo, tensa os olhos fixos  
De límpida vigília, e nem me vês passar.  
E ficarás assim, para sempre  
Como se as águas estanques de uma tarde

Jamais sonhassem a ventura do mar.  
E ficarás assim, para sempre  
Como se o oceano se obrigasse  
A contornar apenas uma certa ilha  
E eu

Faminta me desobrigasse

Da minha própria água primitiva.

Como quem semeia, rigoroso, os cardos  
Sobre a areia, hei de ficar exata e coerente  
Construindo o meu verso, até que a morte  
Me descubra um dia, provavelmente

Como quem passeia.

## VII

Essa lua enlutada, esse desassossego  
A convulsão de dentro,ilharga  
Dentro da solidão, corpo moreendo  
Tudo isso te devo. E eram tão vastas  
As coisas planejadas, navios,  
Muralhas de marfim, palavras largas  
Consentimento sempre. E seria dezembro.  
Um cavalo de jade sob as águas  
Dupla transparência, fio suspenso  
Todas essas coisas na ponta dos teus dedos  
E tudo se desfez no pórtico do tempo  
Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro  
Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo

Também isso te devo.

## VIII

Ai, que distancimento, que montanha, que água  
Estes rios fundos, o meu sumo escorrendo,  
Esta chaga, ai, senhor, que já não vejo  
O tempo, ando ensombrada  
Quase dormida e insone pela casa  
E ao mesmo tempo raposa perseguida:  
Se ontem ousava correr, hoje não ousa  
Antes de alegre  
Do ouvido que escuta os cavalos correndo  
A música dos instrumentos, dos cães o latido  
E se deixa matar. Ai de mim, me conhecendo  
Penitente sem ser preciso, com esse viço do amor  
não me sabendo nunca perseguida  
Mas sendo caça, indo à frente  
E perseguindo o caçador.

## IX

Debruça-te sobre a tua casa e a tua mulher  
E pergunta no mais fundo de ti, no teu abismo,  
Se é maior teu espaço de amor, ou maiores  
Que o céu esses rigores, a ti te proibindo  
Tua amiga incorporada ao teu próprio destino.  
Do máximo e do mínimo e a meu favor  
(Não me louvando a mim o raciocínio)  
Ressurgiria um conceito didático, exemplar:  
De que não cabe medida se se trata  
Dessa coisa incontida que é o amor.



O coração amante se dilata. O preconceito?  
Um punhado de sal num mar de águas.

X

Túlio: aceita a graça que te concede  
A padroeira, a mãe do meu Senhor,  
De me tomar a alma e o corpo, e atrair  
Para o teu próprio gozo, essa que anda  
A te louvar, essa primeira  
A te cantar no verso, tua amiga, eu mesma,  
Incendiada, coroada de espinhos, e apesar  
Sempre viva  
Se se trata de ti, do teu fervor. Aceita-me.  
Que o tempo, peregrino se faz sempre  
Mas nunca a contento perdurável,  
E se demoras muito, uns imensos destinos  
Distanciam de ti esse todo amoldável  
Que se faz em mim. E milênios hão de passar  
E serás velho e triste. Aceita-me. Acredita:

De mais nada serás merecedor  
Se te recusas à graça da minha Virgem.

XI

Túlio, melhor é te ensinar a conhecer  
Essa coisa do amor, poque entendi

Que amor não se fez no teu peito imaturo.

Se tens cinqüenta anos, eu quarenta e três,  
Em mim há muitas dores, tantas  
Quanto te espantas do meu brm-querer. Túlio.  
Quando se ama, rubor e lividez, banalidade  
A chama, se alternam, como em certas tardes  
Tu vês a chuva, o chão de terra lavado,  
E num segundo nem há sombra de águas  
E vês o sol oblíquo, enviesado, uma luz  
Quase ferida, para os teus olhos recentes  
De umas águas. E há sentires plangentes,  
Agonias, um não dizer inflamado, uma febre  
Marejada de poesia.

E tudo o que eu te digo, tecido de palavras,  
Porque te amo tanto, Túlio, disse nada.

## XII

Túlio viaja. A sós. E o tempo passa.  
Túlio nos ares, asa, amplidão,  
E o poeta morrendo, a sós, na casa,  
O coração nos ares

Ai, coração, lamenta e apaga  
Teu existir de sangue  
Essa desordenada convulsão  
Porque Túlio viaja e não te sabe.

Sabe apenas de si, e das notícias  
Supremas da política, dos homens  
Fica atento à eloquência  
E de ti, coração (antes que a pedra  
Se julgue irmã da tua matéria  
Ouve, contido): De ti, Túlio não sabe.

Porisso volta à terra, esquece os ares.

### XIII

Não é isso, Túlio. Afastada de mim  
A intenção de te causar tormento.  
É o Tempo, amigo. A se me faço ampla  
O inimigo atroz não me acompanha  
Porque Túlio se faz, a cada dia, exíguo.

Deleitosa, caminho até a montanha  
E tu te fechas, túbio, pesadas anteportas  
Emergem do passeio a que me obrigo.  
Não é tormento, Túlio. Smepre te enganas.  
É essa fome de ti, esse amor infinito  
Palavra que se faz lava na garganta.

### XIV

Uma viagem sem fim, Túlio, eu te proponho  
Um percorrer o mundo, vagaroso, uns caminhares

Largos, entre a montanha e o vale, e acertos  
Entre nós dois, nós viajores, nós repensando  
Os rios,  
E um campo de papoulas nos tomando, um frêmito  
Luminoso,  
Agudos, inquietantes no entender dos outros,  
Lúdicos como convém a cálidos amantes.

Viagem de madrugadas milenares, Sirius intensa,  
Tudo ao redor papoulas e cerejas, como convém  
A mim, louca de lucidez, e como a ti, Túlio,  
Comigo, te convém.

## XV

Amada vida: a dádiva de ser, de Túlio  
A única paisagem, inumerável, única a seus olhos,  
É o que pede o poeta à amada vida. Que importa  
A Túlio o contemplar os frutos, romãs, ou mesmo  
Rosas, se por amor a ele me transmuta, e posso  
A um tempo só, ser flor e fruto, e além do mais  
Poeta, prodigiosa?  
Que importa a Túlio o mergulhar nas águas  
Se por amor a ele, maré alta e praia  
A cada dia me faço, dadivosa? Que importa ao amado  
O delisar das oras, o passo nos caminhos,  
O olhar diante do Tempo, umas duras planícies,  
E bulbos e romãs e rosas fenecendo  
Se por amor a ele, me faço amor e morte?

## XVI

Túlio, não me pertenço mais.  
Nem as palavras agora me pertencem.  
Antes, são tuas, a alma e a palavra  
E dura dentro de ti vou me fazendo  
Medo e muralha,  
E se quiseres posso ser convento  
A calar o meu verso, alimentar meu tempo  
De corredores vazios e rosários.  
Túlio, só de te ouvir o nome, desfaleço.  
E a alma que sabia a entendimento,  
De si mesma não sabe, nem do gozo  
De te amar, que conhecia.  
E se a ti, Túlio, te pertenço, ai, nunca mais  
Do amor vou conhecer minha alegria.  
Hei de fazer-me triste à imagem tua:  
Hei de ser pedra e areia, soberba e solidão  
Montanha crua.

## XVII

Morte, minha irmã:  
Que se faça mais tarde a tua visita.  
Agora nunca. Porque o amor de Túlio  
O vermelho da vida, pela primeira vez  
Se anuncia fecundo. Diante da luz do sol

O meu rosto noturno de poeta te suplica  
Que te demores muito contempalndo o mundo  
Que te detenhas ali, antre a roseira  
E o junco  
Ou talvez, para o teu conforto, assim, te estendas  
À sombra das paineiras, sonolenta.  
Morte, contempla. Poupa, quem por amor,  
Em tantos versos, também se fez rainha.  
Esquece o poeta. Porque o amor de Túlio  
O vermelho da vida, pela primeira vez  
Secreto, se avizinha.

MODERATO CANTABILE

I

A idéia, Túlio, foi se fazendo  
Em mim. Era alta a lua, e aberta  
A porta escura da minha casa vazia.  
Te pensei. E na minha alma fez-se  
Um gosto licoroso, mordedura

Mas doce do que a própria ventura  
De existir  
E te pensando foi subindo a lua  
E vivendo meu instante fui te vendo  
Da minha vida cada vez mais perto.

A idéia, Túlio, redonda esboçada  
Em azul, em ocre e sépia  
Era a tua vida em mim, circunvolvida.

II

E circulando lenta, a idéia, Túlio,  
Foi se fazendo matéria no meu sangue.  
A obsessão do tempo, o sedimento  
Palpável, teu rosto sobre a idéia

Foi nascendo

E te sonhei na imensidão da noite  
Como os irmãos no sonho se imaginam:  
Jungidos, permanentes, necessários  
E amantes, se assim se faz preciso.

Tocar em ti. Recriar castidade  
Não me sabendo casta, ser voragem  
Ser tua, e conhecendo  
Ser extensão do mar na tua viagem.

### III

Ser nova e derradeira, recompondo  
Madrugada e manhã no teu instante,  
Ser tão extremada, Túlio, tão primeira

Mais te valendo percorrer meu corpo  
Do que a matriz da terra. Tu me dirias:  
Louca, pastora do meu tempo, te demoraste  
Eterna.

A idéia, Túlio, vai se fazendo rubra  
À medida que vou te refazendo.

### IV

E quanto mais te penso, de si mesma



Se encanta a minha idéia. Vertiginosa  
E tensa como a flecha, contente de ser viva

Te procura

Sagitário -algoz, homem-amor, teu nome  
Que é preciso esconder do meu poema.  
Te chamarás, quem sabe, Rufus, Antonio  
Se outros olhos se abrirem sobre o verso.  
A justiça dos homens, essa trama imprecisa  
Me puniria a mim, me chamaria ilícita  
Se o verso se mostrasse com teu nome.

A idéia, Túlio, essa ilha escondida  
É límpida, encatada, se faz prata  
Vive através de ti. Porisso brilha.

V

E se parece a Mei, pequena estrela  
Viva na constelação de Sagitário.  
Vive dentro de ti, dupla grandeza  
O existir de agora, o céu em mim

No meu viver de sempre, solitário.

E de viver a idéia, de mim mesma  
Do rosto, dos cabelos, do meu corpo  
Dos amigos também, ando esquecida.

Rodeiam-me sem rosto, me perguntam:  
E a idéia? E se vão apreensivos  
Pois dupla vida é o que vive o poeta:  
Entendimento e amor, duplo perigo.

A idéia, Túlio,  
(resguarda-te do susto, não te aflijas)  
É na verdade tudo o que me resta.

## VI

Soergo meu passado e meu futuro  
E digo à boca do Tempo que os devore.  
E degustando o êxito do Agora  
A cada instante me vejo renascendo

E no teu rosto, Túlio, faz-se um Tempo

Imperecível, justo  
Igual à hora primeira, nova, hora-menina  
Quando se morde o fruto. Faz-se o Presente.  
Translúcida me vejo na tua vida  
Sem olhar para trás nem para frente:  
Indescritível, recortada, fixa.

ODE DESCONTÍNUA E REMOTA  
PARA FLAUTA E OBOÉ.  
DE ARIANA PARA DIONÍSIO.

I

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.  
Voz e vento apenas  
Das coisas do lá fora

E sozinha supor  
Que se estivesses dentro

Essa voz importante e esse vento  
Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria. Atento  
Meu ouvido escutaria  
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.  
Porque é melhor sonhar tua rudeza  
E sorver reconquista a cada noite  
Pensando: amanhã sim, virá.  
E o tempo de amanhã será riqueza:  
A cada noite, eu Ariana, preparando  
Aroma e corpo. E o verso a cada noite  
Se fazendo de tua sábia ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia  
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,

Que a teu lado te amando,  
Antes de ser mulher sou inteira poeta.  
É que o teu corpo existe porque o meu  
Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,  
É que move o grande corpo teu

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante  
Quando amanhece e me dizes adeus.

### III

A minha Casa é guriã do meu corpo  
E protetora de todas minhas ardências.  
E transmuta em palavra  
Paixão e veemência

E minha boca se faz fonte de prata  
Ainda que eu grite à Casa que só existo  
Para sorver a água da tua boca.

A minha Casa, Dionísio, te lamenta  
E manda que eu te pergunte assim de frente:  
À uma mulher que canta ensolarada  
E que é sonora, múltipla, argonauta

Por que recusas amor e permanência?

### IV

Porque te amo  
Deverias ao menos te deter  
Um instante

Como as pessoas fazem  
Quando vêm a petúnia  
Ou a chuva de granizo.

Porque te amo  
Deveria a teus olhos parecer  
Uma outra Ariana

Não essa que te louva

A cada verso  
Mas outra

Reverso de sua própria placidez  
Escudo e crueldade a cada gesto.

Porque te amo, Dionísio,  
é que me faço assim tão simultânea

Madura, adolescente

E porisso talvez  
Te aborreças de mim.

## V

Quando Beatriz e Caiana te perguntarem, Dionísio,  
Se me amas, podes dizer que não. Pouco me importa  
Ser nada à tua volta, sombra, coisa esgarçada  
No entendimento de tua mãe e irmã. A mim me importa,  
Dionísio, o que dizes deitado, ao meu ouvido  
E o que tu dizes em pode ser cantado  
Porque é palavra de luta e despudor.  
E no meu verso se faria injúria

E no meu quarto se faz verbo de amor.

## VI

Três luas, Dionísio, não te vejo.  
Três luas percorro a Casa, a minha,  
E entre o pátio e a figueira  
Converso e passeio com meus cães

E fingindo altivez digo à minha estrela  
Essa que é inteira prata, dez mil sóis  
Sirius pressaga

Que Ariana pode estar sozinha  
Sem Dionísio, sem riqueza ou fama  
Porque há dentro dela um sol maior:

Amor que se alimenta de uma chama

Movediça e lunada, mais luzente e alta

Quando tu, Dionísio, não estás.

## VII

É lícito me dizeres, que Manan, tua mulher  
Virá à minha Casa, para aprender comigo  
Minha extensa e difícil dialética lírica?  
Canção e liberdade não se aprende

Mas posso, encantada, se quiseres

Deitar-me com o amigo que escolheres  
E ensinar à mulher e a ti, Dionísio,

A eloqüência da boca nos prazeres  
E plantar no teu peito, prodigiosa  
Um ciúme venenoso e derradeiro.

## VIII

Se Clódia desprezou Catulo  
E teve Rufus, Quintius, Gelius  
Inacius e Ravidus

Tu podes muito bem, Dionísio,  
Ter mais cinco mulheres

E desprezar Ariana  
Que é centelha e âncora

E refrescar tuas noites  
Com teus amores breves.  
Ariana e Catulo, luxuriantes

Pretendem eternidade, e a coisa breve  
A alma dos poetas não inflama.  
Nem é justo, Dionísio, pedires ao poeta

Que seja sempre terra o que é celeste  
E que terrestre não seja o que é só terra.

## IX

*“Conta-se que havia na China uma mulher  
belíssima que enlouquecia de amor todos  
os homens. Mas certa vez caiu nas  
profundezas de um lago e assustou os peixes.”*

Tenho meditado e sofrido  
Irmanada com esse corpo  
E seu aquático jazigo

Pensando



Que se a mim não deram  
Esplêndida beleza  
Deram-me a garganta  
Esplandecida: a palavra de ouro  
A canção imantada  
O sumarento gozo de cantar  
Iluminada, ungida.

E te assustas do meu canto.  
Tendo-me a mim  
Preexistida e exata

Apenas tu, Dionísio, é que recusas  
Ariana suspensa nas tuas águas.

X

Se todas as tuas noites fossem minhas  
Eu te daria, Dionísio, a cada dia  
Uma pequena caixa de palavras  
Coisa que me foi dada, sigilosa

E com a dádiva nas mãos tu poderias  
Compor incendiado a tua canção  
E fazer de mim mesma, melodia.

Se todos os teus dias fossem meus  
Eu te daria, Dionísio, a cada noite

O meu tempo lunar, transfigurado e rubro  
E agudo se faria o gozo teu.

PRELÚDIOS-INTENSOS  
PARA OS DESMEMORIADOS  
DO AMOR.

I

Toma-me. A tua boca de linho sobre a minha boca  
Austera. Toma-me AGORA, ANTES  
Antes que a carnadura se desfaça em sangue, antes  
Da morte, amor, da minha morte, toma-me  
Crava a tua mão, respira meu sopro, deglute  
Em cadência minha escura agonia.

Tempo do corpo este tempo, da fome  
Do de dentro. Corpo se conhecendo, lento,  
Um sol de diamante alimentando o ventre,  
O leite da tua carne, a minha  
Fugidia.  
E sobre nós este tempo futuro urdindo  
Urdindo a grande teia. Sobre nós a vida  
A vida se derramando. Cíclica. Escorrendo.

Te descobres vivo sob um jogo novo.  
Te ordenas. E eu deliquescida: amor, amor,  
Antes do muro, antes da terra, devo  
Devo gritar a minha palavra, uma encantada  
Ilharga

Na cálida textura de um rochedo. Devo gritar  
Digo para mim mesma. Mas ao teu lado me estendo  
Imensa. De púrpura. De prata. De delicadeza.

## II

Tateio. A fronte. O braço. O ombro.  
O fundo sortilégio da omoplata.  
Matéria-menina a tua fronte e eu  
Madurez, ausência nos teus claros  
Guardados.

Ai, ai de mim. Enquanto caminhas  
Em lúcida altivez, eu já sou o passado.  
Esta fronte que é minha, prodigiosa  
De núpcias e caminho  
É tão diversa da tua fronte descuidada.

Tateio. E a um só tempo vivo  
E vou morrendo. Entre terra e água  
Meu existir anfíbio. Passeia  
Sobre mim, amor, e colhe o que me resta:  
Noturno girassol. Rama secreta.

## III

Contente. Contente do instante  
Da ressurreição, das insônias heróicas

Contente da assombrada canção  
Que no meu peito agora se entrelaça.  
Sabes? O fogo iluminou a casa.  
E sobre a claridade do capim  
Um expandir-se de asa, um trinado

Uma garganta aguda, vitoriosa.

Desde sempre em mim. Desde  
Sempre estiveste. Nas arcadas do Tempo  
Nas ermas biografias, neste adro solar  
No meu mudo momento

Desde sempre, amor, redescoberto em mim.

#### IV

Que boca há de roer o tempo? Que rosto  
Há de chegar depois do meu? Quantas vezes  
O tule do meu sopro há de pousar  
Sobre a brancura fremente do teu dorso?

Atravessaremos juntos as grandes espirais  
A artéria estendida do silêncio, o vão  
O patamar do tempo?

Quantas vezes dirás: vida, vésper, magna-marinha

E quantas vezes direi: és meu. E as distendidas  
Tardes, as largas luas, as madrugada agônicas  
Sem poder tocar-te. Quantas vezes, amor

Uma nova vertente há de nascer em ti  
E quantas vezes em mim há de morrer.

V

Aos amantes é lícito a voz desvanecida.  
Quando acordares, um só murmúrio sobre o teu ouvido:  
Ama-me. Alguém dentro de mim dirá: não é tempo, senhora,  
Recolhe tuas papoulas, teus narcisos. Não vês  
Que sobre o muro dos mortos a garganta do mundo  
Ronda escurecida?

Não é tempo, senhora. Ave, moinho e vento  
Num vórtice de sombra. Podes cantar de amor  
Quando tudo anoitece? Antes lamenta  
Essa teia de seda que a garganta tece.

Ama-me. Desvaneço e suplico. Aos amantes é lícito  
Vertigens e pedidos. E é tão grande a minha fome  
Tão intenso meu canto, tão flamante meu preclaro tecido  
Que o mundo inteiro, amor, há de cantar comigo.

ÁRIAS PEQUENAS.  
PARA BANDOLIM.

I

Os dentes ao sol  
A memória engulindo  
O resplendor angélico  
De um lívido jacinto.

Os dentes ao sol  
E o escuro momento  
Do girassol no muro  
Enlouquecendo.

Os dentes ao sol  
Dentro de mim  
A sombra dos teus dedos  
Tua brusca despedida.

Do tempo  
As enormes mandíbulas  
Roendo nossas vidas.

II

Meu corpo no mar  
E o peixe movendo

A barbatana tensa  
No ar.

Meu corpo de terra  
Mergulha no gozo

E te pensa

Em líquida quimera.  
O corpo do peixe  
Olho abismado  
Hiato  
Guelra sem grito

Morrendo.

### III

Tuas poucas palavras  
Meus atentos ouvidos  
Um sopro adverso  
Encrespando as águas.

Apenas escutava  
O que tu não dizias.  
Inteira ensimesmada  
A tarde se fechava

Minha boca se abria



E não dizia nada.  
Se eu pudesse diria:

Que a vida se me apaga  
Porque o ouvido não ouve  
O que lhe caberia.  
Se disseses - Amada -  
(Te parece difícil?)

Só isso bastaria.

#### IV

Se é morte este amor  
Porque se faz sozinho  
Este meu canto?  
Antes diria sorte

Poder cantar morrendo  
A minha morte.

Se te vou esperar  
Como é certo que ao fruto  
Antecede a árvore?  
Certo como a terra

Antecede a árvore  
E à árvore antecede  
A semente na terra

Me hás de vir buscar.

V

Aprendo encantamento.

E a sós  
No bandolim do tempo  
Vou sorvendo a hora

Hora de amor, amigo,  
Quando o teu rosto  
À minha frente  
E a gosto

Se fizer consentido.  
Aprendo a tua demora  
Como a noite paciente  
Conhece a madrugada

E obscura elabora  
A salamandra rara:  
O dia. Tua figura.

Aprendo encantamento  
E desfio encantada

O bandolim do tempo.

VI

Entendimento fatal  
Demasia do gosto  
Devo morrer agora

Se não me tomas.

Coração-corpo  
Tão dilatado  
Pulsando espesso

Se não me tomas  
Vai-se o compasso  
Do meu bater.

Mínimo espaço  
E o meu imenso  
Descompassado  
Coração-corpo  
Se não me tomas  
Antes me faço  
De crueldade:  
Ao invés de versos  
Te mando cardos

Ao invés de vida  
Te mando o gosto

Do meu morrer.

VII

Esquivança, amigo,  
É o que se faz em ti.  
Frígido, esquivo  
Da benquerença de mim

Quanto mais persigo  
Mais te vejo  
De mim o fugitivo  
Córrego correndo  
E eu desesperança  
Me fazendo antiga.

Crescem verdores  
À minha volta.  
Ramas votivas  
Se interdizendo:  
Cubra-se a morta  
Porque o amante  
Se faz esquivo.  
Feche-se a porta  
Porque é de pedra

## Impermissivo

Esse que era  
O cantar da morta.

## VII

E taciturno

Pelo começo  
Começarias  
A minha estória  
Que desde o início  
Já se sabia  
Ter todo o vício  
De malfadada  
Versos dementes  
Volúpia larga:

- Era tão louca  
Que lá da aldeia  
Onde vivia  
Mandava cartas  
De fogo e areia  
Esbraseadas  
E as outras ásperas  
Nem as abria  
Só de tocá-las... -

(Túlio coitado  
Já se queimava)

- Mulher-poeta  
E incendiada  
Que outra morte  
Lhe caberia? -

- Túlio, tens culpa?  
- Culpo-me nada.

## IX

Incontável, muda  
Essa plenitude.  
Incontável, mudo  
Meu instante de morte.  
Ando morrendo.  
E sem poder, traduzo:

é punhal cintilante  
Esta minha morte.  
Como se fosse dor  
Sem se fazer ferida,  
Como se o grito  
Se fizesse mudo.  
(Sem ser agudo  
Um silvo penetrasse  
No teu profundo ouvido)

Como se eu lamentasse  
Sem lamento  
Sem urro.  
Corpo de fogo morrendo  
Sem a luz do ouro.  
Isento. Puro.

Vivo do seu próprio momento.

X

As laranjas têm alma?  
Tu me perguntas calmo  
A testa no fruto.  
Examinas. Desenrolas  
A casca, o amarelo  
Escorre palpitante  
O sumo sobre a mesa.  
Proeza da tua fome.

Tu ainda me amas?  
Eu te pergunto lívida  
Na manhã de tintas  
Amarelo e ocre  
Pulsando no meu sangue.  
E te levantas, me olhas  
E te fazes cansado  
De perguntas antigas.

XI

Antes que o mundo acabe, Túlio,  
Deita-te e prova  
Esse milagre do gosto  
Que se fez na minha boca  
Enquanto o mundo grita  
Belicoso. E ao meu lado  
Te fazes árabe, me faço israelita  
E nos cobrimos de beijos  
E de flores

Antes que o mundo se acabe  
Antes que acabe em nós  
Nosso desejo.

XII

Dentro do círculo  
Faço-me extensa.  
Procuro o centro  
Me distendendo.  
Túlio não sabe  
Que o amor se move  
No seu de dentro  
E me procura



Movente, móvil  
No lá de fora.

Túlio em mim  
Tem se movido  
Tão desatento  
Como se a nuvem  
Já se movendo  
Buscasse o vento  
Como se a chuva  
Toda molhada  
Buscasse a água.

XIII

Túlio: há palavras escuras,  
Guardadas, duros ramos  
Dentro das arcas. Roxura  
Por exemplo. É ânsia.  
Convém lembrá-las  
Porque me faço mordente  
Nesta minha armadura,  
Soberbosa, cansada  
Do teu silêncio  
A do laivoso das gentes.  
Há palavras escuras.  
Hederoso, por exemplo.  
É abundante de heras.  
Habena, que é chicote.  
E há uma palavra rara  
Em milenar repouso

No teu peito duro.  
Convém lembrá-la, Túlio.  
Do amor é que te falo.

Acorda tua palavra.  
Usa o chicote  
Antes que eu me faça escura.

#### XIV

Lilazes, Túlio, celebramos  
O estarmos vivos, milagre  
Que os demais assistem  
Distraídos, e nós amantes  
Nos sabemos perplexos  
Floridos e vorazes  
Diante deste banquete.  
Vívidos, Túlio, celebremos.  
Ao rei dos reis, o poeta pede  
Paixão-Eternidade, Virtude  
Da Razão, ainda que aos vossos olhos  
Tais nobrezas a princípio pareçam  
Coisa inconciliável

Mas o difícil em nós  
Se faz lhaneza, porque o poeta  
Pede à divindade. Ouro mais raro  
É ouro permissível, se no abismo

Em que vive, coexiste  
O envoltório do amor. Em nós  
Comviver, Túlio, os dúplices  
Dífíceis. Abracemo-nos. Celebra.  
Enquanto estamos vivos.

XV

Embriaguez da vontade, Túlio,  
Sangue buscando a veia  
É o que me faz perpétua.  
Estrela sobre a testa  
E de poesia plena  
Vou te buscando imensa.

Embriaguez da vontade, Túlio,  
E os oponentes:  
Tua pouca ciência, desafeto  
Exata em mim, minha maturidade.

E haverá louvor e recompensa  
Para o amor incansável do poeta.  
Dentro da sua soberba  
Brioso de eternidade

Túlio, de pedra.

XVI

Negra  
Como a terra profunda  
Que retém a seiva.

Rubra  
Explodindo em sangue  
Tua palavra omissa  
No meu peito amante.

Túlio, lâmina aguçada  
Retalhando a luz  
Da minha palavra.

Turvo  
Teu amor austero  
Recobrindo tudo.

Túlio  
Castigando eterno  
A perdição e a carne

Do poeta.

XVII

O poeta se fez  
Água de fonte

Infância  
Circunsoante  
Madeira leve  
Límpida caravela

E Túlio não quis.  
O poeta se fez  
Aroma  
Voz inflamante  
Vestido  
Metalescente  
Insânia

E Túlio não quis.

O poeta se cobre  
De visgo, de vergonha  
Enterra seu bandolim  
Artimanha do sonho

Tem o corpo de luto  
E o rosto de giz

Porque Túlio não ama.

## XVIII

Se eu te pedisse, Túlio,  
O ato irreparável de me amar

Te pediria muito?

Se o corpo pede à alma  
Que respirem juntos  
Tu dirias, dúbio,  
Que se trata de um pedido singular?

Se o que eu te digo  
Ouves pelo ouvido  
Tu culparias  
Teu inteiro sentido  
Auricular?

Retoma, Túlio,  
O que pertence à vida:  
Meu sangue, minha poesia

E o ato irreparável de me amar.  
XIX

Pela primeira vez  
Me vejo moça, Túlio.  
Pela última vez

Emana do meu rosto  
Um brilho de ventura  
Suspeitoso:  
Véu redivivo  
Cintilância de noiva

E a um tempo só  
Também leve mortalha  
Recobrando o morto.

Pela última vez  
Te peço  
Que tu escolhas

O que devo colocar  
Diante do rosto:  
Essa teia de fogo  
Atrevimento  
O ouro de te amar

Ou o tecido outro:  
Recusa e contenção  
De Túlio

Esse linho trevoso  
Essa mortalha lunar  
Sobre o meu rosto.

Porque me fiz  
Cruz e ferida  
Viva enormemente  
Te suplico:

Que me permitas, Túlio,  
A mim, ser moça,  
Arder e colocar

Pela última vez

Minha teia de fogo  
Sobre o rosto.



## ÁRIA ÚNICA, TURBULENTA

Tépido, Túlio, o reino  
Não é feito para os mornos.  
Esse reino de amor onde és o rei  
Por compulsão e ímpeto do poeta,  
É feito de loucura, de atração  
E não compreende tepidez, mornura  
E vícios da aparência, palha, Túlio,  
Tem sido o teu reinado, inconsistência.  
Ou te transformas, rei de fogo e justo,  
E a quem merece, dás amor e alento

Ou se refaz em ira a minha luxúria  
Me desfaço de ti, muito a contento.

POEMAS AOS HOMENS DO NOSSO TEMPO

I

*homenagem a Alexander Solzhenitsyn*

Senhoras e senhores, olhai-nos.  
Repensemos a tarefa de pensar o mundo.  
E quando a noite vem  
Vem a contrafacção dos nossos rostos  
Rosto perigoso, rosto-pensamento  
Sobre os vossos atos.

A muitos os poetas lembrariam  
Que o homem não é para ser engulido  
Por vossas gargantas mentirosas.  
E sempre um ou dois dos vossos engulidos  
Deixarão suas heranças, suas memórias

A IDÉIA, meus senhores

E essa é mais brilhosa  
Do que o brilho fugaz de vossas botas.

Cantando amor, os poetas na noite  
Repensam a tarefa de pensar o mundo.  
E podeis crer que há muito mais vigor  
No lirismo aparente  
No amante Fazedor da palavra

Do que na mão que esmaga.

A IDÉIA é ambiciosa e santa.  
E o amor dos poetas pelos homens  
é mais vasto  
Do que a voracidade que nos move.  
E mais forte há de ser  
Quanto mais parco

Aos vossos olhos possa parecer.

II

Amada vida, minha morte demora.  
Dizer que coisa ao homem,  
Propor que viagem? Reis, ministros  
E todos vós, políticos,  
Que palavra  
Além de ouro e treva  
Fica em vossos ouvidos?  
Além de vossa RAPACIDADE  
O que sabeis  
Da alma dos homens?  
Ouro, conquista, lucro, logro  
E os nossos olhos  
E o sangue das gentes  
E a vida dos homens

Entre os vossos dentes.

III

*homenagem à Natalia Gorbanievskaya*

Sobre o vosso jazigo  
- Homem político -  
Nem compaixão, nem flores.  
Apenas o escuro grito  
Dos homens.

Sobre os vossos filhos  
- Homem político -  
A desventura  
do vosso nome.

E enquanto estiverdes  
À frente da Pátria  
Sobre nós, a mordança.  
E sobre as vossas vidas  
- Homem político -  
Inexoravelmente, nossa morte.

IV

*A Frederico Garcia Lorca*

Companheiro, morto dessassombrado, rosácea ensolarada  
Quem senão eu, te cantará primeiro. Quem senão eu  
Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu



*homenagem a Alexei Sakarov*

de cima do palanque  
de cima da alta poltrona estofada  
de cima da rampa  
olhar de cima

LÍDERES, o povo  
Não é paisagem  
Nem mansa geografia  
Para a voragem  
Do vosso olho.  
POVO. POLVO.  
UM DIA.

O povo não é o rio  
De mínimas águas  
Sempre iguais.  
Mais fundo, mais além  
E por onde navegais  
Uma nova canção  
De um novo mundo.

E sem sorrir  
Vos digo:  
O povo não é  
Esse pretenso ovo  
Que fingis alisar,  
Essa superfície  
Que jamais castiga

Vossos dedos furtivos.  
POVO. POLVO.  
LÚCIDA VIGÍLIA.  
UM DIA.

VI

Tudo vive em mim. Tudo se entranha  
Na minha tumultuada vida. E porisso  
Não te enganas, homem, meu irmão,  
Quando dizes na noite, que só a mim me vejo.  
Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam  
Nas manhãs, carregados de medo, de pobreza,  
O olhar aguado, todos eles em mim,  
Porque o poeta é irmão do escondido das gentes  
Descobre além da aparência, é antes de tudo  
LIVRE, e porisso conhece. Quando o poeta fala  
Fala do seu quarto, não fala do palanque,

Não está no comício, não deseja riqueza  
Não barganha, sabe que o ouro é sangue  
Tem os olhos no espírito do homem  
No possível infinito. Sabe de cada um  
A própria fome. E porque é assim, eu te peço:  
Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta  
O homem está vivo.

VII

*homenagem a Pavel Kohout*

Que te devolvam a alma  
Homem do nosso tempo.  
Pede isso a Deus  
Ou às coisas que acreditas  
À terra, às águas, à noite  
Desmedida,  
Uiva se quiseres,  
Ao teu próprio ventre  
Se é ele quem comanda  
A tua vida, não importa,  
Pede à mulher  
Àquela que foi noiva  
À que se fez amiga,  
Abre a tua boca, ulula  
Pede à chuva  
Ruge  
Como se tivesses no peito  
Uma enorme ferida  
Escancara a tua boca  
Regouga: A ALMA. A ALMA DE VOLTA.

## VIII

Lobos? São muitos.  
Mas tu podes ainda  
A palavra na língua



Aquietá-los.

Mortos? O mundo.  
Mas podes acordá-lo  
Sortilégio de vida  
Na palavra escrita.

Lúcidos? São poucos.  
Mas se farão milhares  
Se à lucidez dos poucos  
Te juntares.

Raros? Teus preclaros amigos.  
E tu mesmo, raro.  
Se nas coisas que digo  
Acreditares.

IX

*homenagem a Piotr Yakir*

Ao teu encontro, Homem do meu tempo,  
E à espera de que tu prevaleças  
À rosácea de fogo, ao ódio, às guerras.  
Te cantarei infinitamente  
À espera de que um dia te conheças  
E convides o poeta e a todos esses  
Amantes da palavra, e os outros,  
Alquimistas, a se sentarem contigo

À tua mesa. As coisas serão simples  
E redondas, justas. Te cantarei  
Minha própria rudeza  
E o difícil de antes,  
Aparências, o amor  
Dilacerado dos homens  
Meu próprio amor que é o teu  
O mistério dos rios, da terra  
Da semente. Te cantarei Aquele  
Que me fez poeta e que me prometeu

Compaixão e ternura e paz na Terra  
Se ainda encontrasse em ti, o que te deu.

X

Amada vida:  
Que essa garra de ferro  
Imensa  
Que apunhala a palavra  
Se afaste  
Da boca dos poetas.  
PÁSSARO-PALAVRA  
LIVRE  
VOLÚPIA DE SER ASA  
NA MINHA BOCA.

Que essa garra de ferro  
Imensa

Que me dilacera

Desapareça  
Do ensolarado roteiro  
Do poeta.  
PÁSSARO-PALAVRA  
LIVRE  
VOLÚPIA DE SER ASA  
NA MINHA BOCA.

Que essa garra de ferro  
Calcinada

Se desfaça  
Diante da luz  
Intensa da palavra.

PALAVRA-LIVRE  
Volúpia de ser pássaro

Amada vertigionsa.

Asa.

XI

Se o teu, o meu, nosso do tigre  
Se fizesse livre, como seria?

Se convivesses unânime  
Como as estrias do dorso  
Desse tigre  
Convivem com seu todo

Te farias mais garra?  
Ou mais crueza? Ou nasceria  
Em ti uma outra criatura  
Límpida, solar, ígnea?

Tentarias a sorte de saltar  
Em direção à Vega, Canópus?  
Te chamarias tigre ou Homem?

Homem: reverso da compulsória  
Fome do tigre.  
Homem: alado e ocre

Pássaro da morte.

## XII

Vou indo, caudalosa  
Recortando de mim  
Inúmeras palavras.  
Vou indo, recortando  
Alguns textos antigos  
Onde a faca finíssima

Sublinhava  
As legendas políticas  
E um punhal incisivo  
Apunhalava  
Um corpo amolecido  
O olho aberto, uma bota  
Pontiaguda  
entrando no teu peito.  
Os meus olhos te olhavam  
Como de certo o Cristo  
Te olhou, piedade  
Compaixão infinita  
Ah, meu amigo  
Que límpida paixão  
Que divina vontade  
Fervor feito de lava  
Fogo sobre a tua fronte  
Tanto amor  
E não te deram nada.  
Deram-te sim  
Ferocidade, grito  
E sobre o corpo  
Chagas  
E mãos enormes, garras  
Te levando o rosto  
E inúmeras palavras  
Tão inúteis na noite.  
Diziam que adolescência  
Moldou a tua idéia  
Que eras como um menino

De encantada imprudência  
Loucura caminhares  
Na trilha da floresta  
Sem luminosa armadura.  
Mas eu, poeta, vou indo  
Caudalosa  
Recortando as palavras  
Tão inúteis  
E os meus olhos de treva  
Vão te olhando  
E te guardo no peito  
Intenso, aberto  
Colado a mim  
Homem-Amor  
Inteiro permanência  
No todo despedaçado  
Do poeta.

### XIII

Ávidos de ter, homens e mulheres  
Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas  
Invadidas de um novo a mais querer  
Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas.  
Uma pergunta brusca  
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:  
E a entranha?  
De ti mesma, de um poder que te foi dado  
Alguma coisa mais clara se fez? Ou porque tudo se perdeu

É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,  
Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,  
Tua aventura de ser, tão esquecida?  
Por que não tentas esse poço de dentro  
O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada  
De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.

## XIV

*Não há bombas limpas.*

Mário Faustino

Bombas limpas, disseram? E tu sorris  
E eu também. E já vemos mortos  
Um verniz sobre o corpo, limpos, estáticos,  
Mais mortos do que limpos, exato  
Nosso corpo de vidro, rígido  
À mercê dos teus atos, homem político.  
Bombas limpas sobre a carne antiga.  
Vitril esplendente e agudo sobre a tarde.  
E nós na tarde repensamos mudos  
A limpeza fatal sobre nossas cabeças  
E tua sábia eloquência, homens-hiena

Dirigentes do mundo.

## XV

Leopardos e abstrações rondam a Casa.  
E as mão, o ato puro pretendendo. Ainda  
Que eu soubesse o que tudo vem a ser,  
A idéia, a garra, de mim mesma não sei  
A fonte que gerou tais coisas nesta tarde.  
Leopardos e abstrações. Que vem a ser?  
Roxura, ansiedade? Memórias de Qadós,  
Soberba e desafio se fazendo ronda  
Plúmbeo Qadós diante da luz de Deus?  
Se as tardes se fizessem meninice  
Para que eu descansasse. Se as mãos  
Fossem as mãos de Agda, eu decerto cavava.  
E morrendo, descobria a mim mesma  
Me fazendo leopardo e abstração  
Na ociosa crueza desta tarde.

## XVI

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.  
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.  
Dirás que sangue é o não teres teu ouro  
E o poeta te diz: compra o teu tempo  
  
Contempla o teu viver que corre, escuta  
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.



Enquanto faço o verso, tu que não me lês  
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.  
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:  
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.  
Irmão do meu momento: quando eu morrer  
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:  
MORRE O AMOR DE UM POETA.  
E isso é tanto, que o teu ouro não compra,  
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto

Não cabe no meu canto.

## XVII

Tudo demora. E tudo é véspera e nostalgia  
Desse Agora, quando tu pensas que tudo se demora.  
E porisso, noviça, aos poucos conhecendo  
Repouso e brevidade desta vida, do meu ficar a sós  
Pretendo apenas, fruir apesares e partidas

E júbilo também

Porque o instante consente essas duplas medidas.  
Noviça da minha hora. Os rios correndo, o charco  
Soterrando minúcias, quem sabe a minha memória  
Conivências, o ouro do meu canto, irmãos  
Dionísio e Túlio. Os rios correndo. E todos os poemas,  
Fascinação de amantes e de amigos, os caminhos de volta  
Pretendendo.

**PEQUENOS FUNERAIS CANTANTES  
AO POETA CARLOS MARIA ARAÚJO**

(1967)

*Death be not proud, though some have called thee  
Mighty and dreadful, for, thou art noe soe,  
for those, whom thou think'st thou dost overthrow,  
Die not, poore death, nor yet canst thou kill me.*

John Donne

## CORPO DE TERRA

### I

Chaga de sol, rosácea ardente  
Aqueles linhos de sangue, o peito  
Mais profundo, aberto, extenso,  
Toda a delicadez do poeta  
Flui  
Exangue  
Num círculo de dor. Assim te lembro.

### II

Dorme o pastor. E sobre ele a pedra.  
E dentro dele, no coração, no ventre  
A primeira libélula. Dorme  
Recente de raízes, o poeta.

### III

No seu corpo de terra, dorme o inocente.  
Cantou a solidão, a salamandra  
“E um cavalo e um cavaleiro de barro  
Carmezim”. E teve amor ao medo e à centelha  
Que o fez cantar assim.

IV

Dorme o profeta. E se não escuta o vento  
Ouve na minha boca o seu “Ofício de treva”.  
Em aflição, em amor eu te celebro  
E na tua mão flechada está o meu grito:  
O que esperaste da minha boca aberta.

V

Dorme o cantor: “No dia de vossa ira  
Lembrai-vos, Senhor, do sal e do carvão  
Nas minas”. E alguém há de calar os algozes  
Do tempo, e há de nascer a flor sobre o teu sono  
E pelo teu lamento.

VI

Dorme o amigo no seu corpo de terra.  
E dentro dele a crisálida amanhece:  
Ouro primeiro, larva, depois asa  
Hás de romper a pedra, pastor e companheiro.

VII

Pastor, as violetas estão sobre os pilares.

É tempo do poeta abrir seu canto  
Tempo de iniciação, tempo de esfera  
É de uma linha-mundo curvo-reta:  
Trajetória de amor e de amplidão.

## CORPO DE LUZ

### I

Caminhas em direção ao Sul. O que te move  
É alfa, Adonai, Claríssima Morada.  
Teu peito é transparência em plenitude alada  
E não te vejo na distância e no tempo.  
Sei que a memória é límpida cancela  
E que viaja a sós, eterna.

E sendo assim, a ti te reconheço.

### II

Tu não estás comigo. Nem na tua noite  
De antes, de granito. Nem a tua voz  
É voz entre muralhas. Estás além agora:  
Arco do infinito.

### III

Teu sono não é o sono vulgar.  
Estendes a vigília  
E apreedes através da opacidade.  
Também assim  
Repousa o mar.

IV

Fechou-se para o efêmero das coisas  
O incomensurável da retina.  
Assim pousas na Verdade:  
Frente de opalina.

V

Poeta, os homens manipulam a matéria.  
Artífices do grande sonho dão-se as mãos  
e é o meu canto o fruto dessa espera.  
Canto como quem risca a pedra. Te celebro  
Na mais alta metamorfose da minha época.

Não cantarei em vão.

VI

Há um espaço finito onde o meu canto paira.  
E no multidimensional, na estrutura  
Onde a realidade se refaz, tu te demoras.  
Pastor, o que parecia tangível se evapora.  
E sobre nós, a grande noite  
Num etéreo nada, jaz.



VII

Sabias de outro tempo? O universo  
Agora se parece a um grande pensamento.  
Tu cantaste o espanto, asa de silêncio.  
Eu canto o espírito  
Que penetrou no reino da matéria:  
Asa de espanto do conhecimento.

**EXERCÍCIOS PARA UMA IDÉIA**

(1967)

Exercício nº 1

Se permitires  
Traço nesta lousa  
O que em mim se faz  
E não repousa:  
Uma Idéia de Deus.

Clara como Coisa  
Se sobrepondo  
A tudo que não ousa.

Clara como Coisa  
Sob um feixe de luz  
Num lúcido anteparo.

Se permitires ousa  
Comparar o que penso  
O Ouro e Aro  
Na superfície clara  
De um solário.

E te parece pouco  
Tanta exatidão  
Em quem não ousa?

Uma idéia de Deus  
No meu peito se faz  
E não repousa.

E o mais fundo de mim  
Me diga apenas: Canta,  
Porque à tua volta  
É noite. O Ser descansa.  
Ousa.

Exercício nº 2

Épura, que translúcida  
Se projeta.

Épura, feixe solar,  
E de cristal. E ereta.

Épura, réstia de luz  
Sobre a mão destra.

Épura, que a um só tempo  
Se renova. E sem limite  
Ou aresta

Toma corpo no Todo  
E recomeça.

Exercício nº 3

Dentro do prisma  
A base, o vértice  
De suas três  
Pirâmides contínuas.

Dentro do prisma  
A Idéia  
Que perdura e ilumina  
O que já era em mim  
De natureza pura.

Dentro do prisma  
O universo  
Sobre si mesmo fechado  
Mas aberto e alado.

Dentro de mim  
De natureza ígnea:  
Uma Idéia do Amado.

Exercício nº 4

De espaço - tempo  
De corpo e campo  
Teu fundamento.

E teu nome é matéria.  
Única. De estrutura

Infinitamente múltipla.

E se teu vértice pousa  
Te fazes igualmente  
Em Delta. E repousas.

Em ti  
Começaria a minha Idéia.

Exercício nº 5

E se a mão se fizer  
De ouro e aço,  
Desenharei o círculo.  
E dentro dele

O equitátero.

E se a mão puder,  
Hei de pensar o Todo  
Sem o traço.

E se o olhar  
A um tempo se fizer  
Sol e compasso  
Medita:

Retículo de prata  
Esfera e asa

Tríplice  
Una  
E infinita.

Exercício nº 6

E de todos os rumos  
Pensei  
(Como quem vê a prumo)  
Um só núcleo pulsando  
Claro-Escuro.

Se quiseres  
Chamaremos de Delta  
O feixe que se esconde,  
E Eta o júbilo de ser  
Área de luz e cone.  
E se o núcleo é um só,  
É lícito entenderes  
O que Delta resguarda  
Do teu olhar alerta.

E poderás dizer  
Que um e outro  
São infinitos-extensos  
De um só Ser.

Exercício nº 7

Vereis em cada círculo  
Três dimensões de um todo  
Aparentemente bipartido.

Alfa se refaz. É expansão  
E é cíclico. ômega se contrai  
Em nova direção. Em essência  
Alimenta-se  
Daquela que é princípio.

Mas sempre é o mesmo Ser  
Num movimento líquido  
De inspiração-expiração.

Sem finitude ou arbítrio.



**TRAJETÓRIA POÉTICA DO SER (I????)**

(1963 - 1966)

*À memória de Nikos Kazantzakis  
que me fortaleceu em amor*

Em ti, terra, descansei a boca, a mesma que aos  
outros deu de si o sopro da palavra e seu poder de  
amar e destruir.



## PASSEIO

### 1

Não haverá um equívoco em tudo isso?  
O que será em verdade transparência  
Se a matéria que vê, é opacidade?  
Nesta manhã sou e não sou minha paisagem  
Terra e claridade se confundem  
E o que me vê  
Não sabe de si mesmo a sua imagem.

E me sabendo quilha castigada de partidas  
Não quis meu canto em leveza e brando  
Mas para o vosso ouvido o verso breve  
Persistirá cantando.  
Leve, é o que diz a boca diminuta e douta.

Serão leves as límpidas paredes  
Onde descansareis vosso caminho?  
Terra, tua leveza em minha mão.  
Um aroma te suspende e vens a mim  
Numas manhãs à procura de águas.  
E ainda revestida de vaidades, te sei.  
Eu mesma, sendo argila escolhida  
Revesti de sombra a minha verdade.

### 2

Lenta será minha voz e sua longa canção.  
Lentamente se adensam essas águas  
Porque um todo de terra em mim se alarga.

E de constância e singeleza tanta,  
Meus mortos hoje sobre um chão de linhos  
Por algum tempo guardarão meu ritmo  
Nos ouvidos da terra. De granito.  
Pude aclarar a sombras nos oiteiros  
E aquecer num sopro o vento da tarde.  
Mas não vereis ainda meus prodígios  
Porque haverá lideiras neste outono  
E vossos olhos estarão por lá  
Desocupados do sono, extremados  
Para uma só visão num só caminho.

### 3

Quisera descansar as mãos  
Como se houvesse outro destino em mim.  
E castigar as falas, alimárias  
Vindas de um outro mundo que não sei.  
Fazê-las repetir suas longas árias  
Até que a morte silencie as mandíbulas  
Claras.

### 4

Caminho. E a verdade  
É que vejo alguns portais  
E entre as grades uns pássaros a leste.  
Não sabem de seus passos os meus pés  
Nem de mim mesma sei

Mas tantas timidizes se esvaíram  
E este meu corpo agora não as tem.

E atravessando os mármore e os muros  
Como se fossem mais muros de vento,  
Passeio nos jazigos  
E um cordeiro de pedra eu apascento.

## 5

Também nos claros, na manhã mais plena,  
A retina ferida nesse vôo que passa além do verde,  
É sempre a morte o sopro de um poema.  
Entre uma pausa e outra ela ressurgue  
Ilharga de sol. Ah, diante do efêmero  
Hei de cantar mais alto, sem o freio  
De uns cantares longínquos, assustados.

## 6

As aves eram brancas e corriam na brancura das lajes.  
As aves eram tantas e sabiam do seu corpo de ave.

Esguias e vorazes consumiam  
Os corpos que eram aves menos ágeis.  
E as garras assombradas dividiam  
As espessuras ínfimas da carne.

Na plumagem umas gotas de sangue  
Dos corpos devorados se entrevia.  
Mas da vida e do sangue não sabiam  
As aves que eram tantas sobre as lajes.

O ritual sincopado das gargantas  
Tinha o ruído oco de umas águas  
Deitadas bem de leve em algum cântaro.  
Todo o espaço se enchia desse canto  
E atraía umas aves, outras tantas.

A face do meu Deus iluminou-se.  
E sendo Um só, é múltiplo Seu rosto.  
É uno em seus opostos, água e fogo  
Têm a mesma matéria noutro rosto.  
Alegrou-Se meu Deus.  
Dessa morte que é vida, Se contenta.

7

O Deus de que vos falo

Não é um Deus de afagos.  
É mudo. Está só. E sabe  
Da grandeza do homem  
(Da vileza também)  
E no tempo contempla  
O ser que assim se fez.

É difícil ser Deus  
As coisas O comovem.  
Mas não da comoção  
Que vos é familiar:  
Essa que vos inunda os olhos  
Quando o canto da infância  
Se refaz.

A comoção divina  
Não tem nome.  
O nascimento, a morte  
O martírio do herói  
Vossas crianças claras  
Sob a laje,  
Vossas mães  
No vazio das horas.

E podereis amá-lo  
Se eu vos disser serena  
Sem cuidados,  
Que a comoção divina  
Contemplando se faz?

**8**

Vereis um outro tempo estranho ao vosso.  
Tempo presente mas sempre um tempo só,  
Onipresente.

A dimensão das ilhas eu não sei.  
Será como pensardes ou como é  
Vossa própria e secreta dimensão.  
Às vezes pareciam infinitas  
De larguras extremas e tão longas  
Que o olhar desistia do horizonte  
E sondava: ervas, água  
Minúcias onde o tato se alegrava  
Insetos, transparências delicadas  
Tentando o vôo quase sempre incerto.

O peito era maior que o céu aberto.  
Parávamos. E sabeis  
Que o que contenta mais o peito inquieto  
É olhar ao redor como quem vê  
E silenciar também como quem ama.

Éramos muitos? Ah, sim  
Eram muitos em mim.  
O perigo maior de conviver era o perigo de todos.  
Nosso Deus era um Todo inalterável, mudo  
E mesmo assim mantido. Nosso pranto  
Continuadamente sem ouvido  
Porque não é missão de divindade



Testemunharo pranto e o regozijo.

O que esperais de um Deus?  
Ele espera dos homens que O mantenham vivo.

E os verdes, os azuis, o chumbo delicado  
De umas tardes, a pureza das aves  
Os peixes de verniz  
Na abertura mais funda de umas águas.

## 9

Em silêncio plantávamos nas ilhas  
Se a noite era de lua prolongada.  
Plantava-se na terra mais sagrada  
Junto às colinas  
Porque era ali que os mortos repousavam.  
Ah, desamor, nosso tempo perdido  
Nossa morte.

Não levávamos rosas como vós  
Nem falávamos como falais  
Imprudentes, o passo descuidado  
E muita vez contente  
De caminhar tão vivo na manhã  
Sobre o chão dos ausentes.

O corpo se fechava  
À entreda dos portais.

A mão direita resguardava o plexo  
E só para plantar  
Se abria em novo gesto.

**10**

Com esse caminhar que em sonho se percebe  
Ou como um corpo pesado sob as águas  
Movimento pausado, movimento leve  
Ave maior em vôo compassado

Os cavalos da ilha se moviam  
Nos grandes areias ensolarados.

O que era corpo em mim, só descansava.  
O que era  
Vencia aquele espaço que nos separava.

**11**

Cavalo, halo de memória, guardo-te no peito  
Sobre este grande artéria  
Fonte de vida e alento que sustenta  
Amor de madurez e adolescência.

Cantando-te sou teu corpo e tu nudez.  
E ombro a ombro seguimos a alameda  
Casco de dor num caminho de sol

E laberada, indivicível água  
Obrigando-me a ver o que tu vês.

**12**

Brando, o tempo escorria nos vitrais.  
Brando meu passo, nos azulejos claros  
Do terraço. O pássaro.

Ah, tempo de fúria sem tempo para contemplar!  
Tantas vezes na tarde caminhei nos terraços  
Nos pátios  
E havia sempre uma limpeza rara nas muradas, na terra.

**13**

As faces encostadas nos vitrais  
E através, as figuras e o jardim.  
E era tanta a vontade de ver mais  
Que uma névoa descia sobre mim  
E o que eu queria ver, via jamais.  
O cheiro quase rubro dos jasmims  
Redobrava meu pranto de seus ais  
Nessa tarde de luz nos seus confins.

Voltou-se o amigo e olhou minha tristeza.  
**Eu só te vejo ali. Antes não visse.**

**Imaginaste a tarde. Ela não existe. ??? DEIXAR EM NEGRITO???**

Mas seu rosto era pleno de beleza  
E por isso deixei que me mentisse  
Antes que só por mim ficasse triste.

**14**

E através dos vitrais as faces duras  
Contemplavam a tarde no jardim.  
O movimento leve das figuras  
Caía sobre a tarde e sobre mim.

E no passeio as leves criaturas  
Aspiravam o cheiro do jasmim.  
Vistas de longe pareciam puras  
Na claridade de uma tarde assim.

Mas o amigo voltou-se e viu meu pranto.  
“É sempre a mesma noite na tua face.  
Enquanto choras há lá fora um canto

Que de chorares tanto não o sabes.  
Bem sei que a noite é imóvel na tua face  
E não te peço alegria. Mas tu ardes”.

**15**

De delicadezas me construo. Trabalho umas rendas  
Uma casa de seda para uns olhos duros.  
Pudesse livrar-me da maior espiral  
Que me circunda e onde sem querer me reconstruo!  
Livrar-me de todo olhar que aundo espreita, sofre  
O grande desconforto de ver além dos outros.  
Tenho tido esse olhar. E uma treva de dor  
Perpetuamente.  
Do êxodo dos pássaros, do mais triste dos cães,  
De uns rios pequenos morrendo sobre um leito exausto.  
Livrar-me de mim mesma. E que para mim construam  
Aqueles delicadezas, umas rendas, uma casa de seda  
Para meus olhos duros.

**16**

E a que se fez criança, tece a rosa.  
E criança também, uma mulher  
Contida de silêncio e de memória,  
Espera o plenilúnio e elabora  
Uma saga de sol.

**17**

Se possível se fizer o merecê-las  
Peço-te dalias, senhor, altas e austeras  
Como convém a mim vivendo o estupor.  
Dirás que me concedes a cássia ferrugínea  
Araucária excelsa, mais sombra e mais altura

Como convém a mim, vivendo nas planuras,

Mas peço-te dálias. De frêmito contínuo  
Calcinadas de vento, como convém a mim  
Aturdida de amor e pensamento.  
Verás. É dádiva melhor. E se possível  
Uma de rubro cerne. De parca simetria.  
Vendo-a, verei a mim mesma cada dia.

**18**

A descansada precisão da folha.  
O que o olhar advinha  
Sob a sua mínima extensão.  
E a gravidade da flor  
Irrompendo de suas claras paredes.  
Em tudo o estigma de amor de uma só mão.  
Em mim, de um lado, uma garra de fogo  
Gigantesca, pronta para ferir  
E de um gesto agudo incendiar-vos,  
E do outro lado a minha outra mão  
Amena. Larga.

**19**

Um claro-escuro de sol nos meus cantares  
Porque tem sido assim a alma do homem.  
Enfeitamos as coisas aparentes  
Dando ternura e nome. Em aflição  
Deitamos a semente

E ficamos à espera de um verão.  
Em fogo se refaz o amor de sempre.

A palavra não basta para o canto.  
Nem é o canto de amor essa constante  
Aragem de umas praias que escolheis.  
Nas ilhas um mormaço, conjeturas,  
Vizinhança de chuva, mortos, vivos  
Rememorando a tarde em viuvez.

## 20

De um exílio passado entre a montanha e a ilha  
Vendo o não ser da rocha e a extensão da praia.  
De um esperar contínuo de navios e quilhas  
Revedo a morte e o nascimento de umas vagas.  
De assim tocar as coisas, minuciosa e lenta  
E nem mesmo na dor chegar a compreendê-las.  
De saber o cavalo na montanha. E reclusa  
Traduzir a dimensão aérea do seu flanco.  
De amar como quem morre o que se fez poeta  
E entender tão pouco seu corpo sob a pedra.  
E de ter visto um dia uma criança velha  
Cantando uma canção, desesperando,  
É que não sei de mim. Corpo de terra.

## 21

Naquela casa azul e avarandada  
As mulheres fiavam como irmãos.  
Se eram de um mesmo pai as madrugadas,  
A que foi mãe, amou. Memórias vãs.

De todas em amor o pai cuidava  
Repartindo suas terras e sua lã.  
E a que pariu em dor, a mais amada  
Vigia sob a terra as tecelãs.

Se ao longo do meu rio, nos arrozais,  
Avistardes a casa e as mulheres  
(Dedos de azul em luz sobre o tear)

Que o passo seja breve. E muito mais  
É dizer-vos que tecem malmequeres  
E em vão se aquecem sob o vosso olhar.

## 22

Se a chuva continua, se nos ares  
Apodrece a romã e o mamoeiro  
Deita-te leve sobre os teus linhares  
E na mulher semeia o teu herdeiro.  
Há de voltar o sol nos teus pomares  
E assim terás a um tempo o sol e o filho.  
Deita-te. Nosso tempo de amar tem seus findares  
E os frutos antecedem teu idílio.





## MEMÓRIA

*Quando a memória transformada em ave  
Pousar sobre o meu peito a sua leveza.*

## 1

E o tempo tomou forma. Assim me soube  
Envolta em grande mar até a cintura.  
E nada a não ser água e seu rumor  
Aos ouvidos chegava. E soube ainda  
Que um só gesto e sopro acrescentava  
Essa vastíssima matéria. E atenta  
Em consideração a mim, cobri-me de recuos.  
Eu, que de docilidades me fizera.

Antes avara desse tempo que resta.  
Se em muitos me perdi, uma que sou  
É argamassa e pedra. Guardo-te a ti.  
Em consideração a mim. Redescoberta.

## 2

Há certos rios que é preciso rever.  
Por isso volto, Ricardo, àquelas margens  
Onde na sombra um verde descansava  
E um canteiro de limo sob os nossos pés

Adiante desaguava. Volto, seguindo a viagem  
De mim mesma e aos poucos convergindo  
Oculto, vária,  
Até fechar um círculo e entender  
Essa asa de fogo sobre as coisas.  
Talvez neste canto eu te direi  
Das estreitas passagens, do lodo  
Convulsivo dos ancoradouros, dos funerais  
Que vi, para chegar à luz da primeira paisagem.  
Meus olhos deram volta à ilha.  
Sigo pelos caminhos, transfiguro-me

Sei que um igual destino eu já cumpri  
E ao mesmo tempo em tudo me descubro  
Casta e incorpórea. Sou tantas,  
Tantos vivem em mim e pródiga descerro-me  
Pródiga me faça larva e asa.

### 3

Olhai o que mais vos convém.  
Em tudo, o todo que sois feito  
Se mantém. Pórticos, escadas  
Ave sob um teto de chumbo,  
O que estiver à tona, o mais fundo,  
Ventre, ombro.

O caminho de dentro  
é um grande espaço-tempo.

Olhai seu primeiro degrau, extenso  
Terraço de mar e ainda terra.  
Aqui, vosso corpo de amor se configura.

4

Mensageiro das ilhas,  
Teu pés de pássaro, a mim é que procuram se caminhas.  
teu manto é largo e tranqüilo. De asa teu sapato breve.  
A mão direita é aberta sobre o peito leve e o teu passo  
Àquele grande e pausado passo de ave que se parece.  
Ah, que dor de ter assim um todo na memória!  
Que dor na fluidez do tempo e a mesma hora se fazendo sempre.

5

Áspero é o teu dia. E o meu também.  
Inauguro ares e ilhas  
Para que o teu corpo se conheça  
Sobre mim, mas é áspera  
Minha boca móvel de poesia,  
Áspera minha noite  
Porque nem sei se o canto há de chegar  
No escuro labirinto em que te fazes,

Nessa rede de aço que te envolve,  
Nesse fechar-se enorme onde te moves.

Trabalho tua terra cada dia  
E não me vês. O teu passo de ferro  
Esmaga o que na noite foi minha vida.  
E recomeço. E recomeço.

## 6

Despe-te das palavras e te aquece.  
Toma nas mãos esses odres de terra  
E como quem passeia, leva-os ao mar.  
Se tudo te foi dado em abundância  
O sal e a água de uma maré cheia  
Eu te darei também a temperança.

Deita-te depois e vibra tua garganta  
Como se fosse o início de um cantar.  
Não cantes todavia.  
Aqui, zona de tato e calor, margem do ser  
Larga periferia, olha teu corpo de carne  
Tua medida de amor, o que amaste em verdade.  
O que foi síncope.  
Todavia não cantes na perplexidade.

## 7

Vê, Ricardo, se falo tanto do ser feito de terra  
É porque o resto é paisagem.  
Olhei minha própria carne certa noite. E essa dor  
Secular que a recobria. Tu passeavas teus olhos  
Revivescendo a ilha, e meus braços castigados  
Do gesto de alcançar, buscavam esse tempo de colher.  
Mas eu não fui pastora. Há na terra que sou largas artérias  
Mas um vento de assomos, um deslumbramento me tomava  
E o gesto de plantar cristalizava-se no meu mais puro olhar.

Olhava: A figueira, a pedra umidecida da cisterna  
O sol sobre o rosto das mulheres, um rosto semelhante  
Àquele barro esquecido de rios. E ubíqua, viajava

Não que ali não deixasse afetos, pássaros da tarde  
Cães (viajores de um dia) e presenças quando a noite  
De augúrios começava. Uma parte de mim, essa de carne  
E ausência, talvez não emigrasse. Os ritos, os de sempre.  
Mas o olhar não era o mesmo: Pousava sobre as coisas  
Mas as coisas que via não estava.

Fui vista caminhando nos pastos. Nas vides. Muitos disseram  
Que o meu corpo estendeu-se sobre a terra e de tal forma  
Ficamos confundidas, que as aves descansaram de seu vôo  
Na minha frente de pedra. Adormeci nas paragens de sal  
Cantei minha canção no pátio dos mosteiros, atravessei as pontes  
Lavei-me nas águas de infinitas nascentes. Mas a boca,  
A minha boca fechou-se procurando uma única fonte.

**8**

Ser terra  
E cantar livremente  
O que é finitude  
E o que perdura.

Unir numa só fonte  
O que soube ser vale  
Sendo altura.

**9**

Lâ Catulo para mim pausadamente.  
Ressuscitei memórias na manhã dos ventos  
E abrasei-me de um sol sem arvoredos.  
Vi mulheres e aves e a mim mesma revi  
Ave-mulher, passeio adolescente  
De umas manhãs iguais e mais amigas.

À tarde viajei nas artérias do tempo  
E para não arder pensei palavras novas  
E repeti meu verso mais ameno.  
Foi tão longo o meu dia. Tão escura  
A visão de mim mesma. Lê. Sereno.

**10**

Sendo tu amor, irmão, comigo te pareces.  
Em ti me dessento e contigo me aplaco.  
Esta larga vertente se parece à água  
Do teu amor em mim, onde um dia feneço  
Porque também fenece a flor apaziguada  
Essa que não nasceu para ter alimento  
Antes para morrer do amor desmemoriada.  
E se tudo me dás, num sopro eu anoiteço.  
Eu sempre serei terra. E tomando a semente  
Tomo para mim uma tarefa inteira:  
A de guardar um tempo, o todo que recebe  
E livrá-lo depois de um jogo permanente.  
Outros te guardarão. Não eu que só pretendo  
Libertar na alegria o coração e a mente.

## 11

*(Andante tranquilo)*

Ainda é cedo, Ricardo, para o tempo que dizes  
Da velhice. Não que sejas menino. Não o és.  
Mas na noite flutuas pela casa dissipado em meiguice  
Que a mulher vê no homem o menino que é.  
Sei do teu riso extremo insinuando  
A ferocidade da tua meninice. E pensas porque te amo  
Que esqueci a arena ensolarada de outros dias  
O rio coalhado de anzóis, a matança das aves  
No sol do meio-dia.



Vê, Ricardo, se me foi dado cantar tua brandura,  
É porque aquele que tu foste um dia, sendo feroz  
Amou. Talvez por isso é que eu te amo agora.

## 12

*(Poco più animato)*

Que te alegres de mim, Ricardo. Que a clareza do verso  
Não te saiba à fatuidade e tola singeleza. Posso, para te celebrar,  
Ser tecelã de um dia. E se o verso nasceu enquanto a mão tecia  
É porque a cadência do tear trouxe de volta ao peito  
Meu mundo amável de reminiscência.

Tive uma rua clara e a vontade gentil de descobrir o mar.  
E se o ombro apenas começava um movimento rítmico de asa  
Eu era navegante e navegava. Que te alegres de mim.  
Entardeci possuída de infância.

## 13

Estava entre as torres e o homem. Eu e ele.  
E no instante, partiu-se o rio escuro da memória  
E um ruído de claras persianas  
Invadiu-nos o peito e os ouvidos.  
Eram ares perdidos retornando. Grandes pássaros,  
Asas e rumo de obelisco. E de prumo era o vôo.  
Grande vôo, cobrindo-nos o peito e os ouvidos.

Veio um silêncio feito de altas ramas  
E as mãos se abriam sem estupor antigo.

Era além do pudor o peito em chama.

## ODES MAIORES AO PAI

À memória de  
Apolonio de Almeida Prado Hilst, meu pai.

Meus amigos  
Sérgio Milliet  
Paulo Sérgio Milliet

*(Largo Pesante)*

I

Uns ventos te guardaram. Outros guardam-me a mim. E  
aparentemente separados  
Guardamo-nos os dois, enquanto os homens no tempo se devoram.  
Será lícito guardarmo-nos assim?  
Pai, este é um tempo de espera. Ouço que é preciso esperar  
Uns nítidos dragões de primavera, mas à minha porta eles viveram  
sempre,  
Claros gigantes, líquida semente no meu pouco de terra.

Este é um tempo de silêncio. Tocam-te apenas. E no gesto  
Te empobrecem de afeto. No gesto te consomem.

Tocaram-te nas tardes, assim como tocaste

Adolescente, a superfície parada de umas águas? Tens ainda na mãos  
A pequena raiz, a fibra delicada que a si se construía em solidão?  
Pai, assim somos tocados sempre.  
Este é um tempo de cegueira. Os homens não se vêem. Sob as vestes  
Um suor invisível toma corpo e na morte nosso corpo de medo  
É que floresce.

Mortos nos vemos. Mortos amamos. E de olhos fechados  
Uns espaços de luz rompem a treva. Meu pai: Este é um tempo de  
treva.

## II

Ah, essas dores! E o voltar contínuo ao silêncio das tardes!  
Junto ao muro dos mortos o passeio se fazia longo. Estacávamos.  
A tarde empobrecida de luz. O tempo galopava.  
Vês? Tenho a alma pesada. Uma avidez no olhar  
Antes ingênua, agora se fez grave. Há naquele campo a imutável  
paisagem:  
As papoulas abertas, as ruas estreitas e uma grande e única alameda.  
E datas, retratos. E súbito o ocre da terra sob os passos.  
A mulher caminhava. Comprimia no peito a sua flor e de humildade  
Era o olhar à procura do nome. Se tu visses depois que luminosa  
altives  
Se insinuava, quando voltava leve, sem o peso das dádivas.  
E muitas passaram vagarosas. Umas lunares, com seus rostos  
aduncos.  
Outras com a centelha escondida dos sacrários.

## III

Não é teu este canto porque as palavras se abriram sobre a mesa.  
Se chegavas era sem silêncio e tocavas as coisas  
Com a leveza dos meninos arrumando os altares. Uma rosa tardia  
Mesmo assim desmanchava-se e tua presença na noite eu procurava.  
Ninguém jamais nos via quando nos falávamos. As perguntas de  
sempre,  
Os castiçais, o adro vazio da capela em frente.(E as persianas  
fechadas,  
Para que o sal de fora não pousasse  
Nas baixelas incríveis da memória). Aquele mar repetindo seu canto  
E as vozes partindo teus cristais! Como te abrigavas do ruído das  
estradas  
E os teus livros abertos como se desfizeram naqueles areias!  
Nem sei de onde me vêm estes musgos, açoites, esta fonte que é  
nova  
Em minha boca, nem sei dizer da morte o que te ouvi dizer nos ecos  
de umas noites.

Enquanto te celebro, as janelas do ocaso trazem risos.  
E um hóspede atravessou incógnito teu jardim, afundou-se na névoa  
Cansou-se do teu hálito nas arestas, nas muradas, nos cálices, em  
mim.

És presente como um vento que corre entre portas abertas.

## IV

Na tua ausência, na casa o perfume das igrejas. O odor  
Da castidade antiga dos incensos, reacendeu a alegria da infância  
E aspirei contigo o perfume menos casto das cerejas. Na casa,  
Um ruído de contas de rosário, mas eu só, meu pai, te vigiava.  
Os ventos te seguiram. E próxima do teu passo, au mesma era o  
silêncio  
A pedra. Impossível de abraço.  
Uma torre contigo caminhava. Nos muros, nas escadas, refizeram  
ardis  
Fibras tarnçadas, e aqueles pareciam mais largos, aquelas mais altas.  
No teu andar, um quase nada definido. Tinhas o caminhar dos  
animais,  
Espaçado e perdido. Respirei teu mundo movediço: Pai, não viste o  
sal da terra  
Corroendo os pilares, as cruzes, a capela? E os sonho sobre a tua  
fonte  
É mesmo crisálida pronta para ter asas?

Abriram-se os portões mas a casa era nova. A que foi nossa  
Tuas filhas te disseram que na noite, um homem e sua torre,  
Com paciências guardadas, pouco a pouco a demoliram.

## V

Sobrevivi à morte sucessiva das coisas do teu quarto.  
Vi pela primeira a inútil simetria dos tapetes e o azul diluído  
Azul-branco das paredes. E uma fissura de um verde anoitecido

Na moldura de prata. E nela o meu retrato adolescente e gasto.  
E as gavetas fechadas. Dentro delas aquele todo silencioso e raro  
Como um barco de asas. Que fome de tocar-te nos papéis antigos!  
Que amor se fez em mim, multiforme e calado!  
Que faces infinitas eu amei para guardar teu rosto primitivo!

Desce da noite um torpor singular, água sob o casco de um velho  
veleiro  
Calcinado. Em mim, o grande limbo de lamento, de dor, e o medo de  
esquecer-te  
De soltar estas âncoras e depois florir sem ao menos guardar tua  
ressonância.  
Abraça-me. Um quase nada de luz pousou na tua mesa  
E expandiu-se na cor, como um pequeno prisma.  
VI

Há tanto a te dizer agora! Meus olhos se gastaram  
Procurando a palavra nas figuras, nos textos, nas estórias.  
Era preciso viajar e levantada em renúncias redescobrir a morte  
Além de seu sudário e suas tremuras. Quase nada aprendi. De nada  
me lembrei.  
Há talvez a memória de tatos, um sentir rarefeito, um ouvido inexato  
Deitado em solidão sobre o teu peito. E adeuses ingênuos, calados  
de vitória  
E aquele de fereza, de acerto, dissolvido em orgulho, ressuscitado  
Vagamente em canto. A na manhã, o meu sonho passara e a minha  
VOZ  
Não se erguera em poesia.

Será preciso esquecer o contorno de umas formas que vi: naves,  
portais

E o grande crisântemo sobre a feixa restrita do canteiro.

Através do gradil, no terraço do tempo de perceber.

E ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que amanhece.



## INICIAÇÃO DO POETA

*A carnagem de sal em nossos pés.*

Carlos Maria de Araújo

### 1

O ouro do mais fundo está em ti.  
Em mim, as coisas breves tomam corpo  
E uma saga de bronze no meu ombro  
A cada dia se transforma em chaga.  
Um sol que se contrai sobre o meu rosto.  
Aves de que não sei a sombra, vi-as  
Na manhã quando o amor era chama  
Mas num sopro perdi-as  
E é grande agonia o que era gozo.  
Guia-me em complacência. Que o instante  
não se afaste de mim, antes padeça  
Desse meu existir e eu não me perca.

### 2

Claro objeto onde a rainha e o rei  
Perduram indefinidamente num só cetro.  
Vendo-o, como se fizésseis parte

Do seu único centro, vos vereis.  
Nele a terra se mantém como foi feita:  
Tenebrosa e terra. Nele está o homem.  
E se o olhardes bem, vosso cavalo  
De cálida matéria. E no mais ínfimo  
Do que vos rodeia, o que vos digo vereis.  
Canto. E o meu canto se ouvirá  
Onde o silêncio pesa, porque de amor se fez  
Em amor conduz  
E se nem sempre o que vos digo vos alegra  
Não é só pena e angústia do poeta  
Antes do ser, em mim, em vós,  
Eternidade de dor e dessassombro.

### 3

Toma-me, terra generosa. Tu que foste centelha  
E agora és terra, abre o teu peito e abrasa o meu  
Antes de ti desfeito, ah, infinita de dor e de poder  
Aceita-me. Unge-me pés e mãos. Unge-me o ventre  
Que só tem sido noite e saciedade sempre  
E o plexo ferido e a cintura de fogo sobre a mente  
E o dorso e a laringe.  
Unge-me porque em mim um outro se prepara.  
E o mínimo de dádiva e a entrega antecipada que me fiz,  
Ao outro se fará tão necessária cinza  
Para a justeza e o porte da raiz. Unge-me a boca, a língua  
Para dizer a palavra esquecida e atingir o ser.  
E faze dos meus olhos a medida para olhar através

E nunca perecer.

4

Terra, de ti é que vêm essas portas de mim. E sendo de sol  
A planície de pedra, de sol o vestíbulo da casa, de sol  
O dorso que também foi meu, impaciente das aves, fecho-me  
Porque em tudo te vejo como se fosses de água, e derramasses  
Teu corpo escurecido, na paisagem. Quis para teu canto  
A mais viva palavra: um só templo:  
Nítido sobre a colina, limpo na luminosidade da hora.

Meu rosto será aquele de todos os teus mortos. E no entanto  
Te amei como se eu mesma fosse unicamente terra, mãe, filha  
Irmã na memória, múltiparas e claras, nascidas de uma só matriz  
Sofridas de uma só matéria.

5

Resíduo da retina, corpo crepuscular  
Cone do passado e de recusa  
Rosa-retina persistindo reclusa  
Vejo-te agora, espaço, esplanada  
Vendo-te como quem vem de fora  
Mas livre de sua múltipla aparência.

Vede minha voz: a cada dia se faz clara.  
Pastor e gurdião

Pasce e resguarda a minha fala  
E o que é palavra rompe  
A lúcida matéria onde se esconde.

**6**

Sem heroísmo nem queixa, ofereço-vos  
Minha mão aberta. Agora vos pertence.  
Queimada de uma luz tão viva  
Como se ardesse viva sob o sol. Olhai se possível  
A mão que se queimou de coisas limpas.  
E se souberdes o que em vós é justiça  
Podereis refazê-la como à vossa mão. E depois igualada  
Aproveitá-la. A cada hora, a cada hora  
E para o vosso pão.

**7**

De luto esta manhã e as outras  
As mais claras que hão de vir, aquelas  
Onde vereis o vosso cão deitado e aquecido  
De terra. De luto esta manhã  
Po vós, por vossos filhos e não pelo meu canto  
Nem por mim, que apesar de vós ainda certo.  
Terra, deito miha boca sobre ti.  
Não tenho mais irmãos.  
A fúria do meu tempo separou-nos  
E há entre nós uma extensão de pedra.

Orfeu apodrece  
Luminoso se asas e de vermes  
E ainda assim meus ouvidos recebem  
A limpidez de um som, meus ouvidos,  
Bigorna distendida e humana sob o sol.

Recordo a ingênua alegria de falar-vos.  
E se falei submissa e se cantei a tarde  
E o deixar-se ficar de alguns velhos cavalos,  
Foi para trazer de volta aos vossos olhos  
A castidade do olhar que a infância vos trazia.

Mas só tem sido meu, esse olho do dia.

## 8

Me afundarei nesse teu vão de terra  
E a brasa da tua língua  
Há de marcar em fogo o mais vivo da pedra.  
Uma palavra nova há de nascer, mas clara  
Palavra aérea, em ti se elaborando asa.  
Em tudo nesta morte és inocente  
Mas minha boca feriu-se de uns cantares  
E agora silenciosa, goiva de si mesma  
Não sabe mais dizer sem se ferir e breve  
Há de fechar-se  
Porque tem sido em tudo amenidade  
E não é este o tempo de florir. Sabias  
Que um pouco da tua terra endurecida

Deitou-se sobre mim? E respirei minha morte  
E acendi memórias em ti refluída  
E convidei meus hóspedes antigos  
Aqueles mais longínquos, rigidez e cal  
Sobre um corpo de pranto agora unguido.

## 9

E sempre será preciso o pão desta agonia:  
De um lado, o passeio de uns dias ao redor do lago  
O verde convalescente, tateando o mosaico  
Das paredes, dócil como se falasses a ti mesmo  
Depois do grande exílio de uns afetos extremos.

E a ponte. E em cada lado, um rosto.  
O primeiro voltado para o mais fundo do ser,  
Gasto como se o tempo ao redor existisse palpável.  
Alimento.  
E o outro, exposto como um tronco  
Numa extensão de sal e de cimento,  
Abre a sua boca para todos os ventos.

## 10

Como se comprimisses a mão  
Sobre os teus olhos  
E visses tua carnadura  
Simplesmente igual a uma grande massa escura,

Como quem vê de dentro  
A princípio não vendo  
E aos poucos distinguindo  
O sangue, o filamento, o sal da sua própria estrutura

Assim posso me ver agora.

Parte de mim  
Estilhaça uma asa num círculo de ferro.  
Parte de mim é um arcabouço raro.  
E o que vem de ti (uma parte de mim)  
São aqueles meninos  
E as aves com seus corpos finos  
Sobre um lado de ledas asperezas.

Sou descanso e rudeza.

## 11

Se viverdes em mim, vereis até onde me estendo.  
Pássaro que estende em arco seu claro movimento  
Um dia há de pousar e estender-se em raiz. Ares  
De um tempo colaram-se nas asas e um só tempo  
Pretendo. Abriu-se minha mão. E toda terra  
De sua pequena superfície não se colou ao vento.

## 12

Grande papoula iluminando de amarelo e ouro  
Esta morte de mim. Meu canto está partido.

Minha morte não é a mesma que recobriu de pedra  
Vosso ouvido, mas é como se fora, porque é morte  
Cantar assim e nunca ser ouvido. Grande papoula  
Iluminando de amarelo e ouro, porque é vida  
Querer cantar, sabendo que a canção  
Só tornará mais fundo vosso sono antiquíssimo.  
Dormi, pois. Descem do rio que vejo umas hastes  
De trio. Um menino passeia o seu cavalo e olha o rio  
E ri dentro do capinzal: Trigo perdido em direção ao mar!  
Ah, boca de uma fome antiga rindo um riso de sangue.  
Se pudésseis abri-la para cantar meu canto!

### 13

Asa de ferro, esmaga esta última fonte  
De pequenas águas, agora que a memória  
Na morte fez-se leve. Aqui não há mais boca.  
E o que era corpo tem seu vô circular  
Sobre todas as coisas. Há lugares iguais  
Àqueles que cantei, girassóis com suas hastes  
De terra, mas tudo como se fosse visto  
Vendo a um tempo só, a paisagem e o vidro.  
Os cavalos escuros correm numa extensão  
De claridade. E não há sede de águas  
Nem a vontade dolorida da palavra.  
Estou no centro escuro de todas as coisas  
Mas a visão é larga  
Como um grito que se abrisse e abrangesse o mar.





**SETE CANTOS DO POETA PARA O ANJO**

(1962)

*Nunca fui senão uma coisa híbrida  
Metade céu, metade terra  
Com a luz de Mira-Celi dentro das duas órbitas.*

Jorge de Lima

**Canto Primeiro**

Se algum irmão de sangue (de poesia)  
Mago de duplas cores no meumanto  
Testeminhou seu anjo em muitos cantos  
Eu, de alma tão sofrida de inocências  
O meu não cantaria?

E antes deste amor  
Que passeio entre sombras!  
Tantas luas ausentes  
E veladas fontes.  
Que asperezas de tato descobri  
nas coisas de contexto delicado.  
Andei

Em direção oposta aos grandes ventos.  
Nos pássaros mais altos, meu olhar  
De novo incandescia. Ah, fui sempre  
A das visões tardias!  
Desde sempre caminho entre dois mundos

Mas a tua face é aquela onde me via  
Onde me sei agora desdobrada.

**Canto Segundo**

Se te anuncio lágrimas e haveres  
É para te encantares do meu canto.

Um tempo me guardei  
Tempo de dor aquele  
Onde o amor foi mar de muitas águas.

Se te anuncio ainda  
É porque sempre em pedra fui talhada.  
Em sal me consumi. E perecível  
Tem sido a minha forma:  
Estes dedos lunares, estas mãos  
E tudo o que não foi tocado em ti.

Me queres em renúncia, em humildade  
Ou íntegra e sozinha nestes cantos?  
Tive ressurreição e anteparos  
E alegrias inteiras.  
E muitas madrugadas

A sós me confessei  
Àquela irmã soturna e mais amada.

Vi quase tudo. E quase tudo andei.

### **Canto Terceiro**

E largamente amei as criaturas.  
Os ouvidos se abriam. Ramas frágeis  
Meus ouvidos, aceitando ternuras.

Uns regressos de vida me contavam:

Pactos, adolescências, heroísmos.  
(Tessitura franzina  
Se estendendo sobre a pele mais fina)

Acaso não fui cúmplice dos meus?  
Desses vindos da noite e turbados  
Com seus próprios destinos?

Que terrível engano antes de ti  
E vigílias inúteis e pobreza  
E punições maiores, teus cilícios  
Na carne! Tramas, tramas.

Que era feito de ti? Em mim, não eras.

### **Canto Quarto**

E por que me escolheste?  
Em direções menores me plasmei.  
Entre uma pausa e outra fui cantando  
Umhas reminiscências, uns afetos  
E carregava atônita meu gesto  
Porque dizia coisas que nem sei.

Ouvi continuamente muitas vozes.  
Umhas de fogo e água, tão intensas  
Outras crepusculares

E entendia  
Que era preciso falar de uma ciência  
Uma estranha alquimia:

O homem é só. Mas constelar na essência.  
Seu sangue em ouro se transmuta.  
Na pedra ressuscita.  
No mercúrio se eleva.  
E sua verdade é póstuma e secreta.

Ah, vaidade e penumbra no meu canto!  
Meu dizer é de bronze  
E essa teia de prata  
A mim mesma me espanta.

### **Canto Quinto**

Eu nem soube falar do amor nos homens.  
(Amor feito de júbilo aparente)  
Nem soube replantar no que era terra  
Uma mesma semente.  
Tive no peito o mantra mais secreto  
E não pude vibrá-lo, alento, lira  
Corda divina no seu veio certo.  
Elaborei em vão todos meus sonhos.  
E súbito me tomas e me ordenas  
A solidão mais funda:

Estes cantos agora, alguns poemas  
Um amor tão perfeito e indizível  
Porque não é tumulto nem tormento.  
(E se o homem na carne foi punido  
O verbo diz melhor do sofrimento).

Que nome te darei se em mim te fazes?  
Se o teu batismo é o meu e eu só te soube  
Quando soube de mim?

### **Canto Sexto**

A noite em verso torpe me atingia.  
As coisas insofridas  
Sofridas se faziam  
Se eu repousasse a mão sobre suas vidas.

Um as tardes meus olhos repensaram  
Uma alvura de águas pretendida.  
Tão leve caminhei sobre essas águas  
Que a memória foi quase imerecida.  
Onde estavas emtão? Nem me sonhavas.

Deitei-me sobre um tempo que viria  
E um ciclo de visões me revelava  
Que no ódio dos deuses fui lembrada

Em alto vôo de ave, a esquecida.

E porque paz e vôo me faltavam  
Eu desejei perder-me mais e tanto  
Quanto fossem as perdas destinadas  
Àqueles incapazes de algum pranto.

Perenidade e vida: Onde estavas?

**Canto Sétimo**

Te ocultaste. Eu morria.  
Tinha na frente a chaga

E o dorso calcinado, em agonia.

Na treva de mim mesma delirava  
E as pálpebras em brasa  
Não sabiam da tua claridade

Porque minha alma toda se perdia  
E uma vida terrena começava  
Seu círculo de cinza  
Sua casa.

Anjo, asa  
Mão poderosa sobre a minha mão  
Que o verso nunca mais transfigurava.  
Prisma solarizado  
Transcendência primeira  
Dulcíssima presença:

Alta noite



O que foi treva em mim

Em ti resplandescia.????? **com ou sem s**

## **ODE FRAGMENTÁRIA**

(1961)

De amor o meu poema e suas  
densidades mais terrenas.



## BUCÓLICAS

**1**

Entre cavalos e verdes pensei meu canto.  
Entre paredes, murais, lamentos, ais  
(um cenário acanhado para o canto  
Se o que dele se espera é até demais)  
Pretendi cantar mais alto que entre os verdes  
E encantar o meu sentir cansado  
Naquele melhor sentir de quando era menina.  
Vontade de voltar às minhas fontes primeiras.  
De colocar meu mitos outra vez  
Nos lugares antigos e sorrir  
Como a ti te sorri, minha mãe, a vez primeira.  
Vontade de esquecer o que aprendi:  
Os castelos lendários são paisagens  
Onde os homens se aquecem. Sós. Sumários.  
Porque da condição do homem é o despojar-se.

**2**

Era um vale.  
De um lado  
Seu verde, suas brancuras.  
Do outro  
Seus espaços de cor  
Trigais e polpas

Azuladas de sol  
Ensombradas de azul.

Era um vale.  
Deveria ter pastores  
E água.  
E à tarde umas canções  
Alguns louvores.

**3**

O cavalo no vale.  
E mais além  
O meu olhar mais verde do que o vale  
E claro de esperança  
E querer bem.  
O vento no capim.  
O vermelho cansado deste outono.  
Os roseirais em mim.  
E tudo me parece  
Tão tranquilo e leve.

E com muito cuidado  
Como quem tem na mão a flor e o quadro

Espero que a paisagem desta tarde  
Adormeça  
O cavalo no vale  
O vento no capim  
Os roseirais em mim.

4

Amáveis  
Mas indomáveis  
O poeta e seu cavalo.  
Um arcabouça pensado  
Para limitar-se ao pouso  
E do vôo, alimentar-se.  
Sente os espaços mas sabe  
Até onde irá seu passo.  
Sente a beleza do salto  
Mas conhece sua lhaneza:  
A própria, inerte beleza  
De saber-se aprisionado  
E contentar-se de sonhos  
Maravilhar-se de achados.  
O poeta - e seu vocábulo.  
O cavalo - e seu pedaço de terra  
Mais nas alturas,  
De brisa, de solidão e hortaliça.  
Entrelaçadas aspiram  
Respiram juntos.

E vistos em direção  
Às cordilheiras do espanto  
Quase sempre se confundem.  
Sonhando reter no flanco  
Exaltação e delírio,

Nas noites de grande lua  
(Entre ciprestes e lírios)  
O cavalo me acompanha  
Às profundezas guardadas  
Onde flutuam palavras.  
E lá mergulho e anoiteço.  
E encontro coisas do medo  
Mandalas de cor, rosáceas  
E malmaqueres antigos  
Sobre algum livro encantado  
De pergaminho, de prata  
E de pensamentos idos.

**5**

Clarividente que sou  
Nem é preciso um poente  
Rico de prismas e cores.  
Nem cordeiros azulados  
Nem inéditos langores  
Nem begônias no meu prado.

Canto o que vejo mas antes  
Canto o que a alma deseja.

**6**

Noviça.

Aprendiz dos meus verdes e amada.  
Monja pretendida, ensimesmada,  
Amorosa e passiva mas fatal  
Porque sem vigilância e arremedo  
Há de falar-vos coisas de outro vel.  
Não lhe peçam palavras escolhidas  
Nem surpreendentes mitos, outros sóis.  
(Há sempre uma medusa em algum lago  
Nem sempre nossos verdes, girassóis).

Tribulações e medo padeceu.  
(Morrer ali! Que dádiva seria!)  
Noviça fez-se monja.  
E assim como surgiu  
No meu vale encantado se perdeu.

Queria uma cruz  
Um escudo  
Um cilício.  
(Perdoar vossos ódios  
Nossos vícios).

Nem lícito seria que vivesse  
Quem assim pedia.

## 7

Eu caminhava alegre entre os pastores  
E tatuada de infância repetia



Que é melhor em verdade ter amores  
E rima transitória para o verso.  
Para acantar mais alto é até preciso  
Desdobrar-se em afetos e amar  
Seja o que for, luares e desertos  
E cantigas de roda e ditirambos.  
Entre o amarelo e o rosa, a lua nova  
Na vida também nova, ressurgia.

## 8

A noite não consente a veleidade  
De retomar na memória e no tempo  
O tempo em que eu senhora de vaidades,  
Dissipava no verso o meu lamento.  
Tempo não é, senhora, de inocências.  
Nem de ternuras vãs, nem de cantigas.  
Antes de desamor, de impermanência.

Tempo não é, senhora de alvoradas.  
Nem de coisas afins, toques, clarins.  
Antes, da baioneta nas muradas.

Tempo não é, senhora, de pastores.  
Nem de roseiras, madrigais, violas.  
Nem é tempo, vos digo, de ter pássaros  
Azuis em vossas douradas gaiolas.

(Não houvesse paredes, língua e som,

Apartando de nós, coisas antigas.  
A palavra na boca, o falar neste tom  
Dá-me tanta saudade da cantiga:  
Persegues  
Te persigo  
Vais e vens  
A nas idas e voltas te bendigo)

**9**

Ainda em desamor, tempo de amor será.  
Seu tempo e contratempo.  
Nascendo espesso como um arvoredos  
E como tudo que nasce, morrendo  
À medida que o tempo nos desgasta.  
Amor, o que renasce.

Amor, o que renasce.  
Voltando sempre. Docilmente sábio  
Porque na suavidade nos convence  
A perdoar e esperar. Em vida. In pace.

Sutil e fraticida. Sem estima  
Pelo que ama. Tristemente irmão  
Antes de começar sua jornada  
Antes de repetir sua canção.

Amor, o desejado.  
Filho varão à espera de um condado.

**10**

O pássaro desenha  
No seu vôo estrangeiro  
(Porque nada sabemos  
De pássaros e vôos  
E do impulso alheio)  
Um círculo de luz.  
E retoma depois  
Num azul claridade  
Seus píncaros azuis.

## TESTAMENTO LÍRICO

*Glaubt nicht, Schicksal sei mehr als  
das Dichte der Kindheit  
Não acrediteis que o destino seja mais do que  
a história da infância e do que dela contém.*

R. M. Rilke

Se quiserem saber se pedi muito  
Ou se nada pedi, nesta minha vida,  
Saiba, senhor, que sempre me perdi  
Na criança que fui, tão confundida.  
À noite ouvia vozes e regressos.  
A noite me falava sempre sempre  
Do possível de fábulas. De fadas.  
O mundo na varanda. Céu aberto.  
Castanheiras douradas. Meu espanto  
Diante das muitas falas, das risadas.  
Eu era uma criança delirante.  
Nem soube defender-me das palavras.  
Nem soube dizer das alfições, da mágoa  
De não saber dizer coisas amantes.  
O que vivia em mim, sempre calava.

E não sou mais que a infância. Nem pretendo  
Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!  
Ter escolhido um mundo, este em que vivo,

Ter rituais e gestos e lembranças.  
Viver secretamente. Em sigilo  
Permanecer aquela, esquiva e dócil.  
Querer deixar um testamento lírico  
E escutar (apesar) entre as paredes  
Um ruído inquietante de sorrisos  
Uma boca de plumas, murmurante.

Nem sempre há de falar-vos um poeta.  
E ainda que minha voz não seja ouvida  
Um dentre vós, resguardará (por certo)  
A criança que foi. Tão confundida.

## HERÓICAS

### 1

Se há muito o que inventar por estes lados  
O que sei com certeza são meus fados  
Exigindo verdades e punindo  
Os líricos enganos da beleza.

À procura da rosa tenho andado  
Causando às criaturas estranheza.  
(Se me encontrares  
Terei um jeito de flor  
E um não sei quê de brisa  
Nos meus ares.

Hei de buscar a rosa  
- A dos altares -  
E sinto graça nos pés  
Leveza nos andares)

*Não temes*  
*As deidades atentas da memória*  
*Os gnomos secretos, a loucura*  
*A morte?*

**2**

Morremos sempre.  
O que nos mata  
São as coisas nascendo:  
Hastes e raízes inventadas  
E sem querer e por tudo  
Se estendendo,  
Rondando a minha  
Subindo vossa escada.  
Presenças penetrando

Na sacada.  
Invasões urdindo  
Tramas lentas.  
Insetos invisíveis  
Nas muradas.  
Eis o meu quarto agora:  
Cinza e lava.

Eis-me nos quatro cantos  
(Morte inglória)  
Morrendo pelos olhos da memória.  
Aproximam-se.  
E libertos da presença da carne  
Se entreolham.

*O teu nascer constante  
Traz castigo.  
Os teus ressuscitares  
Serão prantos.*

### 3

Distorço-me na massa  
De uma argila sem cor  
Mil vezes me refaço  
E me recrio em dor.

E pouso lentamente  
Sob a testa fria  
Os girassóis na mente.

*Antes as órbitas vazias!  
Será eterno o júbilo de ter  
Espátulas e nume  
Nas mãos e no ser?*

Bastasse o confessar-me e assim punir-me  
De toda intemperança dos humanos.  
Bastasse o que não sou e o refluir-me  
Longínqua na maré desordenada.

## 4

Sendo quem sou, em nada me pareço.  
Desloco-me no mundo, ando a passos  
E tenho gestos e olhos convenientes.  
Sendo quem sou  
Não seria melhor ser diferente  
E ter olhos a mais, visíveis, úmidos  
Ser um pouco de anjo e de duende?  
Cansam-me estas coisas que vos digo.  
*As paisagens em ti se multiplicam  
E o sonho nasce e tece ardis tamanhos.*  
Cansam-me as esperanças renovadas  
E o verso no peito repetido.  
Cansa-me ser assim quem sou agora:  
Planície, morte, treva, transparência.  
Cansa-me o amor porque é centelha  
E exige posse e pranto, sal e adeus.

*Queres o versos ainda? Assim seja.  
Mas viverás tua vida nesses breus.*

## 5



Um todo me angustia.

Se era de amor a ilha  
E o mar à minha volta,  
Não será menos certo  
Que a sextilha de agora  
Das formas que pensei  
É a mais remota.  
Temos jeitos de ser.  
(Às vezes obscuros  
Como convém ao ser)  
Se em nada me detenho  
Água de muitos rios  
Passando por canais  
De grande amor e mágoa,  
Em tudo me detenho  
E sei que sou raiz.  
E se às vezes abrigo

Num caminhar reateiro  
As solidões alheias,  
Às vezes vertical  
Encontro aquele mundo  
Que é também o da terra  
Feérico e abismal.

*Tão grande ambivalência  
Concedida aos homens  
Terá sido dos deuses  
Complacência?*

**6**

Se falo  
É por aqueles mortos  
Que dia a dia  
Em mim se ressuscitam.  
De medos e regards  
É a alma que nos guia  
A carne aflita.  
E de espanto  
É o que tecemos:  
Teias de espanto  
Ao redor da casa  
Onde vivemos.  
Trituramos cada dia  
(Agonizantes amenos)  
Constelações e poesia  
E um certo jeito de amar  
Que a nós, de vãos  
E vertigens, não convém.  
E quem sabe o que convém  
A seres tão exauridos.  
Concedemos  
Alento, nudez, lirismo  
E contudo o que mais somos  
São estes sonhos  
Adentros indevassáveis  
Bosques lilazes

Caminhos levando ao mar  
Aves  
Aves.

7

Ramas nas margens do rio que me pretendo.  
E entre rio e regato, prodigiosa e leve  
Levo no meu leito mais auroras.  
Contente de mim mesma me inauguro sonora.

Se é preciso parar, colher raízes  
Rememorar as sagas e ao lembrá-las  
Imaginar um gesto, vado e vaga,  
É preciso também um riso aberto  
E claro e cristalino.  
E retomando o caminho da rosa  
De órbita iluminada mas fremosa  
Me vejo em penitência, brasa e espinho.

Ah, deidades,  
O vosso riso inflama  
Ainda mais  
O passo de quem ama.  
De coração ardente  
Eis-nos aqui.  
Não haverá magia  
Nem vertende  
Nem secreto conluio

Nem labareda clara  
Ostentando uma rosa  
Que não a preclara,  
Que cegue o entendimento  
E que vacile o andar.  
Somos a um mesmo tempo  
Rio e mar.  
Na laringe e no peito  
Renasce cada dia  
Um estigma de luz  
Um signo perfeito  
E nada nos escurece a mente ou nos seduz.

*Vós, humanos,  
De gesto tantas vezes suplicante.  
De coração ardente, dizeis?  
A nós parece exangue  
Esse pulsar contínuo  
E tarefa insensata  
Porque nós, divinos,  
Temos no peito a força  
O altar  
A lança  
E um todo movediço nos contém.  
E se o arder renova  
A sarça da esperança,  
Um secreto poder consome a própria chama.  
Vós, humanos,  
De invólucro oscilante*

*E impermanente  
Mortais e fustigados  
Pretendeis o mais alto?  
Amargos destinos.  
Buscar a rosa  
Cabe a nós, divinos.  
Em nós a claridade  
Em nós tamanho amor  
E sol e santidade...*

E suas gargantas de aço  
Inundaram de lava  
Aquilo que era espaço.

## 8

Era ali? Era adiante aquele muro  
De claro verde musgo? Era distante?

Os mortos ressurgiram e cantaram:  
Se a perfeição é a morte  
Talvez por isso imortais  
Há muito que existimos.  
Mas se algum dentre vós  
É sopro divino, encantai-nos:  
Árvore, pedra, ar se vos apraz.  
Vida perpétua mas paciente e quieta.

Se o que vos guia é a fala de um poeta

Há muitos entre nós. E procuraram  
O todo uniforme: Hálito, sudário  
E o mais além do homem.  
Iguais a vós, a nós nos encontraram.  
Eram velozes e límpidos. Asas  
Nos pés humanos e por isso frágeis.

E apesar da eloqüência que os mantinha  
Quando a noite chegava se crispavam  
Como a mulher fecunda que é sozinha  
E sabe do seu tempo incerto e pouco.

Como os humanos temem suas trevas!  
Como temeis em vós a criatura!  
E mal sabeis que é sempre na clausura  
Que a vida se aproxima e recomeça.  
Humildade e abandono. E que a palavra  
Se tentar existir, seja singela.  
E se for sábia, estranha à vossa lavra  
Orai àqueles que a fizeram bela.

## 9

Ai de nós, peregrinos,  
Antes do amanhecer  
Sonhando eternidades!  
Não é nosso o destino  
De amar e perecer.  
Antes vertiginosos

Tateamos na sombra  
A lage dos abismos.  
E uma vez lacerados  
Queremos a montanha.  
Seu arco-íris. Seu lago.

Amor e amenidade  
É reservado aos filhos,  
Aos amantes. A nós  
Que verdes e que prados  
E que planície extensa  
Nos tranqüiliza o olhar?

Se fôssemos aqueles  
Feitos de areia, tantos,  
Onde a água resvala  
E volta e serpenteia  
Mas deixa um só vestígio  
De umidade ou de pranto.

Ai de nós, mutilantes,  
De afetos imprecisos,  
De repente tomados  
À lua das vazantes

Num relance possessos  
Possuídos  
Inflamando o sentir  
Recomeçando aquele, o mesmo canto.

Estuários freqüentes  
Desviam nossas velas.  
E de que lado, onde  
Uma visão mais bela  
Se o único prazer  
é ter o mar, o vento  
E naufrágios além  
E descobertas  
E permanências veladas  
Muito ausência.  
Em que montaha azul a nossa meta?

## 10

Se havia em nossa voz uma cadência,  
Crescia em nosso peito uma brandura  
Tão poderosa e viva e assim tão pura  
Como se fosse a vida, a nossa vida,  
Um caminhar tranqüilo de inocência.  
Um pouco do divino está em nós.  
Descobri-lo foi antes debruçar-se  
Descer pausada sem tocar rochedos,  
Água de um mar imenso mas guardado

Sob um caudal de lírios e de medos.  
Era do alto a força que nos vinha.  
E à memória do tempo incorporou-se  
Outra memória lúcida e candente.  
Éramos nós ainda sibilantes



Soprando a cinza secular da mente?  
Dou testemunho apenas da certeza  
De uma visão suprema, luz e prata  
De dimensão tão vasta e tão serena  
Que o poeta apesar de ter vivido  
Seus cânticos de amor  
E de saber-se até predestinado  
Porque sentiu temores, alegrias,  
Guardou-se amante, iluminou-se crente  
Cobriu-se de ternuras e de lendas  
Não conheceu prazer ilimitado  
Que suportasse o humano e suas penas.

**11**

Rosa consumada  
Trajetória perfeita  
Exatidão mais alta!

Pesa sobre nós  
O limite da carne

O pensamento  
Discursivo e lento.  
Em nós  
Corpóreos e pequenos  
A fúria da vontade  
E mil abstrações  
No amor e na verdade.

Nem sabemos porque

Construímos e amamos.

Mutáveis, imperfeitos  
O mundo nos oprime

E nos comprime o peito.

Dúplices desatentos  
Lançamos nossos barcos  
No caminho dos ventos.

E nas coisas efêmeras  
Nos detemos.

**TROVAS DE MUTTO AMOR  
PARA UM AMADO SENHOR**

(1960)

Canção, não digas mais; e se teus versos  
    À pena vem pequenos,  
Não queiram de ti mais, que dirás menos.

Luiz de Camões

I

Nave  
Ave  
Moinho  
E tudo mais serei  
Para que seja leve  
Meu passo  
Em vosso caminho.

II

Amo e conheço.  
Eis porque sou amante  
E vos mereço.

De entendimento  
Vivo e padeço.

Vossas carências  
Sei-as de cor.

E o desvario  
Na vossa ausência

Sei-o melhor.

Tendes comigo  
Tais dependências  
Mas eu convosco  
Tantas ardências

Que só me resta  
O amar antigo:  
Não sei dizer-vos

Amor, amigo  
Mas é nos versos  
Que mais vos sinto.  
E na linguagem  
Desta canção

Sei que não minto.

III

Dizem-me:  
Por vos querer  
Peerco-me a mim  
E logo  
Vos perderei.

Dizem-me coisas  
Tão várias  
Que desconheço  
E tão raras

Que mais pareço  
De um mundo  
Longe de vós  
E de tudo.

Dizeres  
De toda gente  
A mim bem pouco  
Me importa.

Hei de querer-vos  
Tão clara  
Com tais enlevos

Que se um dia  
Vos lembrardes  
De mim

Há de ser nos trevos.  
É tanta sorte  
Senhor  
Encontrardes  
A um só tempo

Mulher  
Vate  
Trovador.

IV

Convém amar  
O amor a rosa  
E a mim que sou  
Moça e formosa  
Aos vossos olhos  
E poderosa  
Porque vos amo  
Mais do que a mim.

Convém amar  
Ainda que seja  
Por um momento:  
Brisa leve a  
Princípio e seu

Breve momento  
Também é jeito  
De ser, do tempo.

Porque ai senhor  
A vida é pouca:  
Um bater de asa  
Um só caminho

Da minha à vossa  
Casa...

E depois, nada.

V

*Não sou casado, senhora,  
Que ainda que dei a mão  
Não casei o coração.*

Bernardim Ribeiro

Serei menos eu  
Dizer-vos, senhor meu,  
Que às vezes agonizo  
Em vos vendo passar  
Altaneiro e preciso?

Ai, não seria.

E na mesma calçada  
Por onde andais, senhor,  
Anda vossa senhora.  
E sua cintura alada  
Dá-me tanto pesar  
E me faz sofrer tanto

Que não vale o chorar  
E só por isso eu canto.



Seria menos eu  
Dizer-vos, senhor meu,  
Por serdes vós casado  
(E bem por isso mesmo)  
É que sereis amado?

Ai sim seria.

## VI

Deus Nosso Senhor conceda  
Mercês e graças a quem  
(por ser assim delicada)  
Pode perder o seu bem.

Cantar meu amor eu canto.  
E canto com alegria.  
Mas não é um todo fidalgo  
E quase uma alegoria

Cantar de vossa senhora  
A cintura e a valia?

Mas eu que morro de amores  
Tenho tantas estranhezas...  
E se não morro de amores  
Morro de delicadezas.

E que Deus Nosso Senhor

Me guarde na Sua grandeza.

VII

Fineza minha, senhor,  
É o muito vos repetir  
Um amor já confessado.  
(A princípio sem cuidado  
Porque não vos conhecendo  
à força de repetir  
O que não é acaba sendo.)

Mas hoje vos conhecendo  
E tendo sido afligida  
Por males próprios do amor,  
Não é fineza tão grande  
Fazer-vos tal juramento?

Ai é sim meu senhor.

Porque se acaso depois  
Passado tanto tormento  
Eu nunca mais vos lembrasse  
Do amor o encantamento,  
Fineza é que não seria.

E é pois o que venho tendo.

## VIII

A vossa casa rosada  
Tem ares de fidalguia.  
Se passo por ela, sofro,  
Se não passo, noite e dia...

Penso nela.

Na verdade vos persigo.  
E na verdade vos tento.  
Se a casa não é comigo  
Por que tenho o pensamento

(- Junto dela?)

Lá não vos vejo. Pressinto  
O vosso andar, vossa fala.  
E sei de vossos afetos  
E a boca por isso cala.

mas canta. Porque é preciso.

## IX

A minha voz é nobre  
E mansa se vos falo.  
Se me fazeis sofrer  
Para não vos magoar

É que me calo.

Nada fere melhor  
(mais que a voz angustiada)  
Uma voz de marfim.  
E se não sei dizer  
Em não sendo assim,  
Fere a delicadeza  
Mais que a vós, a mim.

E por isso me calo.

X

Amor tão puro  
Amor impuro  
Nada parece  
Ser mais escuro  
Que o definir-vos:  
Às vezes graça  
Tão luminosa  
Às vezes pena  
Tão perigosa...

E às vezes rosa  
Tão matutina  
Que a mim não cabe  
(Eu, peregrina)  
O descobrir-vos.

- Ai, quem padece  
De tanto amor  
E em alta chama  
Sua vida aquece?

- Ai, quem seria?  
Sendo por vós  
Só poderia  
Se eu, senhor.

XI

Tenho sofrido  
Penas menores.  
Maiores  
Só as de agora:  
Amor tão grande  
Tão exaltado  
Que não se morre  
Também não sabe  
Viver calado.

Morrer não há de.  
Calar não pode.  
Sabe morrer  
Quem morre  
Se não vos vê?  
Sabe calar  
A que nasceu

Somente  
Pr'a vos cantar?

Tenho sofrido  
Porque de amor  
Tenho vivido.  
Amor tão grande  
Tão exaltado  
Que se o perdesse  
Nada seria  
Mais cobiçado.

## XII

Se não vos vejo

Vos sinto por toda parte.  
Se me falta o que não vejo  
Me sobra tanto desejo  
Que este, o dos olhos, não importa.

(Antes importa saber  
Se o que mais vale é sentir  
E sentindo não vos ver.)

São coisas do amor, senhor,  
Desordenadas, antigas.  
E são coisas que se inventam  
Pr'a se cantar a cantiga.

Não são os olhos que vêm  
Nem o sentido que sente.  
O amor é que vai além  
E em tudo vos faz presente.

XIII

Dizeis que tenho vaidades.  
e que no vosso entender  
Mulheres de pouca idade  
Que não se queiram perder

É preciso que não tenham  
Tantas e tais veleidades.

Senhor, se a mim me acrescento  
Flores e renda, cetins,  
Se solto o cabelo ao vento  
É bem por vós, não por mim.

Tenho dois olhos contentes  
E a boca fresca e rosada.  
E a vaidade só consente  
Vaidades, se desejada.

E além de vós  
Não desejo nada.

XIV

Rica de amores  
Tive perdida  
Minha tão pobre  
Tão triste vida.

Rica de amores  
Mas ai! por dentro  
Tão consumida!  
Tão triste  
Tão assustada  
Que eu bem sabia  
Não ser aquela  
A minha vida  
Predestinada.  
Tão triste vida.

Mas ai, tornada  
Leve  
Quieta  
Cantada...

Amores tive  
Amor cantei  
Nenhum logrei  
Cantar tão bem.



Deu-me o amor este dom:  
O de dizer em poesia.  
Poeta e amante é o que sou  
E só quem ama é que sabe  
Dizer além da verdade  
E dar vida à fantasia.

E não dá vida o amor?  
E não empresta beleza  
Àquele que se quer bem?  
Que não vos cause surpresa  
O perceber neste amor  
Fidelidade e nobreza.

E se eu soubesse que à morte  
Meu muito amar conduzia,  
Maior nobreza de amante  
Afirmar-vos inda assim  
Que ele tal e qual seria  
Como tem sido agora:

Amor do começo ao fim.

## XVI

Maus olhos  
Seguem o barco  
E o arco  
Dos horizontes

E os mares  
E a flor e a fonte  
Caminho  
E caminha o monte.

Meus olhos  
Seguem o barco  
Mar alto  
No fundo o peixe.  
E a vós  
Senhor excelente:  
Corda prendida ao feixe.

## XVII

Moças donzelas  
Querem cantar amor  
Sem mais aquelas.

Canto eu por elas.

Se forem belas  
Ficam melhor à tarde  
Ai, nas janelas.

Fico eu por elas.

E se as cancelas  
Das casas onde vivem

Ai, cuidam delas

Saio eu por elas.

E em sendo belas  
Pretendam conseguir  
Grinalda e perlas

Velo eu por elas.

Mas ai daquela  
Que em vós deitar o olhar...  
Solteira e bela

Ao, pobre dela.(??????? Ai)

### XVIII

Que seja nossa um dia  
A casa que eu, senhor,  
Imaginei  
Para viver convosco  
Em alegria.

Que tenha uma varanda  
E uma roseira  
E por perto  
Uma fonte esquecida  
Na clareira.

Que à noite se advinhe  
A graça de um ruído.  
Porquanto o que se vê  
Tolhe a imaginação  
E perturba o sentido.

Que haja luz nas manhãs  
E rosas nos ocasos.  
E alguns versos de amor  
De uma mulher tranqüila

E ao vosso lado.

## XIX

Se o amor é merecimento  
Tenho servido a Deus  
Mui a contento.

Se é vosso meu pensamento  
Em verdade vos dei  
Consentimento.

E se mereci tal vida  
Plena de amor e serena  
Foi muito bem merecida.

E em me sabendo querida

Dos anjos e do meu Deus,  
Na morte pressinto a vida.

E o que se diz sofrimento,  
No meu sentir é agora  
Contentamento.

E se amor morre com o tempo  
Amor não é o que sinto  
Neste momento.

XX

Guardai com humildade  
Estas trovas de amor.  
E se um dia eu morrer  
Antes de vós  
Como sói muita (muito ou muita vez ????)  
Acontecer

Lembraí-vos: o que dei  
Foi um amor tão puro  
Atormentado mas  
Tão claro e limpo  
E sentireis, senhor,  
Tudo o que sinto.

ROTEIRO DO SILÊNCIO

(1959)

À memória de meus amigos

Otávio Mendes Neto  
Zita Cintra Gordinho  
José Luiz Pati  
Sérgio Galvão Coelho

Não há silêncio bastante  
Para o meu silêncio.  
Nas prisões e nos conventos  
Nas igrejas e na noite  
Não há silêncio bastante  
Para o meu silêncio.

Os amantes no quarto.  
Os ratos no muro.  
A menina  
Nos longos corredores do colégio.  
Todos os cães perdidos  
Pelos quais tenho sofrido:  
O meu silêncio é maior  
Que toda solidão  
E que todo silêncio.

## CINCO ELEGIAS

### É TEMPO DE PARAR AS CONFIDÊNCIAS

#### 1

Teus esgares, de repente,  
Teus gritos  
Quem os entende?  
E todos os teus ruídos  
Teus vários sons e mugidos  
Quem os entende?

E foi assim que o poeta  
Assombrado com as ausências  
Resolveu:  
Fazer parte da paisagem  
E repensar convivências.  
Em vão tenho procurado  
A glória das descobertas.  
Em vão a língua se move  
Trazendo à tona o segredo.  
Em vão nos locomovemos.  
Para onde pés e braços?

Distantes os hemisférios



E as relíquias da memória.  
Tão distante a minha infância  
Pudor, beleza, invenção  
E o ouro da minha trança  
Não teve sequer canção.  
Cresci tão inutilmente  
Quando devia ficar  
Debaixo das laranjeiras  
À sombra dos laranjais.  
Cresci, elegi palavras  
Qualifiquei os afetos.  
Vestígios de madrugada  
Diante dos olhos abertos.  
Claridades, esperanças,  
Em tudo a cor e a vontade  
De ver além da distância.

Depois as visões, as crenças  
Algumas falas a sós  
Premeditadas vivências  
Graves temores na voz.  
Era ou não  
Abrasada adolescência?

## 2

O vocábulo se desprende  
Em longas espirais de aço.  
Ajustemos a mordança

Porque no tempo presente  
Além da carícia, é a farsa  
Aquele que se insinua.  
Faço parte da paisagem.  
E há muito para se ver  
Aquém e além da colina.  
Há pouco para dizer,  
Quando a alma que é menina  
Vê de um lado o que imagina,  
Do outro o que todos vêem:  
O sol, a verdura fina  
Algumas reses paradas  
No molhado da campina.  
Ventura a minha, a de ser  
Poeta e podendo dizer  
Calar o que mais me afeta.  
Ventura ter o meu mundo

E resguardá-lo das cinzas  
Das invasões e dos desgts.  
Ah, poderiam ter sido  
Encantados e secretos

Aqueles brandos colóquios  
Que outrora se pareciam  
Às doces falas do afeto.

As coisas que nos circundam  
(Na aparência desiguais)  
Conservam em suas essências  
Ai, aquela mesma e triste  
Parecença.  
Difícil é escolher  
Entre viver e morrer.  
Difícil é o escutar-se  
E ao mesmo tempo escutar  
Rigores que vêm da terra  
Lirismos que vêm do mar.  
Auroras imprevisíveis  
Entre Platão e Plutão.  
Entre a verdade e os infernos  
Dez passos de claridade  
Dez passos de escuridão.  
Consinto que me surpreendas  
Dizendo palavras densas.  
O não dizer é o que inflama  
E a boca e o movimento  
É que torna o pensamento  
Lume  
Cardume  
Chama.  
Não tenho tido descanso  
Do falarar de quem ama.  
Amor é calar a trama.  
É inventar. É magia.  
As palavras engenhosas  
E os teus dizeres do dia

À noite não tem sentido

Quando arquiteto a elegia.  
E sendo assim continuo  
Meu roteiro de silêncio  
Minha vida de poesia.

4

Não te espantes da vontade  
Do poeta  
Em transmudar-se:  
Quero e queria ser boi  
Ser flor  
Ser paisagem.  
Sentir a brisa da tarde  
Olhar os céus, ver as tardes

Meus irmãos, bezerros, hastes,  
Amar o verde, pascer  
Nascer junto à terra  
(À noite amar as estrelas)  
Ter olhos claros, ausentes,  
Sem o saber ser contente  
De ser boi, ser flor, paisagem.  
Não te espantes. E reserva  
Teu sorriso para os homens  
Que a todo custo hão de ser  
Oradores, eruditos,

Doutos doutores  
Fronte e cerne endurecido.  
Quero e queria ser boi  
Antes de querer ser flor.  
E na planície, no monte  
Movendo com igual compasso  
A carcaça e os leves cascos  
(Olhando além do horizonte)  
Um pensamento eu teria:  
Mais vale a mente vazia.  
E sendo boi, sou ternura.

*Aunque pueda parecer  
Que del poeta  
Es locura.*

## 5

É tempo para dizer  
Se prefiro o teu amor  
Àqueles, aos doces ares  
Da minha campina em flor.  
Tu que projetas e inventas  
Estruturas ascendentes  
E sonhas com superfícies  
Além deste continente,  
Tu que conheces melhor  
As coisas do querer bem

(Porque até agora te quis  
E antes não quis ninguém)  
Tu, bem o sei, me presentes.  
E mais ainda, me vês  
Tão perto do querer ser  
Deste amor sempre contente.  
Ah, descantares, lamentos,  
As leves coisas do tempo  
Têm seu tempo e seus altares.  
É tempo para escolher  
O anoitecer nas planuras  
E o contemplar luaceiros  
E é tempo para calar  
A estória dos meus roteiros.  
Paisagem, tu me alimentas  
De verde, de sol, de amor.  
E numa tarde tranqüila,  
Nos longes, seja onde for  
Lembra-te um pouco de mim:  
Que eu morra olhando as alturas.  
E que a chuva no meu rosto  
Faça crescer tenro caule  
De flor. (Ainda que obscura)

## SONETOS QUE NÃO SÃO

*Aflição de ser terra  
Em meio às águas*

Péricles E. da Silva Ramos

### 1

Aflição de ser eu e não outra.  
Aflição de não ser, amor, aquela  
Que muitas filhas te deu, casou donzela  
e à noite se prepara e se advinha

Objeto de amor, atenta e bela.  
Aflição de não ser a grande ilha  
Que te retém e não te desespera.  
(A noite como fera se avizinha).

Aflição de ser água em meio à terra  
E ter a face conturbada e móvel.  
E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.  
Aflição de te amar, se te comove.  
E sendo água, amor, querer ser terra.

### 2

É meu este poema ou é de outra?  
Sou eu esta mulher que anda comigo  
E renova a minha fala e ao meu ouvido  
Se não fala de amor, logo se cala?

Sou eu que a mim mesma me persigo  
Ou é a mulher e a rosa que escondidas  
(Para que seja eterno e meu castigo)  
Lançam vozes na noite tão ouvidas?  
Não sei. De quase tudo não sei nada.  
O anjo que impulsiona o meu poema  
Não sabe da minha vida descuidada.

A mulher não sou eu. E perturbada  
A rosa em seu destino, eu a persigo  
Em direção aos reinos que inventei.

### 3

Tenho medo de ti e deste amor  
Que à noite se tranforma em verso e rima.  
E o medo de te amar, meu triste amor,  
Afasta o que aos meus olhos aproxima.

Conheço as conveniências da retina.  
Muita coisa aprendi dos seus afetos:  
Melhor colher os frutos na vindima  
Que buscá-los em vão pelos desertos.



Melhor a solidão. Melhor ainda  
Enlouquecendo os meus olhos, o escuro,  
Que o súbito clarão de aurora vinda

Silenciosa dos vãos de um alto muro.  
Melhor é não te ver. Antes ainda  
Esquecer de que existe amor tão puro.

**4**

Que não se leve a sério este poema  
Porque não fala do amor, fala da pena.  
E nele se percebe o meu cansaço  
Restos de um mar antigo e de sargaço.

Difícil dizer amor quando se ama  
E na memória aprisionar o instante.  
Difícil tirar os olhos de uma chama  
E de repente sabê-los na constante

E mesma e igual procura. E de repente  
Esquecidos de tudo que já viram  
Sonharem que são olhos inocentes.

Ah, o mundo que os meus olhos assistiram...  
Na noite com espanto eles se abriram.  
Na noite se fecharam, de repente.

**5**

A voz diz o verso e a cantiga  
Tem repetido mil vezes que te ama.  
A voz amante, amor, não tem medida  
E lenta é quase sempre leve e branda.

Que não conheça o grito a minha garganta  
Porque bem sei quem és e de onde vens.  
E nem penses que a mim me desencantam  
As filhas que eu não tive e que tu tens.

Amo-te a ti e a todos esses bens.  
Fosse maior o amor tu saberias  
Que se te amo a ti, amo tuas filhas.  
(Se as vejo são meus olhos que te vêem).

Amo-te tanto. Sendo breve a vida,  
Impossível a volta àquela infância,  
Que seja a tua ternura desmedida  
Como se eu fosse também uma criança.

**6**

Leva-me a um lugar onde a paisagem  
Se pareça àquela das visões da mente.  
Que seja verde o rio, claro o poente  
Que seja longa e leve a minha viagem.

Leva-me sem ódio e sem amor  
Despojada de tudo que não seja  
Eu mesma. Morna estrutura sem cor  
A minha vida. E sem velada beleza.

Leva-me e deixa-me só. Na singeleza  
De apenas existir, sem vida extrema.  
E que no escuro claustro do poema  
Eu encontre afinal minha certeza.

DO AMOR  
CONTENTE E MUITO  
DESCONTENTE

1

Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.  
Tenho me fatigado tanto todos os dias  
Vestindo, despindo e arrastando amor  
Infância, sóis e sombras.

Vou dizer coisas terríveis à gente que passa.  
Dizer que não é mais possível comunicar-me.  
(Em todos os lugares o mundo se comprime.  
Não há mais espaço para sorrir ou bocejar  
De tédio).  
As casas estão cheias. As mulheres parindo  
Sem cessar, os homens amando sem amar  
Ah, triste amor desperdiçado  
Desesperançado amor, serei eu só  
A revelar o escuro da janelas, eu só  
Advinhando a lágrima em pupilas azuis  
Morrendo a cada instante, me perdendo?  
Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.  
Preparo-me e aceito-me  
Carne e pensamento desfeitos. Intentemos,  
Meu pai, o poema desigual e torturado.  
E abracemo-nos depois em silêncio. Em segredo.

2

*A Neli Dutra*

Companheiros, é de lua  
A noite que vem chegando.  
Para engolir o meu pranto  
Que eu não saiba de outras vidas  
Nem dos que estão se matando.  
Já tive tanta desdita  
Que é preciso ir inventando

Caminhos novos, veleiros  
(Além do mais navegando  
Se conhece o marinheiro).  
Verdade é o que tume dizes:  
O amor, poeta,  
É alegria.  
Por isso é que estou tramando  
Viagens, vínculos, dádivas  
Por isso a noite é de lua  
E o coração é de brasa.  
Não quero saber de herdeiros  
Partilhando o meu encanto.  
Inúmeras as viuvezes  
Para uma vida tão pouca  
E de amor... Ai, tantas vezes  
Minhas asas, exiladas

Incendiaram as estrelas.  
E nos sentires, nos tatos  
Em todos os meus adeuses  
O amor se reinventava  
A si mesmo, tanto, tanto.  
(Mas afinal é de pranto  
O amor que se diz contente?)

Companheiros, é de lua  
A noite que vem chegando.  
E uma lua nas alturas  
Tem tal força, tais ardências...  
Senão vejamos: Eu poeta  
Nesta e noutras existências,  
Cantando o do amor mais triste  
(Onde se meteu a lua?)  
Cantei-me. De amor contente.

**3**

Quero brincar meus amigos  
De ver beleza nas coisas.  
Beleza no desatino  
No teu amor descuidado  
Beleza tanta beleza  
Na pobreza.  
Quero brincar meus amigos

De ver beleza na moça  
Que por amor não se dá.

Nem por nada. E se reserva  
Ao homem que Deus dará.

Quero brincar meus amigos  
De ver beleza na morte.  
Mais que na morte, na vida.  
Tão doce morrer em vida  
Tão triste viver em vão.

Vamos brincar meus amigos  
E de mãos dadas cantar  
Minha feliz invenção:  
Beleza tanta beleza  
Em tudo que se não vê  
Beleza.

**4**

É antes de tudo a terra  
Que me traz o medo.  
E a crisálida no corpo.  
E a flor no túmulo.  
É antes de tudo a terra  
Quando me vês perdida  
E em silêncio.  
É antes de tudo a terra  
Que confunde a amarga.

**5**

Tudo é triste. Triste em nós

Vivos ausentes, a cada dia esperando  
O imutável presente. Tudo é triste.  
Triste como eu, antiga de carícias  
De olhos e lamentos, lenta no andar,  
Lenta, irmã de algum canto de ave,  
Do silêncio na nave, irmã.

**6**

Enterrei à noite minhas estrelas  
Porque à noite as flores  
Elaboram em silêncio  
Suas cores.  
Enterrei à noite minhas estrelas  
Perdi graças e gigantes  
Para não perdê-las.  
Ah, mundo de terra e medo!

**7**

Somos crianças nesta noite escura.  
Tudo mais não sabemos.  
Largas raízes maduras  
Apressam nosso passo,  
E é de amor e aço  
O teu longo abraço em toda minha cintura.  
Somos crianças nesta noite escura.  
Morno rumor de sombras



E de folhas  
Desfaz a rosa que eu te prometia  
Temos olhos e sonhos.  
E eu não sou aquela que o teu sonho pedia.

**8**

Amado e senhor meu: Perguntei a mim mesma  
O que te faz aos meus olhos desejado.  
E aquele anjo que é o meu, dessassombrado,  
Andrógino e ausente emudeceu.  
Será a luz da tua casa o encantado  
Ou tens encanto maior aos olhos meus?  
E aquele anjo que é o meu, mudo e alado  
Prudente como um anjo adormeceu.  
Será a mulher, a que te tem guardado  
Em vigia constante como a um deus,  
Que faz com que eu te sinta o mais amado?  
E sonâmbulo meu anjo respondeu:

- Ai de ti, a de sonhos exalados.

**9**

Tenho pedido a todos que descansem  
De tudo o que cansa e mortifica:  
O amor, a fome, o átomo, o câncer.  
Tudo vem a tempo no seu tempo.

Tenho pedido às crianças mais sossego  
Menos riso e muita compreensão para o brinquedo  
O navio não é tream, o gato não é guizo.

Quero sentar-me e ler nesta noite calada.  
A primeira vez que li Franz Kafka  
Eu era uma menina. (A família chorava).  
Quero sentar-me e ler mas o amigo me diz:  
O mundo não comporta tanta gente infeliz.

Ah, como cansa querer ser marginal  
Todos os dias.  
Descansem anjos meus. Tudo vem tempo  
No seu tempo. Também é bom ser simples.  
É bom ter nada. Dormir sem desejar,  
Não ser poeta. Ser mãe. Se não puder ser pai.  
Tenho pedido a todos que descansem  
De tudo o que cansa e mortifica.  
Mas o homem não cansa.



**Balada do Festival (1955)**

a meu irmão  
a Lygia e Goffredo

Não falemos.  
E que as vontades primeiras  
permaneçam  
gigantescas e disformes  
sem caminho nenhum  
para o mundo dos homens.

I

Corpo de argila  
meu triste corpo  
não é verdade

se te disserem  
miha elegia  
ser mais vaidade  
do que homenagem.

Por que o seria?  
Me adivinhaste  
quando a palavra  
nada dizia

e o longo tempo  
(quando se amava)  
havia dias  
em que choravas

e estremecias.

Falam de ti.  
Da tua pouca  
felicidade.

Mas o que importa  
a infinidade  
dos teus amantes

se toda vez  
que te entregavas  
extenuado

te perdias.  
Ah, se a poesia  
me permitisse  
vôos mais altos

mesmo na morte  
as confidências  
que eu te faria...

Ainda me tens.  
E bem por isso  
destila em mim  
teu peso enorme.  
E no poema  
que te dedico

meu triste corpo  
ainda uma vez  
chora comigo  
chora comigo.

II

a Fernando Lemos

Já não sei mais o amor  
e também não sei mais nada.  
Amei os homens do dia  
suaves e decentes esportistas.  
Amei os homens da noite  
poetas melancólicos, tomistas,  
críticos de arte e os nada.

Agora quero um amigo.  
E nesta noite sem fim  
confiar-lhe o meu desejo  
o meu gesto e a lua nova.

Os que estão perto de mim  
não me vêem... Estende a tua mão.  
Ficaremos sós e olhos abertos  
para a imensidão do nada.

### III

Haste pensativa e débil  
da rosa que tenho na memória.  
Te pareces comigo na efêmera vontade  
de ser mais vida e menos morte.  
Só nos falta o amor. Grande. Sem mácula.  
O poema infinito para mim,  
a eternidade para tua rosa.

## IV

a Vinícius de Moraes

Na hora da minha morte  
estarão ao meu lado mais homens  
infinitamente mais homens que mulheres.  
(Porque fui mais amante que amiga)  
Sem dúvida dirão coisas que não fui.  
Ou então com grande generosidade:  
Não era mau poeta a pequena Hilda.

Terei rosas no corpo, nas mãos, nos pés.  
Sei disso porque fiz um pedido piegas  
à minha mãe: “Quero ter rosas comigo  
na hora da minha morte.”

E haverá rosas.  
São todos tão delicados  
tão delicados...

Na hora da minha morte  
estarão ao meu lado mais homens  
infinitamente mais homens que mulheres.  
E um deles dirá um poema sinistro  
a jeito de balada em tom menor...



Tem tanto medo da terra  
a moça que hoje se enterra.  
Fez poema, fez soneto  
muito mais meu do que dela.  
Lá, lá, ri, lá, lá, lá, lá.

V

Maior que o meu sonho de viagem  
é o amor que te tenho muito amado.  
Maior que o meu canto  
só o filho nascido da ternura  
e este... existe em mim. Perplexo  
e esplendoroso filho de amor.

VI

Nada mais tenho  
na memória  
rosa dos ventos  
transitória  
onde estarás  
depois de todo  
o meu tormento...

Hás de ficar  
tão só, tão só  
no pensamento  
e depois dele  
o que restar  
sal e areia  
esquecimento  
há de voltar  
para o teu sono  
secular.

Rosa dos ventos  
eu te imagino  
viagem, navio.  
Mas o que há  
é o sofrimento  
de ver o rio  
o rio, o rio  
(pobre de mim)  
e nunca o mar...

## VII

Inadvertida rosa.  
Quis avisar-te  
do roteiro sem fim  
das urzes e da ventania.  
(Já era tarde quando

pensei em procurar-te.  
De nada adiantaria)

Deixaste a terra  
que te alimentava  
e o lírio. Te lembras?  
Aquele que aos teus pés crescia.  
Nada somos sem ti.  
No entanto, espera.  
Na tua volta  
deixarão que eu fale  
porque sou poeta. E te direi...

estrela inédita  
na vastíssima escuridão  
que se contorna. Surgiste.

## VIII

### BALADA PRÉ-NUPCIAL

Menina, nunca na vida  
vi coisa igual a tua boca  
nem nunca meus olhos viram  
teu corpo e tua carne moça.  
Deixa que eu sinta a beleza  
de tuas coisas escondidas.

E o cravo desabrochado

se expandia, se expandia...

Deixa meu peito ondular-se  
nas tuas pernas de repente  
permitidas. E prometo...  
prometo mares e mundos  
e te imagino subindo  
as escadas de uma igreja  
nós dois as mãos enlaçadas  
nossa culpa redimida.  
Deixa menina que eu diga  
aquela palavra louca  
no teu ouvido... Não ouças!  
mas deixa, porque no amor  
as palavras se transformam  
e têm um outro sentido.  
Me abraça e morre comigo.

E as duas coisas se chocaram  
na mesma doida investida...  
Soluço que não se ouvia  
(espaçado e comovido)  
e o cravo que se expandia  
foi se abrindo, foi se abrindo  
em choro, promessa e dor,  
florindo o filho do medo  
muito mais medo que amor.

IX

Amado, não tão meu  
mas tão amado e em noite  
se transformando. Tua voz

rumor de coisas pressagas.

Amo-te tanto. Poeta  
já não sou. Nem mesmo amante.  
Na minha estrela sem luz

existe um medo maior  
que o de perde-te. Te amar  
presentido e renascendo

áspera rocha... fonte...

X

### CANCÃOZINHA TRISTE

E fiz de tudo...  
Fui autêntica, durante algum tempo.  
Fui inquietude e fragilidade.  
Brilhei em roda de amigos.  
Pratiquei o esporte com violência  
e uma vez (trágica melancolia!)  
nadei com aparente desenvoltura  
(peito arfante e dilacerado)

mil metros na butterfly...  
Fui amante, amiga, irmã,  
sorri quando ele me disse coisas amargas...

E nada o comove.  
Nada o espanta.  
E ele mente  
e mente amor  
como as crianças mentem.

## XI

Tenho pena  
das mulheres que riem com os braços  
e choram de mentira para os homens.  
E descobrem o seio antes do convite  
e morrem no prazer... olhos fechados.

Tenho pena  
do poeta feito para só ser pai... e ser poeta.  
E daqueles que dormem sobre o papel  
à espera do vocábulo  
e dos que fazem filhos por acaso  
e dos doidos e do cão que passa

e de mim... que espero a morte  
na confusão e no medo.

XII

Serena face  
distanciando  
o meu desejo.  
Tão longe estás  
que já nem sei  
o que te assombra  
alga ou areia  
mar ou lampejo

de desencanto.

A minha boca  
emudeceu.  
Se retornando  
não a encontrares  
pensa no amor  
chama e soluço  
que se perdeu.

Solto os cabelos  
e fico à espera.

Mas sobre mim  
como na morte  
crescem as heras.

XIII

Amadíssimo, não fales.  
A palavra dos homens desencanta.

Antes os teus olhos de prata  
na noite espessa do teu rosto.  
Antes o teu gesto de amor

espera e infinito e de murmúrio,  
água escorrendo da fonte, espuma de mar.

Depois, descansarás em meu peito  
as tuas mãos de sol. O vento de amanhã  
sepultará em meu ventre  
cálido como areia, fecundo como a mar,

a semente da vida.

Ouve: Só o pranto  
grita agora em meus ouvidos.

#### XIV

#### BALADA DO FESTIVAL

Na verdade apareceu  
vindo de terras distantes  
um homem quase poeta  
que me amou e que se deu



a mim e a outras também.  
E dizia ao telefone  
coisas tão ternas, tão tudo,  
que só de ouvi-lo, e esperá-lo  
muita mulher se perdeu.  
Muita mulher... também eu.  
Amei-o naquela pressa  
de horas marcadas e hotéis...  
dentro de mim a promessa  
de amá-lo ainda que fosse  
na velha China, nos mares,  
dentro de algum avião.  
E quando ele me chamava  
eu toda vagotonia  
ia e vinha e pressentia  
o homem que me fugia  
de passaporte na mão.

Agora estou tão cansada  
perdi-me na confusão  
de ser amante a amada.  
Se ainda vou procurá-lo  
em Paris ou em Viena  
não me perguntem, amigos,  
que eu faço um olhar tão triste  
tão triste de fazer pena...  
Na verdade apareceu  
vindo de terras distantes  
um homem asas e Orfeu.

XV

Haverá sempre o medo  
e o escondido pranto  
no meu canto de amor.

Dos homens e da morte  
mais noite que auroras  
em verso e pensamento  
concebi. Nas crianças  
amei os olhos e o riso  
o clamor sem ouvido  
o medo, o medo, o medo.

Se a fantasia  
aproximar de mim  
a tua presença,  
fica. A teu lado,  
serei amante sem desejo:  
Pássaro sem asa.  
Submerso leito.

XVI

Há uma paisagem sem cor dentro de mim.  
Vejo-a tão perto e tão esplêndida...  
súbita luz, nave dourada, espelho,

e transformando-se em névoa  
intacta submerge.

Sem dúvida, meu amigo, a ilha  
seria o nosso porto.  
E depois dela viria o monólogo  
e a certeza das coisas impossíveis.

## XVII

a Luiz Hilst

O poema se desfaz. Bem sei.  
E aos poucos morre.  
Se o gênio do poeta conseguisse  
a palavra com sabor de eternidade.  
Dizer da amiga que se foi  
e abria os olhos noturnos sem vontade.  
Dizer do amante alguma coisa a mais  
além da espera.  
Dizer da mãe, ó amadíssima,  
tudo o que a boca não diz  
e que se perde.

Tão sós estão os homens e a palavra.  
Por que não haverá um outro mundo  
sem ruído nem boca,  
mudo, esplendidamente mudo?

XVIII

BALADA DO CONDENADO À MORTE

Nossa Senhora das Trevas!  
Nossa Senhora de Tudo!  
Presos na minha garganta  
a palavra e o soluço.  
Mais um minuto, depois  
a dor, o vazio, o escuro.  
Tenho medo, minha mãe...  
olhar de pedra dos homens  
descontrole de meus braços  
meu peito que esmaga e arde.  
Nossa Senhora das Trevas!  
- Ah, meu filho, agora é tarde...

- Um dia me leva, pai,  
pra ver o mar e o navio?  
Meu filho triste e pequeno,  
tem pena de mim, perdoa  
as coisas que nunca dei.  
ah, minha mãe, sinto o gosto  
de sangue a minha boca  
e perto de mim a morte  
é silêncio, desespero,  
e se não fosse verdade...

Tenho medo, tenho medo...

Meu peito me esmaga e arde  
Nossa Senhora das Trevas!  
- Ah, meu filho, agora é tarde...  
Nossa Senhora de Tudo!  
Senhora dos Condenados!

XIX

Nada de novo tenho a dizer-vos.  
E se tivesse também não vos diria.  
Os versos são prodígios escondidos  
da minha fantasia.  
Hão de ficar assim. Solenes. Mudos.  
E por que não?

Quem alguma vez os leu  
com o mesmo amor  
com que os escrevi

e na mesma solidão...

XX

Nós, poetas e amantes,  
o que sabemos do amor?  
temos o espanto na retina  
diante da morte e da beleza.  
Somos humanos e frágeis

mas antes de tudo, sós.

Somos inimigos.  
Inimigos com muralhas  
de sombra sobre os ombros.  
E sonhamos. As vezes  
damos as mãos àqueles  
que estão chorando.  
(os que nunca choraram por nós)

Ah, meus irmãos e irmãs...  
Ai daqueles que nos amam  
e que por amor de nós se perdem.  
Ah, pudéssemos amar um homem  
ou uma mulher ou uma coisa...  
Mas diante de nós, o tempo  
se consome, desaparece e não pára.

Ouvi: Que vossos olhos se inundem  
de pranto e água de todo o mundo!  
Somos humanos e frágeis  
mas antes de tudo, sós.

**Balada de Alzira (1951)**

A meu pai

puros. E bem  
seremos

Somos iguais à morte. Ignorados e  
depois (o cansaço brotando nas asas)  
pássaros à procura de um deus.

I

Eu cantarei os humildes  
os de língua travada  
e olhos cegos  
aqueles a quem o amor feriu  
sem derrubar.

Cantarei o gesto  
dos que pedem e não alcançam  
a resignação dos santos  
o sorriso velado e inútil  
dos homens conformados.

Eu cantarei os humildes  
o homem sem amigos  
o amante sem esperança  
de retorno.

Cantarei o grito  
de escuta universal  
e de mistério nunca desvendado.  
Serei o caminho  
a boca aberta  
os braços em cruz  
a forma.

Para mim  
virão os homens desconhecidos.



II

“De tudo ficou um pouco  
Do meu medo. Do teu asco.”  
Carlos Drummond de Andrade

O que ficou de mim  
além de eu mesma  
não o sei.  
Nem o digas às crianças  
porque no que ficou  
a palavra de amor  
está partida

imperceptível sombra  
de flor no ramo frágil.  
Nem o diga aos homens  
Era o rio  
e antes do rio havia areia.  
Era praia  
e depois da praia havia o mar.  
Era amigo  
ah! e se tivesse existido  
quem sabe ficava eterno.

Nada ficou de mim  
além de eu mesma.  
Tênue vontade de poesia  
e mesmo isso

imperceptível sombra  
de flor no ramo frágil.

### III

Naquele momento  
o riso acabou  
e veio o espanto  
e do meu choro  
o desentendimento  
e das mãos unidas  
veio o temor dos dedos  
e da vontade de vida  
veio o medo.

Naquele momento  
veio de ti o silêncio  
e o pranto de todos os homens  
brotou nos teus olhos translúcidos  
e os meus se afastaram dos teus  
e dos braços compridos  
veio o curto adeus.

Naquele momento  
o mundo parou  
e das distâncias  
vieram águas  
e o barulho do mar.

E do amor  
veio o grande sofrimento.

E nada restou  
das infinitas coisas pressentidas  
das promessas em chama.  
Nada.

#### IV

Ah! Se ao menos em ti  
eu não me dissolvesse.  
E se ao menos contigo  
ficar pouco de mim  
lembrança de algum dia  
ou meu nome guardar  
um momento de sol...

Se ao menos existisse  
em nós a eternidade.

#### V

Acreditariam  
se eu dissesse aos homens  
que nascemos

tristemente humanos

e morremos flor?

Acreditariam  
que a presença é ausente  
quando o olhar se perde  
nas alturas?

Acreditariam  
ser a nossa vida  
vontade consciente  
de não ser?

E ser luz e estrela  
água, flor.

VI

a um amigo

Estás ausente.  
Mas há no amor  
como que eterna  
sobrevivência.  
É como a rosa  
que não se corta  
e nem se colhe  
pela manhã.

Estás ausente.

Ams este amor  
é bem aquele  
feito de estrelas  
que persistiram  
até que o dia  
se aproximasse.

Estás ausente.  
Vivo e perene  
nestes abismos  
do pensamento.

## VII

Restou um nome de bruma  
no meu eterno cansaço.

Restou um tédio cinza  
no meu todo silêncio.

Tanta tristeza no meu sono imenso...

## VIII

à Gisela

### I

O poema não vem.  
E quando vem é falho,  
impreciso.  
Este canto sem nome  
é um apelo  
aos homens à escuta  
e às mulheres.

Há tempos que sua ausência  
ronda os caminhos do sono  
envolve-se igual à rede  
no mistério de minha vida.

Boiavam antes os peixes  
à tona do pensamento.

Havia estrelas do mar  
no fundo dos castiçais.

## II

Manhã raiada ou soluço  
perdido na madrugada,  
transformado em folha, fruto,  
brotando igual à palmeira  
em terra sem tradição  
mesmo assim,  
tragam esta poesia  
que é preciso falar

da amiga que se indo embora  
demora até voltar.  
E deste amor de pensá-la  
sem revê-la  
nascerá o meu canto  
mais sentido  
que o cantar dos amantes  
satisfeitos.

### III

Homens distantes do mundo  
scumbidos pelo sonho,  
dia virá em que as naus  
estarão sem nenhum porto  
e as velas sem direção.  
Nem haverá uma estrela  
buscando o brilho de outrora  
e sem ela algum poeta  
fazendo o último apelo:

- Procurem o poema virgem.  
Manhã raiada ou soluço  
perdido na madrugada...

### IX

#### POEMA DO FIM

A morte surgiu

intocável e pura.  
Depois, teu corpo se alongou  
inteiro sobre as águas.  
Dos teus dedos compridos  
estouraram flores  
e ficaram árvores  
ao sol.

Escorreguei meus braços  
no teu peito sem queixa  
e cobri meu corpo  
com teu corpo de espuma.

.....

Ainda ontem  
os homens colheram rosas  
que nasceram de nós.

X

Brilhou um medo incontido  
na tua face de luz.  
E teu amor resguardou-se  
e silenciou.

Quis esconder os meus dedos  
nos teus cabelos de mágoa  
mas a tua mágoa era grande



para fugir no meu gesto.

Agora o amor é inútil  
e inútil o meu consolo.  
Estamos sós.

Entre o teu amor  
e o meu afago,  
aquele triste mundo de certezas.

## XI

Amado, quando morreres  
mil estrelas cor de sangue  
virão cobrir-te o peito.  
Uma delas ficará  
perdida por entre os dedos.  
À outra tu contarás  
o livro que não fizeste  
reza que não aprendeste  
e vontade que tiveste  
de ver amigo chorando  
chorando por causa tua.

E todos hão de notar  
água clara nos teus olhos  
e sombra nos teus cabelos  
e pena que vai crescer

no teu coração de luto.

Pena desses que ficaram  
consumidos na incerteza  
ou pena daquela amante  
que nunca soube dizer  
o que sonhamos ouvir.

Os homens hão de chorar  
no teu momento de morte.  
Porque dirás às estrelas  
todas as coisas caladas  
que só a mim revelaste.

## XII

O teu gesto de alegria  
nunca será para mim.

O teu conflito noturno  
este sim  
pousará na minha face.

Existe sempre o mar  
sepultando pássaros  
renovando soluços  
rompendo gestos.  
Existe sempre uma partida

começando em ti  
tomando forma  
e sumindo contigo.

Existe sempre um amigo perdido  
um encontro desfeito  
e ameaços de pranto na retina.

Existe um canto de glória  
iniciado nunca  
mas guardado no meu peito  
dissolvendo a memória.

E além da canção incontida  
do teu amor ausente  
além da irrevelada amargura  
desta espera  
existe sempre a terra  
desfazendo  
as vontades primeiras de Existir.

#### XIV

Há no meu mundo  
gesto de luto  
que me adivinha  
muro de pedra  
se intercalando  
no meu caminho

como uma sombra  
de amargura  
tomando forma  
quase serena  
e inconsolável  
de criatura.

Há o desconsolo  
permanecendo  
nos meus prelúdios  
de alegria.  
Só tenho a ti  
mas tão distante  
que não me ouves.  
Chamo e pergunto  
se não me queres  
mas o teu grito  
de assentimento  
chega cansado  
ao meu ouvido  
e assim cansado  
desaparece  
como um lamento.

Meu muito amado  
bem o quisera  
que esta vontade  
que se avoluma  
no pensamento  
se fosse embora.

Bem o quisera.

XV

a Carlos Drummond de Andrade

A rosa do amor  
perdi-as nas águas.

Manchei meus dedos de luta  
naquela haste de espinho.  
E no entanto a perdi.  
Os tristes me perguntaram  
se ela foi vida p'ra mim.  
Os doidos nada disseram  
pois sabiam que até hoje  
os homens  
dela jamais se apossaram.

Ficou um resto de queixa  
na minha boca oprimida.  
Ficou gemido de morte  
na mão que a deixou cair.

A rosa do amor  
perdi-as nas águas.  
Depois me perdi  
no coração de amigos.

XVI

“O que vemos das coisas são as coisas.”  
Fernando Pessoa

As coisas não existem.  
O que existe é a idéia  
melancólica e suave

que fazemos das coisas.

A mesa de escrever é feita de amor  
e de submissão.  
No entanto  
ninguém a vê  
como eu a vejo.  
Para os homens  
é feita de madeira  
e coberta de tinta.  
Para mim também  
mas a madeira  
somente lhe protege o interior  
e o interior é humano.

OS livros são criaturas.  
Cada página um ano de vida,  
cada leitura um pouco de alegria

e esta alegria  
é igual ao consolo dos homens  
quando permanecemos inquietos  
em resposta às suas inquietudes.

As coisas não existem.  
A idéia, sim.

A idéia é infinita  
igual ao sonho das crianças.

## XVII

### BALADA DE ALZIRA

O homem que não foi meu  
um dia será de Alzira.  
E passará os seus dedos  
sobre suas pernas de virgem  
e contará o segredo  
daquele olhar de menina.  
Amado, bem o sabia  
que os meus delírios noturnos  
nunca te resguardariam  
do sabor dos frutos novos.  
Os homens querem Alzira  
e os escondidos dos mares  
e as conchas que não se lançam  
às vontades das marés.

Há muito que pressentia  
teu gesto de retirada  
(como a noite espera o dia  
mergulhada em silêncio)  
Alzira, menina pura  
teu corpo feito de lírios  
assustava aquele meu  
maduro e já sem vontade  
de lutas e de emboscadas.

.....

O homem que não foi meu  
(porque me deu estertores  
que à outra seriam dados)  
em tardes de fevereiro  
Alzira levou pr'a longe.

.....

Aquela menina pura  
ficou pétala fendida  
flor com mil olhos de água  
espantados e noturnos.

Alzira soluço brando  
e face tão misteriosa  
que pena tenho guardada  
por te saber corrompida.



**Presságio** (1950)

Poemas Primeiros

À minha mãe

Voltando (porque tua volta sinto-a num  
presságio) acenderei luzes na minha porta e  
falaremos só o necessário.

Terás pão e vinho sobre a mesa.

Virás acabrunhado (quem sabe) como o  
filho que retorna.

Nesse dia, a lamparina de teu quarto  
deixarás que fique acesa a noite inteira.

O amor sobrevive.

E seremos talvez amor e morte ao mesmo  
tempo.

I

Stela, me perguntaram  
se permaneces no tempo.  
Se teu rosto de coral  
e teus cabelos de pedra  
ficarão indefinidos  
no espaço, pedindo soll.

Ainda ontem te vi.  
Olhar quase estagnado.  
Descias azuis escadas  
com aquele teu chale verde.  
Aquele chale de Stela  
parecia feito d'água:  
verde aguado, verde aguado.

Debaixo dos teus dois braços  
trazias rosas molhadas.

Aquelas rosas de Stela  
e Stela me perguntando  
se a morte é cousa que passa.

Stela, que desconsolo.  
Não sabes onde termina  
a aurora de tua presença.

No tempo, se é que existes,  
só ficarás peregrina.

Como pesa: Stela e eu.

II

Me mataria em março  
se te assemelhasses  
às cousas perecíveis.  
Mas não. Foste quase exato:  
doçura, mansidão, amor, amigo.

Me mataria em março  
se não fosse a saudade de ti  
e a incerteza de descanso.  
Se só eu sobrevivesse quase nula,  
inerte como o silêncio:  
o verdadeiro silêncio de catedral vazia,  
sem santo, sem altar. Só eu mesma.

E se não fosse verão,  
e se não fosse o medo da sombra,  
e o medo da campa na escuridão,  
o medo de que por sobre mim  
surgissem plantas e enterrassem  
suas raízes nos meus dedos.

Me mataria em março  
se o medo fosse amor.

Se março, junho.

III

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas  
que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes  
se desmanchariam  
na sonoridade  
dos meus ditos.

Faria de teus olhos  
luz,  
de toda boca  
um eco.

Nos teus ouvidos  
eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-me.

IV

Brotaram flores  
nos meus pés.

E o cotidiano  
na minha vida  
complicou-se.

Diferença triste  
aborrecendo o andar  
de minhas horas.  
Rosa Maria  
tem flores na cabeça.  
Maria Rosa as leva no vestido.  
E esse nascer de flores  
nos meus pés,  
atrai olhares de espanto.

Ainda ontem  
me vieram dizer  
se eu as vendia.  
Meus pés iriam  
com flores andar  
sobre o teu silêncio.  
Tua vida  
no meu caminho,  
na caminhada grotesca  
daqueles meus pés floridos.

De tanto serem zombadas  
morreram adolescentes.  
Pobres pés, pobres flores.  
Murcharam ontem,  
hoje secaram.

E o cotidiano  
na minha vida  
complicou-se.

V

Amargura no dia  
amargura nas horas,  
amargura no céu  
depois da chuva,  
amargura nas tuas mãos

amargura em todos os teus gestos.

Só não existe amargura  
onde não existe o ser.

Estão sendo atropelados  
em seus caminhos,  
os que nada mais têm a encontrar.  
Os que sentiram amargura de fel  
escorrendo da boca,  
os que tiveram os lábios  
macerados de amor.  
Estão terrivelmente sozinhos  
os doidos, os tristes, os poetas.

Só não morro de amargura

porque nem mais morrer eu sei.

VI

Água esparramada em cristal,  
buraco de concha,  
segredarei em teus ouvidos  
os meus tromentos.  
Apareceu qualquer coisa  
em minha vida toda cinza,  
embaçada, como água  
esparramada em cristal.  
Ritmo colorido  
dos meus dias de espera,  
duas, três, quatro horas,  
e os teus ouvidos  
eram buracos de concha,  
retorcidos  
no desespero de não querer ouvir.

Me fizeram de pedra  
quando eu queria  
ser feita de amor.

VII

Maria anda como eu:  
Impossibilitada de fazer



tudo o que quer.

Tem mãos amarradas,  
ar de doente, olhar de demente,  
cansada.

Maria vai acabar como eu:  
covarde nas decisões,  
amante das cousas indefinidas  
e querendo compreender suicidas.

Maria vai acabar assim sem rumo,  
andando por aí,  
fazendo versos  
e tendo acessos  
nostálgicos.

Maria vai acabar  
bem tristemente.  
De qualquer jeito,  
lendo jornais,  
tendo marido  
indefinido.

(Não sei porque Maria  
quer compreender  
muito, demais,  
a vida do suicida.  
E Maria vai acabar  
se fartando de vida.)

A vida, coitada,  
é camarada, gosta de Maria,  
quer fazer Maria viver mais,  
porque Maria é desgraçada.  
Quer deixá-la para o fim,  
assim à mostra,  
e eu francamente não entendo  
porque Maria não gosta  
da vida.

## VIII

Canção do mundo  
perdida na tua boca.

Canção das mãos  
que ficaram na minha cabeça.

Eram tuas e pareciam asas.

Pareciam asas  
que há muito quissem repousar.

Canção indefinida  
feita na solidão  
de todos os solitários.

Os homens de bem

me perguntaram  
o que foi feito da vida.

Ela está parada.  
Angustiadamente parada.

O que foi feito  
da ternura dos que amaram...

Ficou na miha cabeça,  
nas tuas mãos que pareciam asas.  
Que pareciam asas.

## IX

Colapso hibernal  
das cousas ausentes.  
Desfila diante de mim  
o teu olhar parado.  
NA minha frente  
há figuras de mortos  
tecendo roupas brancas,  
e na tua vida  
há qualquer cousa de triste  
que não foi contado.

Coragem de viver os dias  
sem falar de loucos  
quando há qualquer louco

no infinito,  
pedindo uma lembrança  
e contei os seus dias de vida  
nos meus sonhos.

Existe um deus qualquer  
nas minhas entranhas.

Pobre loucura  
atrofiando o amor da amada.  
Teu pobre olhar  
atrofiou minha vida inteira.

X

Olhamos eternamente  
para as estrelas  
como mendigos  
que eternamente  
olham para as mãos.

E imaginamos  
cousas absurdas  
de realização.  
Cousas que não existem  
e cujo valor  
é o de consistirem  
parte da ilusão.

E olhamos eternamente  
para as estrelas  
porque parecem diferentes.  
E quando agrupadas  
eu as revejo individualizadas.  
Estrelas... só.  
Quem sabe se daquela imensidão  
elas sofrem o mal dissolvente,  
passivo,  
mas dissolvente ainda: solidão.

Brilham para o mundo.  
No entanto estão sozinhas  
na lúgubre fantasia de pontas.

Nunca, meditem,  
nunca as encontraremos  
pois elas olham  
igualmente para nós  
e nos desejam  
porque estão só.

## XI

Quando terra e flores  
eu sentir sobre o meu corpo,  
gostaria de ter ao meu lado tuas mãos.  
e depois, guardar meus olhos dentro delas.

## XII

Dia doze... e eu não suportarei  
o estado normal das cousas.  
O ano que vem, não vou desejar  
felicidades a ninguém.

Nem bom natal, nem boas entradas.

Meus amigos sabem de tudo o que eu sei.  
E continuam a viver sem interrupção,  
apressadamente como no ato do amor.  
São doidos e não percebem que amanhã  
Cristina não virá.  
Que amanhã Cristina vai morrer  
porque ama a vida.

Amanhã serei corajosamente Cristina.  
Eu, amando todos os que sofrem.  
Eu... essência.

Mas os meus amigos, coitados,  
não percebem.  
Fazem filhos nascer, fazem tragédia.  
Não sabem que o amor não é amor  
e a natureza é um mito.

Não sabem de nada os meus amigos.  
E não vou explicar

porque podem ficar sentidos.  
São puros, vão morrer como anjos.  
Vão morrer sem nada saber  
daqueles dias perdidos.

Vão morrer sem saber que estão morrendo.

### XIII

Me falaram de um deus.  
Eu chorava na quietude  
dos dias sós.

A irmã morta sorria  
o riso pálido dos santos.

Me falaram de um deus.  
Deus em branco.  
Deus que faz de flores, pedras.  
E de pedras, compreensão.

Deus amargurado.  
Chora e geme  
na quietude dos dias sós.

Consolo.

XIV

Fui monja  
vestida de negro  
em labirinto azul.

Antes do Ser  
havia um homem  
consciente  
destruindo  
o lirismo  
descuidado  
das madrugadas.

Estava presente  
nas conversas dos bares  
- solitárias histórias.  
Estava presente  
na fusão dos homens medíocres  
e dos homens sem cor.

Em azul e negro  
eu vi o esboço  
de um caso triste,  
aquele doido  
procurando as mãos.  
As mãos que deixara  
sobre alguma mesa  
de mármore azulado  
em algum labirinto azul.



Andei tanto por corredores vazios  
que nas minhas chagas  
não existem pés.  
Inconsciente monja vestida de negro,  
teus cabelos eram feitos de conchas,  
teu véu de redes do mar.  
Entre os dedos tinhas contas coloridas.  
Mas, havia um homem  
consciente  
destruindo o lirismo  
das tua madrugadas.

Morreu o mundo das monjas.  
Morreu o mundo das mãos.  
Sou doída desfigurada  
procurando mãos  
mergulhadas em azul.

Sou quase morta  
no descanso estéril  
da cor negra.

XV

*À Gisa*

Amiga, muito amiga.

Tristemente pensei nesses teus olhos tão tristes.  
Os homens não mais te compreendem.  
A vida, tu mesma compreendeste muito.  
O teu grande desejo de cousas novas  
desapareceu no rol das cousas velhas.  
O teu amor por ele transformou-se  
em amor maior: amor por tudo o que se extingue.  
Nunca foste tão verdadeira  
como nestes últimos dias de corajosa submissão.  
Se a morte amedronta,  
acaba placidamente, sem dizer adeus  
aos teus amigos, acaba sem preparação para o final,  
acaba sem melancolia, acaba sem dó.

E depois... acaba assim: na convicção  
de que se não findasses por resolução,  
a vida faria de ti, ó doce amiga,  
refúgio dos que não mais se entusiasmam,  
apoio dos homens solitários.

Hoje e só hoje, pensa com alegria no amor,  
pensa que as árvores estão todas em flor: azuis,  
amarelas, vermelhas. Pensa que vais acabar  
no desespero de um dia de sol...  
Pensa naqueles que não são e nunca hão de ser  
o que és agora.

Acaba depois sem um soluço, sem tragédia,  
sem dizer adeus aos teus amigos,  
acaba... só.

XVI

Tenho preguiça  
pelos filhos que vão nascer.

Teremos que explicar  
tanta coisa a tantos deles.  
Um dia hão de me perguntar  
tudo o que perguntei:  
Mãe, porque não posso  
ver Augusto quando quero?  
Mãe, andei lendo muito esses dias  
e estou quase chegando  
a encontrar o que queria.

Inutilidade das palavras.

Tenho preguiça,  
tanta preguiça  
pelos filhos que vão nascer.  
Dez, vinte, trinta anos  
e estarão procurando alguma coisa.  
Nunca se lembrarão  
daqueles que já morreram  
e procuram tanto.  
Vão custar (ó deuses)  
a entender aqueles  
que se mataram.

Os filhos que vão nascer,  
coitados!  
Hão de pensar que são eles  
os destinados.  
Hão de pensar que você  
nunca passou o que eles estão passando.

Os filhos que vão nascer...

Insatisfeitos.  
Incompreendidos.

## XVII

Todos irão sempre contra ti  
porque tens pureza.

Porque o agitado de tuas mãos  
é quase nostálgico.

Porque teus olhos  
ficarão abertos  
para quem os viu  
uma única vez.

Todos irão sempre contra ti  
porque hás de querer

um mundo novo e diferente.  
Porque és estranho  
e diferente para o nosso mundo.

És quase um louco  
porque não dás atenção  
à toda gente.

Dirão que és poeta.  
Porque a poesia aparece nos teus gestos  
como aparece fé na oração de um crente.  
Amaste quase todas as mulheres.  
Mas o amor agora é tão difícil.

Não existes para mim.  
Mas agitado, febril,  
quase doente, és vivo...

Vivo demais para viver conosco.

## XVIII

Ah, ternura dos dias  
que prometiam alguma cousa.  
Ah, noites que esperavam vida.

Disseste que o mundo  
dificulta o caminho dos bons  
e que pesa tanto nos teus ombros

o estandarte do amor.

Tua vida consumiu-se  
num sonho adolescente.  
Teus olhos há muito  
não dizem nada  
e simulam mistério  
quando sorris.

Sabes alguma coisa  
além dos homens.

Soubesses ao menos  
a eterna escuridão  
dos que procuram luz.

## XIX

As mães não querem mais filhos poetas.

A esterilidade dos poemas.  
A vida velha que vivemos.  
Os homens que nos esperam sem versos.  
O amor que não chega.  
As horas que não dormimos.  
A ilusão que não temos.

As mães não querem mais filhos poetas.

Deram o grito  
desesperado  
das mães do mundo.

XX

Antes soubesse eu  
o que fazer com estrelas na mão.  
Se dilacerar-lhes a ponta  
ou simplesmente não tocá-las.  
Se estão perto cegam meus olhos.  
Se estão longe as desejo.

Antes soubesse eu  
o que fazer com estrelas na mão.

XXI

Estou viva.  
Mas a morte é música.  
A vida, dissonância.  
Minha alegria é como  
fim de outono porque  
tive nas mãos ainda flores  
mas flores estriadas de sangue.

Há cristais coloridos  
nos teus olhos.

Vida viva nos teus dedos.

Estou morta.  
Mas a morte é amor.

Não fiz o crime dos filhos  
mas sonhei bonecos quebrados  
sonhei bonecos chorando.

Alguns dias mais  
e serei música.  
Serás ao meu lado  
a nota dissonante.



## BIBLIOGRAFIA DE HILDA HILST

## A) POESIA

- 1) **Presságio** (ilustr. de Darci Penteado). São Paulo, Revista dos Tribunais, 1950.
- 2) **Balada de Alzira** (ilustr. de Clóvis Graciano). São Paulo, Edições Alarico, 1951.
- 3) **Balada do festival**. Rio de Janeiro, Jornal de Letras, 1955.
- 4) **Roteiro do silêncio**. Rio de Janeiro, Anhambi, 1959.
- 5) **Trovas de muito amor para um amado senhor**. São Paulo, Anhambi, 1959.
- 6) **Ode fragmentária**. São Paulo, Anhambi, 1961.
- 7) **Sete cantos do poeta para o anjo** (ilustr. de Wesley Duke Lee). São Paulo, Massao Ohno, 1962.
- 8) **Poesia (1959/1967)**. São Paulo, Editora Sal, 1967.
- 9) **Júbilo memória noviciado da paixão** (capa e diagramação de Anésia Pacheco Chaves). São Paulo, Massao Ohno, 1974.
- 10) **Da morte. Odes mínimas**. São Paulo, Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.
- 11) **Poesia (1959/1979)**. São Paulo, Ed. Quíron/INL, 1980.
- 12) **Poemas malditos gozosos e devotos**. São Paulo, Massao Ohno, 1984.
- 13) **Cantares de perda e predileção** (capa de Olga Bilenky). Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.
- 14) **Sobre a tua grande face**. São Paulo, Massao Ohno, 1986.
- 15) **Alcoólicas**. São Paulo, Maison des vins, 1990.
- 16) **Amavisse**. São Paulo, Massao Ohno, 1989.
- 17) **Do desejo**. Campinas, Pontes, 1992. (inéditos “Do desejo” e “Da noite” e republicação de *Amavisse*, *Sobre tua grande face* e *Alcoólicas*)
- 18) **Bufólicas** (desenhos de Jaguar). São Paulo, Massao Ohno, 1992.
- 19) **Cantares do Sem-Nome e de partidas**. São Paulo, Massao Ohno, 1995.

## B) FICÇÃO

- 20) **Fluxofloema**. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 21) **Qadós** (capa de Maria Bonomi) São Paulo, Edart, 1973.
- 22) **Ficções** (capa de Mora Fuentes). São Paulo, Quíron, 1977.
- 23) **Tu não te moves de tí**. São Paulo, Cultura, 1980.
- 24) **A obscena senhora D** (capa de Mora Fuentes). São Paulo, Massao Ohno, 1982.
- 25) **Com os meus olhos de cão e outras novelas**. São Paulo, Brasilense, 1986.
- 26) **Rútilo Nada** (capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky). Campinas, Pontes, 1993.
- 27) **Estar sendo. ter sido**. São Paulo, Ed. Nanquim, 1997. (A SAIR)

## TRILOGIA ERÓTICA

- 28) **Caderno rosa de Lori Lamby** (capa e ilustr. de Millôr Fernandes). São Paulo, Massao Ohno, 1990.
- 29) **Contos d'escárnio** (capa de Pinky Wainer). Textos grotescos. São Paulo, Siciliano, 1990.
- 30) **Cartas de um sedutor** (capa de Pinky Wainer). São Paulo, Paulicéia, 1991.

## BIBLIOGRAFIA SOBRE HILDA HILST

- 29) ARAÚJO, Celso. "Lírica cavada na mais pessoal solidão". **Jornal de Brasília**, 27/6/92.
- 30) ARAÚJO, Celso & FRANCISCO, Severino. "Nossa mais sublime galáxia". **Jornal de Brasília**, 23/4/89.
- 31) ARÊAS, Vilma & WALDMAN, Berta. "Hilda Hilst - o excesso em dois registros". **Jornal do Brasil**, 3/10/89.
- 32) BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. "O fruto proibido". **Folha da Manhã**, 2/9/52.
- 33) CICCACIO, Ana Maria. "Hilda Hilst, porque a palavra é fé". **O Estado de São Paulo**, 27/5/84.
- 34) COELHO, Nelly Novaes. "A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst" e "A metamorfose de nossa época e Fluxofloema e Qados: a busca e a espera". In: **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo, Siciliano, 1993.
- 35) \_\_\_\_\_. "O livro da semana". **O Estado de São Paulo**, 22/2/81.
- 36) \_\_\_\_\_. "A poesia de Hilda Hilst e os avessos do sagrado". **Diário do Grande ABC**, 1/3/87.
- 37) \_\_\_\_\_. "A agonia dialética de **A obscena senhora D'**". **O Estado de São Paulo**, 20/3/83.
- 38) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst entre o sagrado e o efêmero". **O Estado de São Paulo**, 15/7/84.
- 39) \_\_\_\_\_. "**Qados** - A busca e a espera". **O Estado de São Paulo**, 24/3/74.
- 40) COELHO, Nelson. "Nota sobre a temática de Balada do Festival". **Correio Paulistano**, 12/11/55.
- 41) D'AMBROSIO, Oscar. "Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 2/1/87.

- 42) DIAS, Lucy. "A obscena senhora Hilda Hilst". *Marie Claire* (3). São Paulo, Ed. Globo, junho 1991.(ENTREVISTA)
- 43) FARIA, Álvaro Alves de. "Poesia iluminada de Hilda Hilst". *Jornal da Tarde*, 29/11/86.
- 44) FOSTER, David William. "Hilda Hilst. 'Rútilo Nada', *A obscena senhora D*, *Qadós*". In: LYON, Ted (ed.). *Chasqui (rev. de literatura latinoamericana)*. Texas, nov. 1994, vol. XXIII, nº 2, pp. 168-170.
- 45) GIACOMELLI, Eloah F. "Hilda Hilst em jornada interior do país da mente". *O Estado de São Paulo*, 30/10/77.
- 46) \_\_\_\_\_. "the brasilian woman as writer". *Branching Out*, Canadá, março/abril de 1975, vol II, nº 22.
- 47) GIACOMO, Arnaldo Magalhães de. "Poesia quase reflexiva". *Gazeta do Rio Pardo*, sem data. (sobre *Presságio*)
- 48) GONÇALVES, Delmiro. "O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst". *O Estado de S. Paulo*, 3/8/73.
- 49) GRAIEB, Carlos. "Hilda Hilst expõe roteiro do amor sonhado". *O Estado de São Paulo*, 14/8/95.
- 50) JUNQUEIRA, Ivan. "Sete faces da embriaguês". *Jornal do Brasil*, 27/6/92.
- 51) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia". *O Estado de São Paulo*, 14/12/86.
- 52) LINDON, Mathieu. "Hilda Hilst, la mère des sarcasmes". *Libération*, Paris, 17/11/94.
- 53) LINHARES, Temistocles. "Poesia brasileira". *O Estado de S. Paulo*, 30/4/60.
- 54) MAGALDI, Sábado. "A peça é original, mas irrita em vez de emocionar". *Jornal da Tarde*, 4/5/73. (Sobre *O verdugo*, texto ganhador do Prêmio Anchieta de 69)
- 55) MARIA, Cleusa. "A verdade extrema de Hilda". *Jornal do Brasil*, 17/9/82.
- 56) MASSI, Augusto. "Singular senhora". *Leia Livros*, out. 1983.
- 57) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst, 'tecelã de um texto total' ". *Correio Popular*, Campinas, 5/6/84.
- 58) MORAES, Eliane Robert. "A obscena senhora Hilst". *Jornal do Brasil*, 12/5/90.
- 59) PEDRA, Nello. "Hilda, estrela aldebarã". *Shopping News*, São Paulo, 10/1/78.
- 60) PRADO, Ivanira. "A poesia está morta?". *Diário de Rio Claro*, 5/7/92.
- 61) PY, Fernando. "A grande incógnita". *Jornal do Brasil*, 28/3/81.
- 62) RIDAUDEL, Michel. "Contes sarcastiques (fragments érotiques)". *Infos Brésil* (96), octobre 1984.
- 63) RIBEIRO, Leo Gilson. "Hibernar no verão? Dormir, morrer, sonhar com Hamlet? Não.Uma escritora vence a preguiça do verão, das editoras. Pouco valorizada, com a obra mais audaz realizada no país, depois de Guimarães Rosa.". *O Estado de São Paulo*, 24/1/76.

- 64) \_\_\_\_\_. "No meio da turbulência, a literatura em hibernação". **Jornal da Tarde**, 3/1/81.
- 65) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 15/3/80. (ENTREVISTA)
- 66) \_\_\_\_\_. "A morte, saudada em versos iluminados. Por Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 18/10/80.
- 67) \_\_\_\_\_. "Luminosa despedida". **Jornal da Tarde**, 4/3/89.
- 68) \_\_\_\_\_. "A esperança de chegar um dia a ter esperança. Hilda Hilst - Esta é a literatura que eu escrevo". **O Estado de São Paulo**, sem data.
- 69) \_\_\_\_\_. "Hilda, encantamento místico inigualável". **Jornal da tarde**, 16/6/84.
- 70) \_\_\_\_\_. "Punhal destemido". **Leia**, jan. de 87.
- 71) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst". **Revista Goodyear**, São Paulo, 1989, p. 46-51. (ENTREVISTA)
- 72) \_\_\_\_\_. "O vermelho da vida". **Veja**, 24/4/74.
- 73) \_\_\_\_\_. "Tu não te moves de ti, uma narrativa tripla de Hilda Hilst". **O Estado de São Paulo**, 16/3/80.
- 74) \_\_\_\_\_. "Os versos de Hilda Hilst integrando a nossa realidade". **Jornal da Tarde**, 14/2/81.
- 75) \_\_\_\_\_. "Mais uma obra de Hilda Hilst. Com todos os superlativos". **Jornal da Tarde**, 20/11/82.
- 76) RUSCHELL, Rita "Obscena sim. Mas uma escritora elegante". **Revista Semanário (167)**. São Paulo, 23/9/91.
- 77) SANTOS, Roberto Corrêa dos. "Sobre a ferocidade das fêmeas". **Jornal do Brasil**, 12/3/94.
- 78) SCALZO, Nilo. "Hilda Hilst lança hoje novo livro de poemas". **O Estado de São Paulo**, 23/4/74.
- 79) \_\_\_\_\_. "Fluxofloema inova a técnica da narrativa". **O Estado de São Paulo**, 1970.
- 80) SEFRIN, André do Carmo. "A sublime Hilda Hilst". **Leitura**. sem data.
- 81) SILVEIRA, Homero. "Roteiro de poesia". **Diário de São Paulo**, 1956.
- 82) \_\_\_\_\_. "Roteiro de poesia". **Diário de São Paulo**, 1956.
- 83) SHULER, Donald. "Hilda Hilst, vida/morte, mulher/homem". **O Estado de São Paulo**, 12/08/82.
- 84) SUSSEKIND, Flora. "Corpo e palavra". **Jornal do Brasil**, 4/6/77.
- 85) TAIAR, Cida. "A 'difícil' Hilda Hilst lança o seu 15º livro". **Folha de São Paulo**, 23/11/82.
- 86) TEIXEIRA, Maria de Lourdes. "Balada do festival". **Jornal de Letras**. 29/9/55.
- 87) VASCONCELOS, Ana Lúcia. "Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos". **Folha de São Paulo**, 19/9/77.

- 88) ZANOTTO, Ilka Marinho. "Relato poético que ilumina a face eterna do espírito".  
**O Estado de São Paulo**, 17/12/80.
- 89) KASSAB, Álvaro Luís. "A poesia é a hora dos trombones". **Diário do Povo**, 18/2/90.
- 90) sem autor. "Hilda explica Fluxofloema". **Folha de São Paulo**, 8/12/70.
- 91) \_\_\_\_\_. "Hilda Hilst lança Fluxofloema". **Folha de São Paulo**, 9/12/70.